



Capítulo 4

**O TEMPO DE INICIAR A  
PROPAGAÇÃO DOS ENSINOS  
DE DEUS NO PLANETA TERRA  
FOI CHEGADO**



## 4-1

4/1 Em sua nova residência em Nazaré, a que pertencera ao tio, José anunciou o que fizera desde que fora sequestrado: edificara sendas com pedras para os romanos nos arredores de Cérculis.<sup>[98]</sup> Estava muito perto dos seus, o que, na ocasião, desconhecia por completo. Com referência ao vilarejo, comentou como mudara, que crescera muito:

4/2 - “Quando partimos, deixamos crias pequenas que agora são homens de respeito e mulheres já com suas próprias crias.”

4/3 Explicou acerca dos estrangeiros subjugadores, que dentro de diminuto período estariam em Nazaré, como acreditava. Quando aportassem, afirmou

---

[98] Por muito os subjugados se apoiarem mutuamente, comumente uma **residência** era dividida com desconhecidos viajantes. Mesmo quando, por qualquer motivo, o dono se ausentava, ela não ficava vazia, pois um dos de sua gente nela se instalava.

A chegada, bem como a partida, de hebreus em um casebre não causava estranheza a nenhum sacerdote ou representante dos Herodes. Se os impostos cobrados fossem honrados, quem nela se estabelecesse não lhes importava.

O cultivador de melões, quando de Nazaré partiu à procura de José, consoante ao costume, permitiu que em seu tugúrio outros residissem. Como responsável para que seu patrimônio material fosse entregue aos testamentários, caso não regressasse, designou o ancião do lugar, um aparentado distante -a mãe desse era irmã de sua avó.

Mateus, conforme lhe facultado, deixou seus bens para os filhos de seus sobrinhos que trabalhavam as terras e nelas habitavam, visto que Ezequias, desaparecido havia muito, e seu caçula, de cuja existência limitado círculo de pessoas em Nazaré tinha ciência, foram dados como mortos.

Após diminuto tempo de seu retorno, o unigênito de Jacó expôs o decesso do tio ao de maior longevidade. Esse, com o pretexto de ter efetuado significativas benfeitorias nos imóveis, apossara deles e, para os devolver, exigiu ser ressarcido. Sem opção, o patriarca dos Clópatas satisfez as condições, assumindo a incumbência confiada pelo falecido ao desavergonhado.

Cumprindo a vontade do primeiramente carpinteiro, suas propriedades, desde que José se acertara com o usurpador, continuaram a servir como moradia e ganha-pão também para os que foram nomeados legítimos proprietários, que delas usufruíram pelas décadas seguintes.

que seriam donos até da vivência dos hebreus. Indignado, perguntou-se quando encerraria tamanho sofrimento. A seu convite, Maria e os demais se apropriaram, quando, então, penhoradíssimo pelo que obtera, orou ao Senhor:

4/4 - “Fico grato por estarmos todos juntos outra vez, por não ter ficado doente da cabeça e por ter minha liberdade de volta.”

4/5 Narrou, ainda, em relação ao varão da túnica branca e das derradeiras palavras que lhe endereçara. Delas, nada compreendera, mas, junto da cônjuge, inferiu claramente o que lhe fora explanado:

4/6 - “Aconteceu em tão pouco tempo que nem passou no meu interior saber de onde vinha aquele homem. Fico grato a ele por ter me mostrado a verdade do Senhor.”

4/7 A caçula de Joaquim expôs-lhe sobre o amparo auferido do, em sua aceção, enviado de Deus, pois se exibia com induto alvíssimo, mesmo a se deslocar pelo deserto sem provisões, asno ou camelo.

4/8 “Só um anjo do Senhor não necessita de pão e água”, sentenciou ela, descrevendo o real condutor da caravana desde a saída da ex-gleba de Antípatris.

4/9 O delineamento do benfeitor fez com que o protegido de Jacó tivesse a certeza de que era o mesmo que o visitara no cativeiro:

4/10 - “Sei que foi o Senhor que me ajudou. Agora, vou fazer o que sei, que é trabalhar a madeira. Falo que é melhor fazer bancos que caminhos para os Herodes e os romanos. Fico grato ao Senhor por ter afastado do meu coração o medo de perder a vida.”

4/11 Mal terminou de se expressar, entrou correndo o outrora Jeremias, que noticiou aos genitores:

4/12 - “Vi aquele homem que é jogador e estava a fugir, só não sei em que lugar. Digo que ele está cego.”

4/13 Nazaré totalizava, quando a caravana de Alfeu nele se internou, seiscentos e vinte e cinco íncolas, incluindo as crianças, diferentemente do momento em que o nascido Jesus partira, oportunidade na qual era habitada por, aproximadamente, trezentos e vinte indivíduos.

4/14 A matriarca continuou sendo chamada Maria de Clópatas, por ser corriqueiro aos dominados alterarem seus nomes, o que não causava surpresas ou delações, devido às constantes perseguições. Apenas dezesseis mulheres recordaram-se de que era nativa do povoado.<sup>[99]</sup>

---

[99] Das dezesseis, somente três possuíam língua, pois era comum o pai cortá-la visando à valorização do produto quando de sua união.

Quanto a José, por ninguém foi reconhecido.

4/15 Nazaré situava-se a cento e sessenta quilômetros ao norte de Belém, cidade na qual o prometido aos profetas aportaria neste mundo, conforme indicavam as profecias. Por ser a população do hospitaleiro amontoado de tugúrios classificada como paupérrima e por a insuficiência do líquido essencial à vida imperar, poucos no minúsculo aglomerado fixavam-se. A atividade de trocas, excetuando-se entre os locais, era praticamente ausente, ao contrário do que ocorria em Belém, urbe com muitos mercadores e excelente região para conquistar lucros.

4/16 Os do vilarejo construíram um reservatório para que a escassa água de que dispunham fosse reutilizada, servindo, depois, basicamente aos animais. Quando um petiz era banhado, um recipiente lavado, ou havia sobras do processo de tecimento da lã, ao açude se destinava. Em 19 a.C., por bênção do Senhor, segundo sentenciaram, surgiu um límpido manancial na margem do tanque, que designavam lago. Brotava debaixo de uma rocha e, da mesma forma que sobreviera, desapareceu em 29 d.C..

4/17 Circundada por cinco elevações maiores e inúmeras outras de menor tamanho, Nazaré tinha o ar excessivamente seco, o porquê de, à noite, quase não se respirava. Produziam melões exclusivamente pela interferência divina, como acreditavam seus habitantes, não em quantidade, mas ceifavam para consumo próprio e insignificante escambo. Plantavam, também, uma espécie de uva que chamavam vinhadalho, denominação recebida em virtude da cor do vinho que dela resultava e pelo seu azedume. Era crença geral de que, quem comia o fruto ou bebia seu suco, ficava zozzo, enxergava o que não existia; portanto, restritamente os homens é que estavam aptos. Por terem sido mandadas pelo Senhor, como afirmavam, apenas as donzelas e virgens, porque eram sem pecados, e que não estivessem menstruadas, podiam macerá-las.

4/18 Para José e os de sua família, o cotidiano transcorreu com normalidade. O varão manteve-se no exercício da profissão de carpinteiro sob o mesmo antropônimo de quando em Hiatta morara. Para os da coletividade, era o companheiro de Maria de Clópatas, o protetor do pequeno José, de Mateus, de João, de Tiago e de Verônica.<sup>[100]</sup>

4/19 Natanael, que a começar da ex-gleba de Antípatris muito colaborou na jornada, encarregou-se de arrotear parte das terras que fora do cultivador da rasteira e doce erva, cuidando da lavoura e da comercialização da colheita, juntamente com os seus, excluindo-se Ismael, que se nupciara à filha de um negociante e seguira com a cáfila do sogro.

---

[100] Marta não atraiu a atenção dos sacerdotes ou dos detentores de poder ou mando, apesar de ser ela filha de José e de haver vivido no vilarejo sob os cuidados do tio do afamado artesão da madeira. A caçula de Sara era apenas uma mulher. Foi ela, quando de seu regresso a Nazaré, considerada uma abandonada, uma sem família, que interesse algum despertava.

**4-2**

4/20 Desde que adentrara na desimportante povoação, Alfeu se deliciava em relatar os acontecimentos que envolveram o grupo que capitaneava, das ameaças enfrentadas e de como ludibriara os ignorantes soldados, não em uma única ocasião. Hospedado em uma estalagem anexa ao permutador de asnos, havia dias que narrava os mesmos fatos; todavia, propositadamente para usufruir dos louros sozinho, não pronunciava os nomes dos partícipes, generalizando suas ações e o tempo decorrido. Com suas histórias, granjeou a atenção de muitos, que lhe ofertavam alimentação para que expusesse suas epopeias. Não se cansou de indagar em alto e bom som:

4/21 - “Aquele que é mais esperto é a minha pessoa ou são os comandados de Herodes Antipas? De que valem camelos e belos cavalos? Tantos comandados, e a minha pessoa, só, enganou mais de quarenta homens armados com lanças. Falo que conheço todos os caminhos e sei onde me esconder no deserto.”

4/22 Propagando os seus préstimos, arrematava:

4/23 - “Aquele que necessitar de um bom condutor de caravana, é só falar com a minha pessoa, que estará livre de todos os perigos e chegará com vida no lugar que quiser.”

4/24 Explanava o sucedido para qualquer um, bastava estar disposto a escutá-lo. Por muito gargantear, seus feitos alcançaram não somente os dominados. Quando com imodéstia repetia suas peripécias, Zidec, secundado por alguns dos asselvajados guerreiros disfarçados e inúmeros mais que o esperavam nas imediações do vilarejo, fez-se presente no recinto. Incontinênti ao discursador terminar, foi encerrado.

4/25 Ezequias, que secretariou o consiliário na empreitada, nem perto da residência do genitor se apropinquou. Não manifestava o mínimo interesse se ele estivesse vivo ou não, o que não suportaria era ser distinguido pelos de sua gente, que considerava desprezíveis, apesar de que o deslocamento até o paupérrimo, para os opressores, aglomerado tinha objetivo uno, encarcerar o possível bravateiro.

4/26 Em Cérculis, o próprio tirano interrogou Alfeu:

4/27 - “Sei que gostas muito de falar, o porquê de a minha pessoa perguntar para a tua onde estão aquele que é carpinteiro e aquele que foi prometido, ou enviado pelo deus hebreu? Se queres salvar a tua vida, falas onde eles estão.”

4/28 Vociferando, concluiu:

4/29 - “Para onde levaste todos aqueles hebreus?”

4/30 Quem se autoproclamara rei permaneceu a uma distância de cerca de seis metros e no patamar de uma escada, pois o pavor de se aproximar de um se-

melhante, não importava a identidade do súdito, e pegar as chagas era avassalante e incontrolável. Cabia ao conselheiro real intermediar as inquirições e respostas. Quando mais uma vez foi questionado, o timoneiro apregooou que nenhuma notícia sobre o procurado detinha. O déspota exclamou, então, por que efetuara a longa jornada desde Hiatta e se ocultara de seus valorosos combatentes. Complementou o raciocínio:

4/31 - “Enganaste a minha pessoa por nada? Sei que foste aquele que conduziu a caravana em que aquele que falam ser enviado, ou prometido pelo deus hebreu e aquela que carregou ele no ventre estavam.”

4/32 Novamente, o prisioneiro negou possuir informações concernentes ao que ansiavam inteirarem-se. Herodes Antipas, furioso, sentenciou ao subalterno:

4/33 - “Obtém a verdade dele!”

4/34 Colocado na roda da tortura, como era chamado o instrumento que utilizavam para o quase sempre êxito nas cruéis arguições, Alfeu desencarnou. Durante seu suplício, nada fazia a não ser rogar desculpas ao Senhor por ter tagarelado. Seus pensamentos eram de arrependimento e de amparo:

4/35 - “Agora sei o mal que estava a causar a mim mesmo. Não devia ter falado uma só palavra; agora, nada falarei, não entregarei o Seu prometido. Senhor, se puder me perdoar, peço que me liberte deste sofrimento. Sei que não mereço: me enviou ajuda, mas o orgulho não me permitiu ver o sinal. Sei que a nossa verdade nos causa sofrimentos maiores: só conseguimos ver o que queremos, não o que nos é mostrado. Perdoe este homem que só agora encontrou a verdade: a riqueza de uma vida está em Lhe conhecer. Peço que alivie o meu sofrimento: tenho medo de não aguentar e falar onde está o Seu prometido. Senhor, me ajude a não conquistar mais compromissos. Fico muito grato.”

4/36 O caravaneiro que acompanhou o primogênito de Maria por, praticamente, uma primavera, não sentiu dor quando teve seus membros arrancados do corpo, fenecendo com um contagiante sorriso, convencido de que fora escusado. Deixou a vida de carne retornando à vida de espírito, que, por ignorância, temia-a. Acreditou que esbarraria em quem abonavam ser de Alexandria, pois consciência ficara de que era ele um anjo do Senhor, que unicamente o veriam os que fossem para junto dos mortos.

4/37 Seus últimos vocábulos, que muitos, não obstante os séculos transcurados, guardam em seus íntimos, foram dirigidas a seus algozes, Ezequias e Zidec, quando desprendia de seu corpo uma das coxas, o que fez suas entranhas aparecerem:

4/38 - “Não se pode fugir da verdade do Senhor. Leve o tempo que for, falo que aceitaremos ela.”

4/39 Ainda em Cérculis, nos locais mais movimentados, o mesmo varão que

se aprazia com as atividades de azar, quem, ao ser emancipado por Quirino Maruno, afirmara que iria para Jerusalém, explicitava as proezas do pequeno José. Anunciava que o menino não previa o resultado das pedras dos bichos, elas é que indicavam o que lhes fora determinado; que nada ficava da mesma forma após sua chegada; que pressentia o que aconteceria.

4/40 Propagandeava, incansavelmente, o episódio que não se furtava em avalizar ter ocorrido com ele:

4/41 - “A minha pessoa estava para perder a vida e pedi para a cria de Belém me ajudar. De repente, ouvi trovões com o céu claro; depois, trombetas. Foi quando surgiu do deserto uns trinta cavalos brancos cobertos de fogo e um homem, que parecia ser enviado do céu, com uma enorme barba branca e com as mãos cheias de moedas. A cria de Belém, com os olhos no homem, transformou as moedas em ouro e trocou elas pela minha liberdade. Não perdi a vida e aqui estou, livre.”

4/42 Descrevia para qualquer um que lhe desse algo de valor, o que quer que fosse. Em uma tarde, papagueava que o garoto transportara água na túnica quando os assassinos de Alfeu, disfarçados, fizeram-se presentes. Ao findar as fantásticas narrativas, foi aprisionado. Quando interrogado sobre o agente dos feitos, garantiu desconhecer seu paradeiro, acrescentando:

4/43 - “Desta vez falo que nada fiz não certo.”

4/44 Zidec, ostentando indiferença, comentou que os eventos eram difíceis de admitir como verossímeis e indagou se, de fato, eram autênticos. O vicioso os ratificou.

4/45 - “É o que veremos”, decretou o consiliário.

4/46 Para demonstrar que não adiantava mentir, relatou-lhe:

4/47 - “Sei que és chamado Jerdam e vieste a este mundo em Belém. Ganhaste colheitas em uma família de honra, depois te perdeste pelos caminhos das pedras dos bichos. Foste encerrado em Gaza, Ascalom e Corazim. Jogas, enganas e foste condenado por brigas e por saquear mercadores. Há vinte e quatro luas, quando parecias ter mudado, mudança que durou pouco, adquiriste a confiança de um dos vigias, conseguiste entrar neste palácio e saqueaste alguns pertences meus, que perdeste tudo nas pedras dos bichos. Encerrado, conseguiste escapar por todo esse tempo em que estive a te buscar.”

4/48 - “Sabes mais do que fiz do que a minha própria pessoa. Falo que és um deus”, asseverou o despojador.

4/49 - “Não sou um deus, sou só o conselheiro de Herodes Antipas.”

4/50 Ezequias concluiu:

4/51 - “Protegido de Herodes, o grande, o magnífico, o dizimador de inimigos.”

- 4/52 Ao término dos elogiosos adjetivos, o esbulhador se fez transparente:
- 4/53 - “Falo que aceito.”
- 4/54 - “Aceitas o quê? Ainda não te pedi nada!”, proferiu Zidec.
- 4/55 - “Quando um miserável, como a minha pessoa, encontra um poderoso, como a tua, não resta nada a não ser aceitar”, respondeu Jerdam.
- 4/56 O ganancioso conciliário expôs seu objetivo:
- 4/57 - “Não é a tua pessoa que me interessa. Busco aquele hebreu que consegue adivinhar quantos bichos as pedras revelam e fazer o que nem uma outra pessoa ainda fez. Como ele é chamado?”
- 4/58 - “Pequeno José.”
- 4/59 - “Temos muitos chamados José. É verdade tudo o que falas dele, ou é tua imaginação? Sabes como encontrar ele, não?”
- 4/60 Mesmo receoso de ser chacinado, o defraudador foi sincero na manifestação. Seu colutor, entendendo que a negativa era por nada auferir, ofertou-lhe recompensa:
- 4/61 - “Quando uma pessoa, como a tua, encontra um homem poderoso, como a minha, não fica sem moedas.”
- 4/62 Bens materiais, fartura junto dos poderosos, fortuna e influência, o que sempre aspirara. Mesmo ignorando por completo onde estaria o menino, o ladrão comprometeu-se a trazê-lo.
- 4/63 - “Herodes Antipas está convencido de que a salvação de seu reino depende de um mago poderoso, que irá exterminar todos os seus inimigos. Herodes Antipas quer encontrar todos os magos da terra”, realçou o satisfeito conselheiro.
- 4/64 Somente, então, Jerdam abarcou o imbróglio em que se envolvera. Com desfaçatez, informou que o feito pastor por Esmael era de poucos aniversários.
- 4/65 - “As crias ganham colheitas. Vai buscar por ele. Esperarei pela tua pessoa por duas vezes que o Sol for e vier”, finalizou Zidec, que, por acreditar estar o garoto em local de ciência exclusiva do espoliador, nenhum argumento empregado fez com que dilatasse o período estabelecido.
- 4/66 Seguido sem que percebesse, o assaltante possuía a precisa noção da impossibilidade de executar o que tratara. Lembrando-se da última oportunidade em que com o primogênito de Maria estivera, esse lhe noticiara que os pais iriam para Nazaré, tentou obter um camelo ou um asno, pois se recusava a caminhar, para se deslocar até o vilarejo vizinho. Como não era dono de nada de valioso, não foi exitoso. Chegou a pedir, por pensamento, socorro ao seu procurado.
- 4/67 Convicto da inutilidade de fugir, pois seria infalivelmente detido, propôs a um de idêntico tamanho que o caçado e de antropônimo José adentrar

no paço do monarca. O de parcas primaveras, contentíssimo, anuiu. Antes de vencer o prazo, apresentou-se ao consiliário, persuadido de que aguardariam seu convidado adquirir mais idade, e o mais importante, de que receberia a paga combinada. Na sua mente, com o dinheiro em mãos, de imediato desapareceria da povoação.

4/68 Enquanto Jerdam expectava atalaiado por quatro comandados, o deslumbrado substituto, banhado e adornado, foi conduzido até o autoproclamado soberano. O conselheiro real apregoou que água fosse colocada no traje do apenas turista, não sem primeiramente recomendar-lhe que gota alguma caísse. E o líquido, obviamente, vazou. Mandou que lançasse as pedras dos bichos e que elas resultassem cinco. Amedrontado, o juvenzinho petrificou.

4/69 - “Faze com que dê o número sete, com o qual estás habituado”, asseverou-lhe Zidec.

4/70 Arremessadas, a somatória não foi a proferida. O tirano confessou ao José de Cérculis que não mais dormia tranquilo e que, se ele fizesse com que, ao descansar, os pesadelos cessassem, o consideraria um inigualável mágico e adivinho.

4/71 - “Nada do que me ordena sei fazer. Só vim conhecer o teu palácio, que é muito grande. Peço para perdoares a minha pessoa”, manifestou-se o púbere súdito.

4/72 Em outro dos constantes acessos de fúria, o déspota expulsou-o e, dirigindo-se a seu consiliário, determinou, apontando para quem se deleitava com as atividades de azar, que de longe os observava:

4/73 - “Quero aquele homem sem visão. Ele está a mentir. Falo que todos as crias de Belém estão sem vida no vale. Foi o meu protetor que ordenou suas mortes por causa da profecia, e viu os seus corpos.”

4/74 Com arrogância, sentenciou:

4/75 - “Aquele homem perderá a visão por mentir para um rei.”

4/76 Possesso, perguntou a Zidec se estava inteirado do predito. Esse, acostumado ao destemperado comportamento, respondeu positivamente e se retirou para cumprir o decretado.

4/77 - “Herodes, o grande, deixou a vida a lamentar essa profecia, que obrigou ele a ordenar um massacre. A profecia anunciava que uma cria chegada em Belém se tornaria rei. Herodes, o grande, teve que defender seu reino, e Herodes Antipas defenderá o dele”, explicitou o conselheiro após o apenado, desonestamente, afirmar que a ignorava.

4/78 Enérgico, concluiu:

4/79 - “Sabes que mentiste para Herodes Antipas!”

4/80 Objetivando que fosse propagandeado a exaustão o que aconteceria a quem inventasse fatos, o despojado, no local destinado ao mercadejo, foi amarrado à pedra do castigo com o queixo apoiado em uma saliência, para que a cabeça ficasse voltada para o alto. Nela, conservaram-no por quatro dias e três noites com os olhos cobertos de sal e enrolados em um pedaço de lã de carneiro. Libertado, seus globos oculares estavam embranquecidos por completo. Permaneceu perambulando por Cérculis, sujeitando-se ao alimento que lhe era atirado ao chão. Tateava longo tempo para apanhá-lo. Muitos dos íncolas, para se divertirem, jogavam rochas, declarando serem pães. Sem trégua, garantia para si mesmo que o menino de Belém lhe devolveria a capacidade de enxergar.

4/81 Ao pronunciar pequeno José, como conhecera o primogênito de Maria, Jerdam fez com que Ezequias revelasse a seu contratante o que mantinha em segredo atinente ao primo e o tio e, pela atitude, julgou ser merecedor de recompensa.<sup>[101]</sup> Com as informações, Zidec renorteu sua agenda. Conscientizado da história de José, o carpinteiro, e familiarizado como os subjugados agiam para que os filhos jamais se esquecessem de quem descendiam, acreditou que ele não deixaria sua origem desaparecer.

4/82 Para os hebreus, nada possuía importância maior do que ter um antropônimo honrado, o que legariam para as gerações futuras. Eles, muitas vezes, não nominavam seus rebentos homens para que, quando crescessem, pudessem fazer os seus, como se exprimiam. Se o pai fosse probo, em consequência, respeitado, teria seu antropônimo adotado; não o sendo, comumente o filho assumia o de um antepassado que fora virtuoso. No entanto, o herdeiro que não seguisse o caminho reto, tinha o compromisso de zelar, se o protetor fosse digno, pelo seu decoroso nome, não o utilizando.

4/83 O consiliário aceitou que o arrimo do prometido pelos profetas dos reprimidos não era chamado José rotineiramente, mas sim José Bem Jacó, por quem, a partir de então, procuraria.<sup>[102]</sup>

## 4-3

4/84 Em torno de 1 d.C., transcursadas décadas de matanças indiscriminadas por resolução dos usurpadores, os dominados estavam quase que dizimados.

[101] Ezequias sabia de Jacó porque Mateus muito comentava, com orgulho, sobre o cunhado.

[102] Os que auxiliassem outros dos de sua gente recebiam o qualificativo **Bem**, adjetivo que incorporavam ao nome. Quem necessitasse de amparo, certamente nele o obteria.

As garotas, desde os primórdios do cruel governo de Herodes, o grande, eram capturadas, escravizadas e mutiladas ao bel prazer dos poderosos; depois, eram chacinadas ou descartadas como animais para serem assassinadas pelos de seu próprio sangue. Os jovens, igualmente agrilhoados, prestavam serviços às esposas de qualquer um que detivesse autoridade; contudo, como medida de precaução, eram castrados. Outrossim, a começar em 23 a.C., em decorrência da Lei das Viúvas, como na mente dos assaz refreados ficou gravado, muitos dos varões saudáveis e livres sistematicamente encontraram a morte, sem ponderar o que o detestado Mamom ordenara que fizessem aos recém-nascidos, filhos dos miseráveis, conforme enunciavam, apresentados nos Templos. Do mesmo modo, os romanos, quando chegaram, por classificarem os vencidos, principalmente as mulheres, raça inferior, somente fizeram por aprofundar a redução do espoliado povo.<sup>[103]</sup>

4/85 Constatada a preocupante situação, o que ocasionava escassez da mão de obra, em uma ação concatenada, a mando dos Herodes, com o intuito de fazer regressar os milhares que fugiram, foi difundido que o território se transformara em região tranquila, superior até a Cafarmaum e ao Egito.<sup>[104]</sup>

4/86 O boato se espalhou com incrível rapidez, alcançando os mais remotos lugares; entretantes, os cativos das consortes dos Herodes e dos demais áulicos, ao tomarem conhecimento do plano traçado através das que assistiam, quando entre elas o comentavam, iniciaram a divulgar a pseudo-harmonia. Para avisarem os exilados, empregaram uma palavra, uma espécie de código, simples e inteligível, exceto para os controladores, que, por não depreenderem o significado, não puniriam ninguém.

4/87 A tetrarquia dos Herodes foi, então, designada palestina. Se um exilado se inteirasse, quer fosse por algum pedaço de couro, quer noticiado, do vocábulo, saberia que, na Galileia, na Samaria, na Judeia e na Pereia, a paz era mentirosa propaganda. Os arredados e muitos dos subjugados tinham ciência da acepção da expressão, menos os tiranos e a corja que os secundava.<sup>[105]</sup>

4/88 A maioria dos hebreus, resgatando mazelas conquistadas no pretérito, aportaram nesta morada sob a vigência de privações extremas, ganharam colheitas e persistiam a viver a dramática conjuntura, aceitando-a como se fosse a vontade

[103] Aos dominados, com a **chegada dos romanos**, nem mais sonhar com liberdade e paz foi exequível. Não lhes permitiram mais que conversassem a respeito do único Deus em que acreditavam, pois os deuses eram os dos ádvenas, raça superior.

[104] Dois vilarejos se diferenciavam dentro os governados pelos Herodes. Em Cafarmaum e Cessareia de cima, os déspotas não exerciam plenamente suas crueldades. Possibilitavam aos subjugados um pouco de tranquilidade em virtude de carecerem de mão de obra na pesca e no cultivo do trigo, melões e damascos. Bastava quitar os impostos que nada sofreriam.

[105] Ao serem localizados objetos com a palavra palestina gravada, decretaram que a região, efetivamente, fora chamada da maneira que hoje conhecemos.

do Senhor. Subsistiam em aglomerados humanos onde a água era produto perto do inacessível; o calor escaldava; para se depararem com solo fértil, cavavam aproximadamente um metro de areia; Cessareia de baixo, vilarejo no qual inexistia carência do imprescindível líquido ou grãos, era longínquo. Outros, porém, não entendiam que o padecimento lhes imposto era para que pagassem os pecados cometidos por seus pais, como ensinado, e evadir-se era a única saída.<sup>[106]</sup> Destinavam-se a Assíria, a Grécia e, em quantidade relevante, ao Egito; entretanto, geração após geração, mantinham-se desejosos de retornar ao berço de seus ancestrais.

*OS ENSINOS DE DEUS SÃO LUZ QUE NÃO SERÁ OCULTADA.*

veja 4/97

*ADQUIRIMOS SAPIÊNCIA NOS DIVERSOS ESTÁGIOS  
QUE EFETUAMOS NA VIDA DE CARNE.*

veja 4/115

## 4-4

4/89 O pequeno José não era mais tão pequeno. Seus genitores conversavam sobre o que escutara José dos recentes acontecimentos. Afirmava ele à esposa que a pátria dos de sua gente estava em discórdia e que os romanos imperavam. Por até os caminhos pelo deserto não estarem seguros, Nazaré sofria com a ausência dos parques mercadores que para ali se aventuravam. Salientava, ainda, que urgia comprar lenho em paragens distantes, porque não o traziam e, sem ele, não tinha como reparar os arados, que se encontravam, quase na totalidade, quebrados. Enfático, sentenciou que não possuía outra opção: teria que ir para Cessareia de baixo e se deslocaria com o primogênito da consorte; contudo, os que convidara para seguir junto deles mostravam-se receosos de deixarem o povoado.

4/90 Sempre apreensiva pelo fruto inicial de seu útero, pretendendo que a marcha não adviesse, Maria realçou ao cônjuge as ameaças que enfrentaria, incitando-o a permanecer no lugarejo. Asseverou que, até que os perigos cessassem, poderiam se alimentar de melões, lembrando-lhe que restava um pouco de trigo. Justificou-se o carpinteiro:

---

[106] Diminutos entre os da reprimida população da Galileia, da Judeia, da Perea e da Samaria se atreveriam a enfrentar os odiados tiranos, mantidos nos cargos pelo César, porque seriam mortos; todavia, os herdeiros de Herodes, o grande, cada dia mais solicitavam soldados para guarnecerem seus quinhões de terra. Côncios de que queriam defender-se, não de possíveis ataques de inimigos, mas sim de outro Herodes, em 1 d.C., os estrangeiros resolveram eles mesmos, e ostensivamente, reinar sobre a tetrarquia. Desde então, o poder dos titeres foi somente aparência, pois quem decidia eram os enviados pelos da imperial metrópole, o que sucedeu até 40 d.C..

4/91 - “Para plantarmos, necessitamos trabalhar a terra e, sem madeira, não conseguirei consertar os riscadores. Sem virar a terra, como iremos plantar? Falo que se não plantarmos logo, estaremos a ceiar até as sementes e nada teremos para nova plantação.”<sup>[107]</sup>

4/92 Taxativo, concluiu:

4/93 - “E onde iremos buscar ajuda, se somos todos iguais?”

4/94 Ante a explicação, a caçula de Joaquim a nada mais objetou. Mesmo não anelando que o nascido Jesus acompanhasse o marido, não foi exitosa em impedir que andassem até Cessareia de baixo.

4/95 23 de Março de 1 d.C.. Com quatro asnos, que seriam trocados pela vital matéria-prima, e três camelos, protetor e protegido, na primeira jornada do pequeno José sem que estivessem em seu encalço, principiaram a viagem. Foram juntos o inseparável Mateus, Natanael e Elias, que recebera o mesmo nome do arabi de Hiatta por terem seus pais, em muito, sido auxiliados pelo bondoso homem.

4/96 Durante a caminhada, os dois Josés muito parolaram. O vindo ao mundo por último, prestes a aniversariar onze anos, ciente do momento ser o propício, anunciou ao mais velho:

4/97 - “Digo que logo terei que partir para levar a todos **os ensinoss de Deus, luz que nem a maior das trevas conseguirá esconder.**”

4/98 Sem que o herdeiro de Jacó compreendesse o conteúdo de seus verbos, prognosticou:

4/99 - “*Depois da morte do meu corpo de carne, passarão muitas gerações sem que os ensinoss de Deus sejam conhecidos como agora os trago.*”

4/100 Não muito preocupado com o proferido pelo filho, respondeu-lhe que demoraria até que tivesse idade para decidir seus dias, que não deveria se inquietar.

4/101 - “Tenho que começar logo. Digo que não terei todo o tempo que tens na mente”, evidenciou o prometido.

4/102 Determinado, prosseguiu:

4/103 - “Estou com a mente naquela que me carregou em seu ventre. Digo que ela não é forte como a tua pessoa.”

---

[107] ... e nada teremos para nova plantação ...: significativa parte dos hebreus laboravam o solo coletivamente, e a colheita era dividida igualmente. O cabeça de cada lar deveria guardar um percentual da produção para que outra vez fosse semeada.

4/104 Ficou José assustado com os termos utilizados por quem julgava ser, ainda, um menino. Energicamente, decretou:

4/105 - “O que falaste não é assunto para uma cria de poucas colheitas. É o rabino que está a te ensinar?”

4/106 - “Por agora, digo que não tens como conhecer, mas saberás que no corpo de carne que agora é de uma criança, habita um espírito que adquiriu sabedoria no decorrer dos tempos.”

4/107 - “Estás doente da cabeça? Falas que no teu corpo há um espírito e que esse espírito tem mais sabedoria do que a minha pessoa?”

4/108 - “O que digo é que conheço caminhos que só conhecerás em tempos que estão por vir, mas que terás o mesmo conhecimento que agora tenho, porque somos irmãos, filhos do mesmo Pai.”

4/109 O também consorte de Sara não atinou para o profundo significado do que escutara, entendendo a elucidação como ofensa:

4/110 - “Falaste que não tenho sabedoria e que não conheço os caminhos, como aqueles que são de tua família não conhecem?”

4/111 Sem detença, por se sentir insultado, concluiu:

4/112 - “Falo que aqueles que são de tua família não conhecem os caminhos porque ainda não completaram as colheitas que trazem sabedoria, mas a minha pessoa possui sabedoria que vem com as colheitas.”

4/113 - “Não digo da sabedoria que as colheitas trazem, mas da sabedoria, do conhecimento que são adquiridos nas várias vindas à vida de carne que já tivemos.”

4/114 Pelo semblante de José, ficou nítido que continuava a não abranger o norte oferecido. Retomou o esclarecimento o pequeno José:

4/115 - “Digo que és meu pai na vivência que agora temos, mas, antes, és meu irmão, que somos todos filhos do mesmo Pai. Aqueles que são teus filhos na vida de carne e todos aqueles que encontrarmos pelos caminhos são nossos irmãos. **Digo que cada um de nós tem a sabedoria e o conhecimento que adquiriu nas várias vindas que tivemos à vida de carne.**”

4/116 Mesmo não inferindo em sua plenitude a acepção do articulado, ficou José aliviado: não era um outro de sua prole um ignorante, o que lhe deixaria deveras desagradado.

4/117 Satisfeito com o que o mantenedor captara de seus verbos, o ansia-díssimo redentor lhe postulou que, com paciência, conversasse com a genitora e lhe explanasse que teria que se ausentar de Nazaré e que ela não poderia acompanhá-lo.

## 4-4.1

4/118 Mateus, que não se lembrava de um único momento em que ficara longe do sobrinho, então, cômico de que ele partiria, pleiteou-lhe que o levasse junto, enchendo-o de perguntas. Vaticinando o papel para o qual o espírito criado por Deus que habitava o corpo físico de quem era seu tio se preparara e que somente após vinte séculos seria de ciência geral, revelou o nascido Jesus:<sup>[108]</sup>

4/119 - “Estarás com a minha pessoa até o fim. *Digo que serás aquele que dará testemunho das minhas palavras*”, o que propiciou intenso contentamento ao caçula de Ana, porque abarcou que sempre estaria com seu interlocutor, que não ficaria solitário, que morreria junto de quem tinha como irmão de sangue.

4/120 Por alcançar com os olhos um outro vilarejo, o primogênito de Maria retornou a conferência:

4/121 - “Digo que estamos a chegar. Como será esse lugar?”

4/122 - “Vamos chegar para ver”, sentenciou o aparentado, que começou a marcar no couro agulhas dos eventos da vivência do pequeno José.

4/123 Desde muito, observava Mateus que o inseparável amigo ficava a prostrar sozinho, a questionar e a responder, como se dialogasse com um ser invisível. Em seu íntimo, consolidava-se a convicção de que ele era diferente dos demais.

***POR INTERMÉDIO DOS ENSINOS DE DEUS, SOMOS ORIENTADOS  
A DIVIDIRMOS UM POUCO DO QUE TEMOS COM O IRMÃO QUE  
PRECISA DE AMPARO, SEM QUE ESCOLHAMOS O AUXILIADO.***

veja 4/130

***NOSSO PAI NÃO NOS IMPÕE NADA, ELE NOS ENSINA E, ATRAVÉS  
DOS SEUS ENSINOS, NOS MOSTRA O QUE FAZER.***

veja 4/133

4/124 Durante o período noturno, quando repousavam, juntaram-se à minúscula caravana dois homens que asseguravam serem mercadores. O herdeiro de Jacó, que montava guarda, logo atinou que eram assaltantes, visto terem muitas moedas, que exibiam e sobre as quais glosavam incessantemente, e nenhuma lâ, semente ou animal para serem trocados. Noticiaram os malfeitores que ficariam junto deles exclusivamente para o pernoite; quando o Sol aparecesse, partiriam. Um dos hebreus demandou pelo feito de trigo, arrematando:

---

[108] Além dos **vinte séculos**, mais quinhentos anos, acrescidos de um quartel de uma centúria, serão transcurados para que as provas materiais se façam na totalidade.

4/125 - “Porque tenho fome.”

4/126 Secamente, a sentinela se manifestou:

4/127 - “Estou distante da minha moradia há muito tempo e já acabou tudo o que trouxe para cear.”

4/128 José, que escondera a comida e o líquido precioso ao primeiro sinal de barulho, o que indicava estar alguém se aproximando, enrolou-se no manto e fez que cochilou. Objetivando constatar se os saqueadores mexeriam em seus pertences, o que não aconteceu, permaneceu desperto até o raiar do dia, quando a dupla partiu.

4/129 Sem a companhia dos que viviam pelos caminhos, o anelado libertador norteou não somente ao protetor:

4/130 - **“Digo que Deus nos mostra em Seus ensinoss para dividirmos um pouco do que temos sem olhar com qual irmão que necessita dividimos.”**

4/131 Não muito disposto a escutar o menino, também por não haver dormido o suficiente, o carpinteiro inquiriu:

4/132 - “O que estás a falar? Que devo ficar sem pão? É essa a Lei do Senhor? Já temos as Leis de Moisés e as Leis do Templo. Não vejo por que falas em mais Leis do Senhor.”<sup>[109]</sup>

4/133 - “O que anuncio não são leis de Deus, são Seus ensinoss. As Leis que conheces são dos homens, não de nosso Pai. **Deus não nos impõe nada, Ele nos ensina, e, em Seus ensinoss, nos mostra o que fazer. Digo que é só praticarmos os ensinoss de nosso Pai que chegaremos junto Dele.**”

4/134 Dirigindo-se especificamente ao genitor, prosseguiu:

4/135 - “Digo que para a tua pessoa não mais pronunciarei leis de Deus, mas ensinoss de Deus. Só me ouvirás pronunciar leis de Deus com aqueles que ainda não me ouviram pronunciar ensinoss de Deus. Digo que pronunciarei a eles leis de Deus porque ainda não conhecem o que conhecem.”

4/136 Mais uma vez, José não prestou atenção nos vocábulos do filho, que era sem primaveras para instruir quem quer que fosse.

**COM RESPEITO, DIVULGUEMOS OS ENSINOS DE DEUS  
MESMO PARA O IRMÃO QUE, POR AGORA, PROCURA  
APENAS PELO ALIMENTO DO CORPO FÍSICO.**

veja 4/145

---

[109] As Leis de Moisés eram consideradas do Senhor. Os sacerdotes asseveravam também o serem as emanadas pelos do Templo do Monte.

**EXERCITAREMOS OS ENSINOS DE NOSSO PAI  
QUANDO ATENTARMOS QUE O QUE ALMEJAMOS E  
CONSEGUIMOS NÃO NOS TROUXE PAZ.**

veja 4/145

**SEM EXCEÇÃO, EM ALGUM MOMENTO DE NOSSAS EXISTÊNCIAS  
ADENTRAREMOS NA VEREDA QUE CONDUZ A DEUS.**

veja 4/147

**O QUE FAZER PARA ALTERAR O FIRME PROPÓSITO DO IRMÃO  
QUE INSISTE EM DESPREZAR OS ENSINOS DE NOSSO PAI?**

veja 4/147

**INFELIZ DE QUEM ACREDITA QUE NÃO  
PRECISA DO AUXÍLIO DE UM IRMÃO.**

veja 4/155

4/137 Nas estâncias efetuadas, o pequeno José é que se recordava de agradecer a Deus pela guarida recebida; nas refeições, era ele que memorava dar graças pelo que nutriam. Elias, intrigado, perguntou-lhe:

4/138 - “Por que sempre falas ao Senhor em tuas ceias que ficas grato pelo pão e pela água?”

4/139 - “Digo que fico grato a Deus não só por mim, mas por todos nós.”

4/140 - “E nunca te esqueces do Senhor?”

4/141 - **“Digo para nos lembrarmos de Deus como nos lembramos de ceiar, sentirmos fome de conhecer os Seus ensinamentos como temos fome de pão, sentirmos sede de praticar os ensinamentos de nosso Pai como temos sede de água no calor do deserto.”**

4/142 - “E como irão ficar aqueles que não têm sede do que estás a falar serem ensinados, só têm sede de água e fome de pão?”

4/143 - “Digo que continuarão a ir para a vida verdadeira e voltar para a vida de carne.”

4/144 - “E se aquele que continuar a ir para a vida verdadeira e voltar para a vida de carne, como falaste, ainda não quiser os ensinamentos que estás a trazer, só querer ficar na busca de água e de pão?”

4/145 - **“Digo para levarmos os ensinamentos de Deus a todo aquele que só busca o alimento para o corpo de carne. Se nossos irmãos não quiserem nos ouvir, não nos importunemos. Quando virem que tudo o que possuem não lhes trouxe paz, digo que aceitarão e praticarão os ensinamentos de nosso Pai.”**

4/146 - “E todo aquele que te ouvir irá praticar essas palavras que estás a falar serem ensinosa?”

4/147 - **“Digo que todos os filhos de Deus um dia encontrarão o caminho que conduz a Ele, que os Seus ensinosa serão praticados por todos os nossos irmãos quando se cansarem de suas buscas, e que não podemos fazer nada para mudar os caminhos de nossos irmãos que, mais uma vez, não querem nem ouvir os ensinosa de nosso Pai, até que se cansem de suas buscas.”**

4/148 Finalizando, noticiou a seu indagador:

4/149 - “Digo que, ainda nesta vivência, passarás por momentos em que não terás pão para cear e nem água. Não te revoltas contra Deus, porque será por tua invigilância.”

4/150 O orgulhoso Elias decretou:

4/151 - “Não sabes o que estás a falar. Tenho o bastante para não ficar sem água e sem pão para cear.”

4/152 - “Não custa te vigiares”, foi a recomendação ao rapaz que, por ter como intuito permanecer na ignorância, calou-se.

4/153 O prometido, invariavelmente acompanhado de Mateus, ante cabal confissão de desinteresse, retirou-se.

4/154 Ao chegar junto de Natanael, esse comentou que o via com muitos irmãos a ampará-lo. Prestes a completar onze aniversários, o primogênito de Maria proclamou:

4/155 - **“Infeliz daquele que tem na mente que tudo pode e tudo faz só, que não necessita de uma só pessoa. Digo que todos nós dependemos da ajuda de um irmão.** Podemos possuir muitas moedas, mas, se não tivermos aquele que trabalha a terra, nossas moedas de nada nos valerão: morreremos de fome porque não poderemos cear nossas moedas.”

4/156 Por concordar com o proferido, o outrora batedor certificou:

4/157 - “Sei que necessitamos nos ajudar uns aos outros.”

***DESDE QUANDO FOMOS CRIADOS, NOSSO PAI  
ESTÁ A OLHAR PARA NÓS.***

veja 4/171

***DEUS É PAI DO ESPÍRITO; O HOMEM E A  
MULHER, PAIS DO CORPO FÍSICO.***

veja 4/173

*A SAPIÊNCIA QUE PORVENTURA AGORA  
DESFUTAMOS, FOI ADQUIRIDA NESSE E EM  
ESTÁGIOS PRETÉRITOS NA VIDA DE CARNE.*

veja 4/175

*O QUE MORRE É NOSSO TEMPLO MATERIAL,  
NÃO O ESPÍRITO QUE O HABITA.*

veja 4/178

4/158 Em virtude da situação reinante, a diminuta caravana avançava rumo a Cessareia de baixo pelas estradas vazias. Quando, por desejo do pequeno José, fizeram parada para que as alimárias se refizessem, aproximaram-se deles doze varões. O cabeça do grupo interrogou os viajantes para onde iam e o que fariam. A ele, que afirmava estar familiarizado com a totalidade das veredas da região, o incógnito servidor apregou:

4/159 - “Digo que conheço um caminho que ainda não conheces.”

4/160 O rude hebreu, nascido e educado no inóspito mar de areia, com indisfarçável desprezo, articulou:

4/161 - “Como podes conhecer um caminho que ainda não conheço se tens poucas colheitas?”

4/162 - “Não são dos caminhos que conheces de que estou a te dizer, mas dos ensinamentos de Deus, que, quando praticados, são o caminho que nos conduz para junto Dele. Para estarmos no caminho que conduz ao nosso Pai, não necessitamos conhecer os caminhos que conheces, mas conhecer o caminho que trago a todos os povos. Posso te anunciar os ensinamentos de Deus, se quiseres aprender outro caminho em que não necessitarás ficar com nada do que pertence a um irmão.”

4/163 - “Se a minha pessoa for por esse caminho que estás a falar, terei camelos, asnos, muitas moedas?”

4/164 - “Digo que a prática dos ensinamentos de Deus não te trará moedas, asnos, camelos, mas te trará muita paz. Conhecerás nosso Pai e a Sua paz ao praticar os Seus ensinamentos, e não verás mais a face daqueles irmãos dos quais tiraste as vivências. Digo que posso, se quiseres, te mostrar o caminho que conduz a Deus.”

4/165 O chefe da malta ficou espantado com o menino. Esse expusera com clareza o que lhe fazia sofrer e não permitia que dormisse, pois os gritos de um dos que assassinara, seus gemidos de dor, não lhe ensejavam harmonia interior. Em fração de segundo, intimamente se multiplicaram os questionamentos:

4/166 - “Por que esta cria está a falar que terei paz se praticar o caminho que conduz a Deus? Deus? Será que esse Deus é importante? Mais importante que Herodes Antipas? Falo que Herodes Antipas manda em tudo.”

4/167 Aturdido, continuou:

4/168 - “Não, não pode ser, porque, se esse Deus for como Herodes Antipas, me deixará ainda mais sem o sono e a paz que não tenho, terei menos ainda. Mas esta cria está a falar neste Deus com tanta confiança que parece conhecer Ele. Já ouvi falar em Deus, só não sei quando.”

4/169 - Voltando de suas reflexões, notou que o garoto esperava sua resposta. Imediatamente, indagações aos mil proferiu:

4/170 - “És um enganador ou um desses profetas que falam ver o tempo que há de vir? Já viste a minha face ou ouviste falar de mim?, porque sabes o que acontece com a minha pessoa. Falo que nunca vi a tua face. Como sabes o que acontece com a minha pessoa se nunca estive com a tua? Como sabes o que estou a fazer pelos caminhos? Falas palavras que nunca ouvi. Estás a falar de um deus ou de alguma pessoa que é chamado Pai? Ou é como o teu protetor é chamado?”

4/171 - “Estou a dizer de **Deus, Aquele que criou todos nós, Aquele que criou o universo**. O teu protetor não cuidou da tua pessoa até que te tornasses homem? O teu protetor é o teu pai na vida de carne, e Deus é o Pai de todos nós. **Digo que Ele está a olhar para nós o tempo todo, desde a nossa criação; que o espírito que habita o corpo de carne que agora temos foi criado por Deus.**”

4/172 - “Estás a falar que Deus é o meu protetor? Não tens conhecimento do que estás a falar. Sei como o meu corpo veio a este mundo, mas és uma cria com poucas colheitas para saber como se vem ao mundo.”

4/173 - “**O corpo de carne vem do homem e da mulher; o espírito, de Deus. Digo que Deus é o Pai do espírito; o homem e a mulher, os pais do corpo de carne.**”

4/174 - “Falo que és sem colheitas para teres sabedoria. Vem desse teu deus toda essa tua sabedoria?”

4/175 - “**Digo que o que vem de Deus são os Seus ensinamentos. A sabedoria, adquirimos nas várias vindas à vida de carne.**”

4/176 - O que despojava e chacinava, ansioso por compreender o que escutava, prosseguiu a inquirir a quem até instantes atrás considerava um petiz sem sapiência alguma:

4/177 - “O meu pai, como falas, deixou a vida há várias luas. Como pode ele saber que mudei os meus caminhos?”

4/178 - “Muitas vezes, aqueles que foram nossos pais ou mães na vida de carne não seguem seus caminhos após a morte do corpo, e ficam junto de nós por terem na mente que podem nos proteger. **Digo que o que morre é o corpo que agora temos, não o espírito criado por Deus.**”

4/179 - “Por que falas ‘espírito’ e ‘Deus’ para a minha pessoa? Queres mudar o meu caminho?”

4/180 - “Foi o teu pai que me disse que necessitas de ajuda. Pediu a mim para te dizer de Deus, porque ele nunca te ensinou outro caminho a não ser ficar com a posse do que não te pertence. Agora sabe o mal que te causou e pede que o perdoes por tudo o que te fez. Digo que a partir de quando conheceres Deus e praticares Seus ensinamentos, não verás mais aqueles que tiraste as vivências e não ouvirás as vozes que não deixam a tua mente em paz.”

4/181 O proferido descortinou a verdade para quem espalhava medo. Inferiu que o seu mantenedor, que sempre almejava que se tornasse um hebreu de bem, estava junto dele. Começou a prantear e seus comparsas não abrangeram o porquê, pois dialogava com a cria e, repentinamente, lamuriava. Quiseram se inteirar do que ocorria; entretanto, o cabeça nada conseguia responder. Ficaram a fitá-lo assombrados, pois jamais procedera da forma que agia. Perguntaram-lhe:

4/182 - “O que aquele que é sem colheitas falou para que um homem como a tua pessoa, que não tem piedade de nem uma outra, chore como um cordeiro?”

4/183 Aos poucos, o assaltante se refez e confirmou o predito. Seu falecido genitor fora crescido no deserto, como ele, que perpetrava o que o protetor costumeiramente fizera, o que era impossível ao menino estar a par. Mesmo os que tinham a exata noção de seu pretérito dentre os que comandava não tiveram oportunidade para lhe confidenciarem. Apregoou, então, sem dúvida íntima, que aspirava familiarizar-se com a vereda que o primogênito de Maria anunciara e convidou os seus para que viessem com ele. Três aceitaram e os quatro se agregaram à caravana.

***POR INTERMÉDIO DOS ENSINOS DE NOSSO PAI, SOMOS NORTEADOS A COLHERMOS DO QUE PLANTAMOS, NÃO A MATARMOS UM SER AINDA INTEGRANTE DO REINO ANIMAL COM O OBJETIVO DE QUE A NOSSA VIVÊNCIA SE PERPETUE.***

veja 4/209

***PRECISAMOS PROPAGANDEAR QUE NÃO NOS ALIMENTAMOS COM CARNE?***

veja 4/211

***POR QUE MUITOS NÃO CULTIVARÃO OS ENSINOS DE DEUS QUANDO, OUTRA VEZ, DELES SE CIENTIFICAREM?***

veja 4/215

***É ADMISSÍVEL QUE ALGUNS DE NÓS, SEM DIFICULDADES, ROTINEIRAMENTE TREINEMOS OS ENSINOS DE NOSSO PAI AO DELES NOVAMENTE SER INFORMADO?***

veja 4/215

**OS QUE NA ATUAL ENCARNAÇÃO IGNORAM OS ENSINOS DE DEUS E DE IMEDIATO OS EXERCITAM QUANDO, OUTRA VEZ, LHES SÃO NOTICIADOS, NÃO SE ENVERGONHARÃO DOS ATOS NÃO DIGNOS QUE PRATICARAM NA PRESENTE VIVÊNCIA.**

veja 4/217

**OS CAMINHOS SEM SAÍDA, NÓS QUE OS BUSCAMOS.**

veja 4/220

**OS QUE SOBEREM ESTAR SENDO LUDIBRIADOS E NÃO SE REVOLTAREM, NÃO PERSEGUIREM O ENGANADOR, EXERCITAM UM DOS ENSINOS DE DEUS.**

veja 4/227

**ANSIAMOS POR PROVAS DE QUE NOSSO PAI EXISTE, QUANDO ELAS ESTÃO NA PRÓPRIA VIVÊNCIA QUE TEMOS.**

veja 4/247

**DEUS FAZ TROCA COM SEUS FILHOS?**

veja 4/261

**O QUE NOS LIBERTA DE RESGATARMOS COMPROMISSOS EM VIVÊNCIAS FUTURAS É NESTA NÃO CONQUISTÁ-LOS.**

veja 4/261

**MESMO QUE FAÇAMOS O BEM COM A PRETENSÃO DE SERMOS RECOMPENSADOS, DEITANDO DA BOA SEMENTE ESTAREMOS.**

veja 4/267

## 4-4.2

4/184 Cessareia de baixo era a entrada para os romanos que aportavam na tetrarquia dos Herodes. O pequeno José nunca vira tão fabuloso volume de água: deliciava-se apenas com a visão da obra do inigualável Arquiteto. Ele e Mateus exploraram o lugar. Sentados nas escadarias do Templo, concluído por Herodes, o grande, em 40 a.C., ficaram a observar os garbosos clérigos selecionar os que poderiam ou não nele ingressar.

4/185 Por possuírem fé inabalável no Senhor e acreditarem que exclusivamente dentro das sagradas construções é que suas orações O alcançariam, muitos hebreus retiravam do próprio sustento e do de seus filhos os recursos para sa-

tisfazerem as exigências dos religiosos, que julgavam virem do Senhor, ou seja, ofertar um dócil e saudável bovídeo.

4/186 E as mulheres? Ah, as mulheres! Proibido lhes era o acesso aos Templos, até mesmo permanecer nas cercanias das edificações, somente passar de frente a elas era tolerado. As adúlteras sequer se avizinham. Aleijados e paralíticos também não tinham autorização para adentrá-lo, nem nos degraus podiam ficar; contudo, quando deles eram expulsos, retornavam com constância.

4/187 Elias, a cada segundo que escoava, demonstrava maior encantamento com o povoado, intimamente decretando que não mais regressaria para a Galileia.

4/188 Natanael e José fizeram suas permutas enquanto os meninos circulavam por Cessareia de baixo. Por eles, depois de comerciar os jumentos pela madeira de que precisava, o experiente carpinteiro procurou e não os achou. Desejava que o filho lhe providenciasse um anho, o melhor que o dinheiro que sobrara das negociações empreendidas pudesse adquirir, para dedicar ao Senhor. Côncio se conservava de que não lhe era facultado ausentar-se de junto da mercadoria, porque seria ela roubada. Mentalmente, inquireu-se do local em que estariam. Quando desistira do intento, eis que se fizeram presentes o último fruto de Ana e sua inseparável companhia, que ao genitor proclamou:

4/189 - “Digo que estás a me esperar. Aonde queres que a minha pessoa vá?”

4/190 Fitando-o admirado, sobressaltado questionou:

4/191 - “Como sabes que estou a te esperar?”

4/192 - “Ouvi perguntares: ‘Onde é que estarão aquelas crias?’, e disse a Mateus que necessitavas de nós, e aqui estamos”, o que fez com que o espantado pai até se esquecesse da programada reprimenda pelo período que sumiram.

4/193 Continuou o prometido:

4/194 - “Queres ir àquele Templo que foi feito para homenagear o imperador Augusto? Imperador, porque tinha muitos bens. Diziam ter ele um império de riqueza, e foi chamado imperador Augusto. É a esse Templo que queres ir?”

4/195 Respondendo afirmativamente, o herdeiro de Jacó mandou-lhe ir à cata do mais bonito e manso irracional.

4/196 E os dois se foram, não demorando muito para que o pequeno José se deparasse com um que lhe preenchia as expectativas. Era branco e preto, que, aos poucos, transformava-se em cinza, e com quatro meses. O tio, percebendo o entusiasmo do comprador, lembrou-lhe:

4/197 - “Estás a trocar o cordeiro pela moeda, e o cordeiro não é para a tua pessoa, é para José levar ao Templo e oferecer a Deus. Tenho no meu interior de que não poderás ficar com o cordeiro.”

4/198 Convicto do que fazia, o sobrinho replicou:

4/199 - “Este cordeiro vou levar para Nazaré e dar a Tiago, que sempre quis um desta cor, e é difícil encontrar. Logo Tiago terá vários iguais a este.”

4/200 Cansado por ter andado o dia inteiro e supondo que o cunhado não se alegraria da escolha feita, o derradeiro varão do cultivador de melões enfatizou:

4/201 - “José te pediu para fazeres a troca porque vai oferecer este cordeiro a Deus. Como irás falar a José que o cordeiro é para Tiago?”

4/202 - “Direi a José que Deus não está em um só dos Templos a receber as ofertas feitas a Ele, que todas as ofertas feitas nos Templos ficam com os Herodes, romanos e sacerdotes. José só não verá o que acontece nos Templos se não quiser ver.”

4/203 Executada a transação, dirigiram-se para junto do patriarca dos Clópatas, que permanecia a guardar o lenho. Ao chegarem, o filho lhe anunciou:

4/204 - “Este foi o melhor cordeiro que encontrei para levar a Tiago.”

4/205 - “Não foi para levar a Tiago que pedi para que efetuasses a troca. Foi para levar ao Templo e oferecer ao Senhor em sacrifício, para que o Senhor nos dê a Sua proteção na volta a Nazaré”, asseverou o carpinteiro, deixando Mateus ansioso em como o aparentado e amigo se sairia da situação.

4/206 - “Digo que és o pai do corpo de carne que agora tenho e te devo obediência, mas tens vivência para conhecer o que é certo ou o que não é certo. Sei que sabes a diferença, porque, se não soubesses, não serias o homem que és. Vou te dizer o que conheço e serás enganado se quiseres: não é para Deus que estarás a dar este cordeiro, mas para os sacerdotes dos Templos. Crês que Deus vem beber o sangue do cordeiro ou cear de sua carne?”, articulou o primogênito de Maria.

4/207 O orientado, mesmo que com tenuidade, vislumbrou haver pautado sua existência física por conceitos equivocados, apesar de seculares. Constatado que não eram escutados, o que lhe ocasionaria humilhação, pois se permitia ser instruído por um sem ceifas, almejando, ainda, ocultar sua ignorância do professor, uma criança que há poucas luas substituíra a veste por túnica, com inverdade redarguiu:

4/208 - “Como os sacerdotes dos Templos não trabalham a terra nem pastoreiam as ovelhas e os carneiros, sei que todos eles, para continuarem com vida, ceiam a carne dos cordeiros que são ofertados ao Senhor.”

4/209 - **“Digo que Deus, em Seus ensinamentos, nos mostra para plantarmos e colhermos o fruto do que foi plantado, não para tirarmos vivências para que a nossa se perpetue.”**

4/210 - “Mas aqueles que são de nossa gente não crerão em mim se para eles for falado que não mais tirem a vida dos carneiros e das ovelhas para cearem!”

4/211 - **“Não é necessário dizer aos nossos irmãos para que não mais**

**tirem a vivência de um animal para cearem, basta que não mais ceemos carne e, no devido tempo, todos nos seguirão.”**

4/212 - “Se a minha pessoa falar àqueles que são de nossa gente para que não mais tirem a vida de uma ovelha ou de um carneiro para cearem, nem um só deles me dará trabalho. Sei que falarão estar a minha pessoa doente da cabeça.”

4/213 - “Digo que não deixarás de ter trabalho só porque não ceias carne de um animal: todos te respeitam e confiam em teu trabalho na madeira; senão, como te dariam os asnos para que trocasses por madeira?”

4/214 Sob cativante atenção, também do tio, prosseguiu:

4/215 - **“Digo que todo aquele que não reconhece o caminho que conduz a Deus quando na vida de carne, outra vez, lhe é mostrado, é porque não quer ver outro caminho a não ser aquele que tem na mente, caminho que muito lhe agrada, mas todo aquele que estiver no caminho que nos afasta de nosso Pai, caminho que não lhe agrada, quando os Seus ensinamentos, outra vez, lhe forem mostrados, reconhecerá o caminho correto.”**

4/216 Pelo genitor a si mesmo afirmar que, não obstante suas muitas primaveras, incorrera em erro que o ainda menino à sua frente lhe desvendava, o nascido Jesus concluiu:

4/217 - **“Digo que todo aquele que na atual vivência não conhece o caminho que conduz a Deus, mas pratica o caminho que a Ele conduz quando os Seus ensinamentos lhe são outra vez mostrados, não terá vergonha dos caminhos que nesta vivência percorreu sem praticar os ensinamentos de nosso Pai.”**

4/218 Contagiado pelo momento, José apregoou:

4/219 - “Seguirei pelos caminhos que estás a falar, caminhos que levam ao Senhor. Só espero não entrar em um caminho sem saída quando estiver a buscar esses caminhos que estás a falar levar ao Senhor.”

4/220 - **“Digo que o caminho que conduz a Deus é único. Aquele que o quiser para si, que pratique os ensinamentos de nosso Pai. Digo que os caminhos sem saída somos nós mesmos que buscamos.”**

4/221 Não muito determinado em sua resolução, o herdeiro de Jacó ansiou retroceder:

4/222 - “Estou com muitas colheitas para aprender e praticar essas palavras que estás a me falar. Sou rude como um asno e sei que não conseguirei praticar essas palavras que falas serem ensinamentos.”

4/223 - **“Outra vez, digo que todo aquele que quiser mudar seus caminhos na vida de carne, reconhecerá quando lhe é mostrado o cami-**

**no que nos conduz a Deus. Digo que, se não mais tiver agrado pelos caminhos que nos afastam de nosso Pai, praticará os Seus ensinoss.**”

4/224 Findado o proveitoso diálogo, o viúvo de Sara ficou pensativo, pois fora ludibriado na permuta realizada e, em sua avaliação, não correspondera à fidúcia lhe depositada pelos de Nazaré que contrataram seus serviços. Todavia, intimamente declarava que, apesar da péssima qualidade da mercadoria, o encomendado seria entregue em perfeitas condições. O primogênito de Maria, consciência da situação, amainou a aflição do carpinteiro:

4/225 - “Digo que sabes que foste enganado na troca que fizeste: trocaste os asnos por boa madeira e estás a levar aquela que nem uma só pessoa quer. Mesmo a saber que te enganavam, não te revoltaste. **Digo que todo aquele que sabe que está a ser enganado e não se revolta, está a praticar um dos ensinoss de Deus.**”

4/226 - “Mas que ensino estou a praticar?”

4/227 - “Não ficaste revoltado com o irmão que te enganaste. **Digo que para praticarmos o que Deus, outra vez, está a nos mostrar em Seus ensinoss, necessitamos ser compreensivos com o irmão que na vida de carne não conhece nosso Pai e Seus ensinoss, necessitamos não nos revoltarmos, não perseguirmos o irmão que nos enganou.**”

4/228 - “Será que esse deus que falas está a olhar para a minha pessoa como está a olhar para a tua?”

4/229 - “Digo que Deus está a olhar para a tua pessoa como está a olhar para todos Seus outros filhos.”

4/230 Depois de muito meditar no que o anelado salvador lhe revelara, José, como alguns de nós, que nos aferramos às velhas lidimidades e por elas continuamos a nos chafurdar na estupidez, e por se julgar imprescindível às atividades que seu professor desenvolveria, questionou-o:

4/231 - “Sei que necessitarás de mim junto da tua pessoa por muitas colheitas, e necessito da proteção do Senhor para não perder a vida, o porquê de te perguntar o que irá me acontecer se o Senhor se ofender por ter a minha pessoa não ofertado a Ele o sangue do cordeiro no Templo?”

4/232 Indicando o oceano, o inquirido asseverou:

4/233 - “Digo que nem um só de nós é para sempre nesta morada nem se dermos um mar de sangue para Deus. Garanto que não estarás a fazer ofensa a nosso Pai se leares este cordeiro para Tiago, que dará o leite dele àqueles que têm fome, e o cordeiro não estará nos banquetes dos sacerdotes. Digo que Deus está a olhar para todos nós sem que ofereçamos sacrifícios a Ele.”

4/234 - “Falo que não poderei mais orar ao Senhor porque só aqueles que

ofertam cordeiros nos Templos é que podem”, lamuriou-se o varão cravado nas tradições de seus ancestrais.

4/235 - “Digo que poderás conversar com Deus onde estiveres, e Ele te ouvirá, fora ou dentro dos Templos, que são locais de dor e poder.”

4/236 - “E se o Senhor ficar cheio de fúria e destruir toda Nazaré porque na minha vez não ofertei a Ele um cordeiro?”

4/237 - “Digo que Deus não é como os homens, que destrói tudo e a todos que se opõem a eles.”

4/238 Ao término da explanação, o pequeno José escutou de seu aluno que os verbos proferidos eram incontestáveis.

4/239 - “Este cordeiro trará alegria a Tiago, que vive a falar que viu um rebanho desta cor, só não sabe onde. Falo que Tiago ainda não tem colheitas para ter visto um rebanho com todos da mesma cor”, complementou o aprendiz.

4/240 - “Tiago tem visão do tempo que haverá de vir, como do tempo que passou. Digo que Tiago conhecerá tudo o que terá de fazer para levar os ensinamentos de Deus após a morte do corpo que agora tenho.”

4/241 O legatário de Jacó, de fato, acreditava ser o primogênito da consorte o tão almejado redentor. Filho de Maria, não seu, porque jamais aceitou ser o menino de sua descendência; contudo, por ignorar a participação do caçula dos seus no que o interlocutor realizaria, interrogou-o:

4/242 - “O que Tiago fará após a tua pessoa deixar a vida?”

4/243 - “Digo que Tiago se programou para vir à vida de carne resgatar seus compromissos de vivências passadas, como todos nós, e ser exemplo na prática dos ensinamentos de nosso Pai, ensinamentos que necessitarão ser repetidos várias vezes para que sejam praticados.”

4/244 - “Estás a me falar que Tiago, após a tua pessoa deixar a vida, irá praticar tudo o que falas ser ensinamentos do Senhor?”

4/245 - “Digo que os filhos de Deus que nesta morada estão, necessitam de irmãos que sirvam de exemplo na prática dos ensinamentos de nosso Pai, e Tiago os praticará.”

4/246 - “Por que Tiago necessitará praticar essas palavras que estás a falar serem ensinamentos após a tua pessoa deixar a vida?”

4/247 - **“Digo que muitos de nossos irmãos ainda não confiam em nosso Pai e sempre querem provas de Sua existência, quando a Sua existência está na própria vivência que temos.”**

4/248 Por não conseguir compreender o que o último progênito da esposa planejara executar quando na vida de carne, José direcionou o diálogo nova-

mente para o anho, indagando ao precoce instrutor de como é que sabia que o Senhor não o desejava, concluindo:

4/249 - “Desde antes de meu protetor, aqueles que são hebreus entregam um cordeiro no Templo para serem purificados de seus pecados.”

4/250 - “Se uma mulher é impura quando está a perder sangue, o sangue do cordeiro nos purifica? Se cometemos faltas, o sangue derramado pelo cordeiro nos purificará? Não estamos a nos contradizer?”

4/251 Por nenhum vocábulo o experiente varão articular, finalizou:

4/252 - “Se um homem tiver contato com o sangue de um cordeiro, digo que terá que se banhar. Então, por que nosso Pai nos purificaria com impurezas?”

4/253 Como muitos, que se fixam ao que escutaram nas primeiras primaveras do estágio físico, o viúvo de Sara se justificou:

4/254 - “Os sacerdotes falam nos Templos que as impurezas do sangue do cordeiro não atingem o Senhor, que é puro, que o sangue do cordeiro é para o Senhor como a água é para todos aqueles que são de minha gente.”

4/255 - “Os sacerdotes dizem que o sangue dos cordeiros é para que Deus purifique aqueles que fazem as ofertas, mas digo que o que os sacerdotes querem alcançar com suas palavras é sempre ter carne de cordeiro em suas cerimônias sem que tenham de tratar os cordeiros.”

4/256 Com discreto sorriso, complementou:

4/257 - “Creio que concordarás com a minha pessoa: os sacerdotes não se agradariam de tratar das ovelhas e de limpar todas as suas imundícies.”

4/258 José emudeceu; no entanto, garantia-se:

4/259 - “O Senhor não irá se alegrar com a minha pessoa por não mais ofertar cordeiros a Ele.”

4/260 O prometido, cômico da assertiva, apregoou:

4/261 - “Digo que Deus, em Seus ensinamentos, não está a nos mostrar para tirarmos vivências para O alegrar, não mostra a Seus filhos para que afastem da boca de seus pequenos o leite que o cordeiro poderá dar. **Digo que Deus não é injusto com nem um só de nós, Seus filhos, e não faz troca, que o que nos liberta de em futuras vivências resgatarmos compromissos é agora não cometermos faltas contra um irmão.**”

4/262 O aprendiz, fitando seu colocutor, para si mesmo, não percebendo que obtivera resposta sem ter proferido um único verbo, desavergonhadamente, prosseguiu a lastimar-se:

4/263 - “Como irei caminhar junto do pequeno José, não poderei ficar contra o que ele está a falar. Agora, minhas orações não mais irão chegar ao Senhor

porque não poderei ir ao Templo ofertar um cordeiro e fazer minhas orações sem que o pequeno José saiba.”

4/264 - “Outra vez, digo que não é ofertar um cordeiro nos Templos que fará com que nossas orações cheguem a Deus, mas a pureza de sentimentos para com todos os nossos irmãos quando conversamos com Ele. Outra vez, digo que aqueles que se alimentam da carne do cordeiro são os sacerdotes, não nosso Pai.”

4/265 Abrangendo a essência do diálogo, dentro de suas condições intelectuais à época em um corpo de carne e do ambiente em que gravitava, o herdeiro de Jacó alterou o assunto, pois atentara para o carinho que deixaria de ter de seu derradeiro filho quando o mimo lhe fosse concedido pelo outrora Jeremias e seu inseparável aparentado:

4/266 - “Mas aquele que estará a alegrar Tiago será a tua pessoa, não a minha.”

4/267 - **“Digo para fazermos o bem sem esperarmos paga alguma, mas se fizermos o bem e termos na mente o que receberemos como compensação, já estaremos a plantar da boa semente para nossas futuras vindas ao corpo de carne.”**

4/268 Concluída a elucidativa palestra, José optou por regressar sem delongas. Por estar pronto, pediu aos meninos que procurassem por Natanael e Elias e os avisassem da decisão. Depois de noticiar-lhes, enquanto na expectativa da presença da dupla, os três hebreus ficaram a vigiar os produtos adquiridos.

### 4-4.3

4/269 Aguardando-os, o nascido Jesus pensava na riqueza de Cessareia de baixo, nas iniquidades que observara. Notando seu silêncio, o carpinteiro perguntou-se o porquê. Sem claro retorno, deu razão à esposa, que não desejava que ele o acompanhasse. Em seu íntimo, uma certeza:

4/270 - “Todo esse luxo não fez bem ao pequeno José. Até Mateus está quieto. Vai ver que é porque falou demais nesses dias e está a descansar.”

4/271 Foi trazido à realidade ao vislumbrar o ex-batedor, que portava lenho de qualidade. O viúvo de Sara sentenciou que o comparte na jornada tivera competência e sorte nas permutas. Intrigado, questionou:

4/272 - “Não vieste em busca de sementes? Como apareces com madeira?”

4/273 Explicou-se Natanael:

4/274 - “Aquele homem ao qual o pequeno José falou sobre o caminho que conduz ao Pai de todos nós viu que os mercadores te saquearam quando te fala-

ram que não tinham madeira boa. Aquele homem sabia que, se falasses que estavam a te saquear, os mercadores te entregariam aos romanos. Aquele homem viu tudo. Quando viu que saíste sem falar nada, foi até os mercadores falar que, se não te dessem a madeira boa, iria até um dos romanos e falaria que estavam a ficar com a parte dos Herodes.”

4/275 Narrou, ainda, que o ex-assaltante asseverara que, se chamasse os estrangeiros, esses conheceriam quem estaria a fraudar. Contento pelo desfecho da situação, finalizou o testemunhador:

4/276 - “Aquele homem que estava a falar foi ouvido, e os mercadores me deram a madeira boa para te entregar.”

4/277 O marido de Maria ficou a ponderar no que o filho articulara, que os negociantes julgaram que o enganaram, porém os ludibriados foram eles, interrogando-se:

4/278 - “Como o pequeno José sabia? Ele falou que o Senhor está a olhar para mim, e está mesmo: estou a levar a madeira boa. É melhor voltar para Nazaré antes que os comandados dos Herodes venham buscar a parte dele.”

4/279 Como prognosticou o vindo a este orbe quando do surgimento da fulgurosa Estrela da Manhã, Elias não volveu junto deles. Por estarem preparados, iniciaram a marcha.

### ***PARA PROPAGARMOS OS ENSINOS DE DEUS, É IMPERIOSO OS EXERCITARMOS, CASO CONTRÁRIO, ....***

veja 4/290

### ***AO PRATICARMOS OS ENSINOS DE NOSSO PAI, NOS TRANSFORMAMOS EM MODELO DE COMPORTAMENTO A SER SEGUIDO.***

veja 4/292

### ***PELO FATO DE ESTAGIARMOS NO PLANETA TERRA<sup>[110]</sup>, TEMOS MÁCULAS PARA EXTIRPAR DE NOSSOS ESPÍRITOS.***

veja 4/314

### ***QUEM É O MEU PRÓXIMO?***

veja 4/319

---

[110] O orbe que habitamos, neste segundo milênio, não mais servirá de ambiente para provisória estadia de espíritos que prometem exercer os ensinamentos de Deus, dos quais, sobejamente, foram inteirados e que, quando na vida de carne, negam-se a cumprir com o que se programaram.

4/280 Na estrada para Nazaré, o almejado servidor continuava calado. Não constatando em seu rosto, ventura, o genitor postou-se junto dele e lhe indagou o que ocorria, se adoecera, ou se os termos que proferira em Cessareia de baixo não o agradaram, complementando:

4/281 - “Foi porque a tua pessoa e Mateus não me falaram que iriam sair de junto de mim até o Sol desaparecer, e perdi a paciência.”

4/282 - “Digo que não perdeste a paciência, só estavas preocupado com a minha pessoa e com Mateus. É que está a passar pela minha mente o que terei que fazer para anunciar os ensinamentos de Deus a todos os meus irmãos desta morada. Digo que está na hora de a minha pessoa começar a semear os ensinamentos de nosso Pai e a buscar aqueles que, junto de mim, os levarão a todos os povos.”

4/283 Aparvalhado, o quase ancião para a época, não obstante hodiernamente ter pouca idade para receber o adjetivo, questionou:

4/284 - “Por que falaste que irás semear? Agora vais trabalhar a terra? Não vais mais anunciar a todos os povos aquelas palavras que estás a falar serem do Senhor?”

4/285 - “O que disse é que irei anunciar o caminho a todo aquele que quiser chegar junto de Deus, que é a prática dos Seus ensinamentos.”

4/286 Após um dos jantares que realizaram, em virtude de sua momentânea certeza de qual o melhor proceder em relação ao primogênito de Maria, ou seja, de que defenderia o mirrado mensageiro onde quer que ele fosse, entretanto, por dilacerante dúvida latejar em seu íntimo, José perguntou ao precoce professor:

4/287 - “Aquele que for com a tua pessoa levar a todos os povos as palavras que estás a trazer do Senhor, irá praticar o que anunciar?”

4/288 - “Digo que se a minha pessoa e aqueles que me ajudarão a levar os ensinamentos de Deus a todos os povos não os praticar, o que anunciarmos serão palavras vazias logo esquecidas, e nem um só irmão seguirá o caminho que mostraremos.”

4/289 - “E se aqueles que forem junto da tua pessoa levar as palavras que estás a trazer, não praticarem o que anunciarem?”

4/290 - “Todo aquele que levar a um irmão os ensinamentos de nosso Pai e não os praticar, será como os sacerdotes, que anunciam ser falta ficar com o cordeiro de um irmão, mas eles ficam; que anunciam ser falta dizer uma falsidade, mas eles dizem. **Digo que se não praticarmos os ensinamentos de nosso Pai e os anunciarmos a um irmão, afastaremos esse irmão do caminho que conduz a Deus e nos compromissaremos para muitas outras vivências que teremos.**”

4/291 - “E o que acontecerá a todo aquele que levar as palavras que estás a trazer do Senhor e praticar o que anunciar?”

4/292 - **“Quando anunciamos a um irmão as palavras que praticamos, digo que somos o exemplo do que anunciamos. Quando praticamos o que anunciamos, digo que muitos nos ouvirão e farão o mesmo.”**

4/293 - “Com essas palavras que estás a trazer do Senhor, como posso ser exemplo para os meus protegidos?”

4/294 - **“Digo que todo bom exemplo que podemos dar está em praticarmos os ensinamentos de Deus e não em praticarmos as Leis dos homens, que recolhem para si o que não lhes pertence com o pretexto de ajudar muitos outros irmãos.”**

4/295 Com convicção, prosseguiu:

4/296 - “Quando chegarmos em Nazaré, vou começar a dizer de Deus e de Seus ensinamentos. Os povos desta morada necessitam que lhes seja mostrado outro caminho além dos que conhecem.”

4/297 - “E que caminhos conheces a não ser este que vai para Nazaré, ou aqueles que tive que percorrer em nossas fugas dos Herodes e de todos aqueles que obedecem esses homens cruéis”

4/298 - “Não é desses caminhos que digo. Estou a anunciar o caminho que nos conduz ao nosso Pai. Sei que sabes trabalhar a madeira, plantar e colher para ter o pão, mas o que o homem José conhece sobre Deus? Qual ensinamento Dele colocas em tua vivência? O que conheces sobre após deixarmos o corpo de carne? O que acontece com nosso espírito? Teremos outras vivências ou esta continua? Se continua, como está na tua mente, para onde iremos após a morte do corpo que agora temos? O que faremos após a morte do nosso corpo de carne?”

4/299 Incontinênti, foi interpelado pelo estupefato carpinteiro:

4/300 - “Estás a fazer as perguntas que estão no meu interior e a responder todas elas. Como fazes?”

4/301 - “Digo que ouço a tua pessoa.”

4/302 - “Não sei o que o Senhor tem para a tua pessoa, mas entendo que não é pequena a tua missão neste mundo.”

4/303 - “Digo que me programei para vir a esta morada resgatar compromissos de vivências passadas e revelar a todos os povos os ensinamentos de Deus. Digo que após a morte do corpo que agora tenho, se fui vitorioso no que me programei fazer na vida de carne, irei para a vida de puro espírito e depois para junto de nosso Pai, caminho que todos os Seus filhos, nossos irmãos, irão percorrer.”

4/304 Atônito, o viúvo de Sara ainda questionou:

4/305 - “Como sabes para onde irás após a vida deixar o teu corpo?”

4/306 - “Foram os enviados por Deus que me disseram.”

4/307 - “Enviados do Senhor? A minha pessoa gostaria de ver todos aqueles que falam com a tua pessoa.”

4/308 - “Por agora, digo que não os vê, mas que chegará o tempo em que não só a tua pessoa os verá, mas todo aquele que amar a seu próximo como nosso Pai nos mostra em Seus ensinamentos.”

4/309 - “Até Herodes Antipas, cruel e sanguinário, verá os enviados do Senhor?”

4/310 - “Digo que Herodes Antipas, como a tua pessoa, na vivência que agora tem não verá os enviados pelo nosso Pai.”

4/311 O marido de Maria, intimamente se interrogou:

4/312 - “O pequeno José está a falar que sou como Herodes Antipas?”

4/313 O incógnito redentor, sem que o interlocutor proferisse verbo algum, explicou-se:

4/314 - “Não estou a dizer que és como Herodes Antipas, o que estou a dizer é que **todos nós que estamos nesta morada temos imperfeições a serem corrigidas. Uma dessas imperfeições é não amarmos nosso próximo como nos agradaríamos de ser amados por ele. Digo que pelo tempo que não amamos nosso próximo como nos agradaríamos de ser amados por ele, é porque nos sentimos superiores aos nossos irmãos.**”

4/315 Com os olhos nos do genitor, concluiu:

4/316 - “*Mas chegará o tempo em que não só veremos os enviados de Deus, mas estaremos junto deles.*”

4/317 Aliviado com o articulado e feliz por não ser como o detestado monarca, o herdeiro de Jacó indagou:

4/318 - “Como saberei onde está aquele que falas ser meu próximo?”

4/319 - “**Digo que todo aquele que já esteve com a nossa pessoa e todo aquele que a nossa pessoa nunca viu sua face, é nosso próximo. Digo que todos os filhos de Deus, nossos irmãos, são nosso próximo, mesmo que estejam em uma outra morada criada pelo nosso Pai.**”

4/320 Pelas predições que nada inferiu e pelos vocábulos enunciados na marcha, muitos que jamais escutara, José desistiu de sua incipiente certeza quanto ao melhor proceder em relação ao nomeado Jesus ao nascer, e com a cônjuge,<sup>[111]</sup> que

---

[111] Desde a gravidez de seu primogênito, conhecia Maria a verdade do marido em relação ao bebê. Com o decorrer das colheitas, constatou que José não se mostrava agradado em elucidar as arguições do nascido Jesus. Na sua mente, cristalizou-se a certeza de que, se o consorte não ensinasse o menino, teria ele grandes sofrimentos, como os que não eram

glosava que deveriam providenciar alguém com mais conhecimento para orientá-lo, acabou por concordar.

4/321 Também ele, em inúmeras ocasiões, não possuía noção do que o menino, que era sem muitas colheitas, pronunciara, assertivas que demonstravam sua incomparável sapiência.

4/322 Pelo restante da caminhada, o garoto permaneceu quieto. Quando se manifestava, era para divulgar o que viera fazer. O aflito protetor, esquecido do conteúdo dos colóquios com o prometido pelos profetas, não cansava de se inquirir o que foi que ele vira em Cessareia de baixo.

4/323 Natanael, igualmente, notou que o comportamento do anelado libertador não era o da jornada de ida, parecia ter transmudado-se num adulto da noite para o dia.

## 4-4.4

4/324 Nenhum percalço enfrentaram na viagem até Nazaré. A caçula de Joaquim, no convívio com o primogênito, constatou ser seu agir diferente e com o consorte comentou:

4/325 - “O pequeno José não é o mesmo de quando saiu. Não brinca mais com as outras crias, fica só a ensinar a todos que chegam perto dele.”

4/326 O experiente varão percebeu como propícia a hora de expor o que deliberara:

4/327 - “Lembras a conversa que tivemos antes da minha pessoa ir para Cessareia de baixo?”

4/328 Ante a positiva declaração, continuou:

4/329 - “Não tenho como ajudar o pequeno José. Vou levar ele para Jerusalém, ao sacerdote Aga, que saberá como ajudar. Não sei como responder às perguntas que ele faz e não entendo o que ele fala.”

---

orientados, por serem órfãos de seus protetores; crianças que, quando cresciam, tornavam-se escravas dos Herodes ou dos romanos, o que ela não aspirava para Jeremias.

Por não entrever outra opção, mesmo lhe causando profunda dor, ultimamente muito insistia com o esposo para que levasse o pequeno José para ser educado por um homem erudito e de poder.

Objetivando que seu garoto não se convertesse em sem alvedrio, sugeriu, por ignorar completamente as consequências, até mesmo os clérigos do Templo de Jerusalém, onde acreditava ela que Deus habitava. Se no Templo estava, cuidaria de seu filho, Seu prometido.

4/330 Imperava na genitora idêntico senso no tocante ao filho; contudo, ao finalmente ter sua proposta acatada, por não suportar deixá-lo, recuou de seu desígnio. Objetivando impedir a concretização do deslocamento até a distante cidade, elencou ao marido incontáveis obstáculos com os quais se defrontaria, alguns intransponíveis, para a execução da empreitada. Encerraram a prosa com ele garantindo que descobriria maneira segura.

4/331 O herdeiro de Jacó elaborou diversas hipóteses para implementar sua resolução; entretantes, a totalidade delas se mostrou implausível. Quando intimamente asseverou que bastaria um de sua fiúza junto de si para que partisse, recordou-se dos doze de Nazaré que, nos términos das ceifas, em romaria buscavam Jerusalém. Acreditavam eles, incluso o rabino Araão, que o vilarejo era o torrão prometido pelo Senhor aos hebreus e que um dia seria deles. Para se certificarem de que estaria desocupada, para ele se dirigiam, cantando e agitando ramos de trigo. Seguir com os insanos foi o recurso encontrado.

4/332 Obtida a aquiescência do arabi, que reputou tê-lo convertido à sua crença, começou o carpinteiro a se organizar para a exaustiva marcha. Quando anunciou a Maria sua mais que vontade, foi obrigado a demovê-la da firme disposição de não somente ela secundá-lo. Utilizando da prole como argumento, explicitou-se:

4/333 - “É uma longa caminhada, com muitos perigos. Estaremos junto dos peregrinos, e os Herodes consideram todos eles doentes da cabeça. De mim e do pequeno José nem uma só pessoa irá suspeitar, porque os peregrinos levam sempre crias pequenas com eles.”

4/334 O arrazoado não esmoreceu o intento da determinada esposa. Ela, também por estar preocupada com o interlocutor, que frequentemente ficava febril, além de em voz alta parolear com a mãe enquanto dormia, desejava que a família completa rumasse para a afamada urbe. Qualquer dificuldade aventada, imediatamente suplantava. Eram inquirições seus pensamentos:

4/335 - “O que acontece com José, que quer levar o pequeno José para Jerusalém antes que o tempo de Sol quente passe? Por que não quer esperar? Mais algumas luas e o Sol não estará quente, e poderão ir. José sabe mais do que está a falar.”

4/336 Intrigada, indagou-lhe o porquê da pressa, logrando franca resposta:

4/337 - “Tem que ser logo, senão não poderei ir nessa caminhada.”

4/338 - “Por que não pedes a alguma pessoa de tua confiança que leve o pequeno José? Irei com ele e ficarás com as outras crias.”

4/339 Novamente engendrou oportunidade de se conservar junto de seu filho, solução que permitiria ao cônjuge se recuperar do que acolhia serem resquí-cios das lesões sofridas em Hiatta, ainda não cicatrizadas.

4/340 Apesar de abarcar o desassossego da unida com sua saúde, o viúvo de Sara fez-se de desentendido para não mais dilatar a palestra. Divulgou, então, por estar decidido sobre o que faria:

4/341 - “Vou falar com o sacerdote Aga, de minha confiança e da tua, para que cuide do pequeno José. Tenho que levar essa cria até Jerusalém e não podes me acompanhar, porque não há mulheres nessa peregrinação, só homens. Falo que aquelas que são tuas crias que neste lugar irão ficar, terão mais necessidade da tua pessoa do que da minha.”

4/342 Com sinceridade, justificou-se:

4/343 - “Não sei mais quanto tempo vou ficar em cima das minhas pernas: sinto que elas querem me deixar. Quando durmo, vejo campos verdes como nunca vi, com muita água limpa, tão limpa que se pode ver os peixes a nadar no fundo. Quando estou para colocar os pés em cima da grama verde, acordo e estou a queimar. Depois passa e faço tudo o que tenho que fazer.”

4/344 Sem delonga, continuou:

4/345 - “Sinto que estou a chegar ao final da minha vida e quero que ensines Verônica a ser mulher de vergonha, o que sei que farás. Falo que o que temos aqui dará para que nossas crias tenham pão e para aqueles que vierem delas.”

4/346 Resolvido, concluiu:

4/347 - “Como o pequeno José falou, é só termos fé em Deus que seremos salvos, e tenho fé no Senhor. Sei que o pequeno José é o prometido aos profetas e vou levar ele para Jerusalém.”

4/348 Crendo que o proferido era apenas para que desistisse de seguir junto do filho, a caçula de Joaquim contra-argumentou:

4/349 “Estás a falar que não vais voltar? O que tens não são as chagas, que tiram a vida; é do fogo, e logo estarás livre delas.”

4/350 A despeito de suas propostas, diretas e indiretas, não despersuadiu o consorte em ir sozinho com o nascido Jesus para Jerusalém.

4/351 Quando José preparava dois camelos para a jornada, Mateus se avizinhou, enfatizando:

4/352 - “Já estou a deixar os asnos prontos. Podes deixar que encho as ânforas e pego os mantos.”

4/353 Satisfeito, perguntou quando é que encetariam a marcha. O carpinteiro, abandonando o que fazia, fitando o audaz menino, apregoou:

4/354 - “Como sabes que irás?”

4/355 - “Vou nessa caminhada, não vou?”

4/356 - “Desta vez irás ficar. Não posso te levar. Mal consigo cuidar do pequeno José, e duas crias é muito. Não falei para o rabino da tua pessoa. Como irei falar agora?”, manifestou-se, incisivo, o patriarca.

4/357 O garoto jamais supusera se separar do sobrinho. Era inimaginável ficar longe dele: chamava-o de irmão e asseverava que o eram. Não se lembrava de um único dia sequer que ficaram arredados um do outro. Como não mais andariam juntos? Impossível. De variadas maneiras buscou dissuadir seu colocutor.

4/358 - “Não fiques junto de mim. Falo que não irás nesta peregrinação”, secamente o herdeiro de Jacó encerrou o assunto.

4/359 - “Sei que o pequeno José vai necessitar de mim”, proclamou, lacrimejando, o protegido do cultivador de melões.

4/360 - “Necessitar da tua pessoa? Para quê? Falo que és tão miúdo e magro que nem o vento te notaria: pela tua pessoa passaria e não te levaria”, ironizou José.

4/361 Divisou Mateus que nada mudaria o assentado pelo cunhado. Entretanto, também resoluto estava. Por ter-lhe surgido cristalina solução, correndo afastou-se. Incontinênti, o severo varão, acreditando conhecer qual a atitude do fugitivo, exigiu sua presença. Esse, costumeiramente respeitoso, retornou para escutá-lo:

4/362 - “Falo para não ires chorar com Maria, que está com o seu interior cheio de outras preocupações.”

4/363 E, com superioridade, sentenciou:

4/364 - “Já te falei que não irás nesta peregrinação.”

4/365 O último fruto do ventre de Ana afiançou ao decididor que não iria ter com sua esposa e novamente saiu em disparada. Surpreso, José repetiu para que volvesse.

4/366 - “O que necessito fazer é importante”, gritou Mateus.

4/367 Ante a interrogação sobre para quem o era, a resposta, quase inaudível, foi claríssima:

4/368 - “Para a minha pessoa.”

4/369 Quando iniciaria a viagem, o viúvo de Sara estranhou a ausência do aparentado para as despedidas. Memorando o diálogo que tiveram, arrependeu-se de ter se feito enérgico, pois era a primeira ocasião que os dois se apartavam. Não obstante aceitar ser normal o agir do, para nós, juvenzinho, glosou consigo mesmo:

4/370 - “Parece que ele não vem falar com a minha pessoa.”

## 4-5

4/371 Em 28 de Setembro de 1 d.C., vinte e dois moradores de Nazaré, treze homens e nove de seus filhos, partiram para território que, consoante enunciavam, a eles fora garantida pelo Senhor: Jerusalém.

4/372 Distante de onde residiam, Saul, um dos agregados, reparou que seu protegido mantinha-se com a cabeça e o rosto cobertos, mostrando apenas os olhos. Arguido se era por causa do ardor, André acenou que sim. Tentava o menino elucidar com gestos a totalidade das indagações lhe endereçadas. Julgou o genitor que o rebelde proceder era porque não desejava secundá-lo na romaria. Intimamente, decretou:

4/373 - “Antes de chegarmos, estará a falar.”

4/374 A marcha prosseguiu com os raios do Sol a lhes bronzear a pele com intensidade. Lobrigou Saul que o de sua prole não se misturava com os demais andarilhos, conservando-se sempre recuado, até mesmo dele, mas não se abalou, pois sabia que ele integrava o grupo sem vontade.

4/375 José, vigilante a qualquer movimento, atinando que André, que nada comera ou ingerira, que ao menos retirara o turbante a começar de Nazaré, evidenciava inquietação, mas, como não tinha responsabilidade sobre os da caravana, assossejou-se.

4/376 Ainda escondido, o de comportamento diferente aproximou-se do primogênito de Maria que, sorrindo, proferiu:

4/377 - “Digo que és meu irmão ...”, mas não terminou a frase, porque André, com ligeireza, arredou-se sem nada pronunciar.

4/378 Observando a cena, o herdeiro de Jacó inquiriu o almejado redentor do porquê da espontânea alegria.

4/379 - “Digo que conhecerás o que é ser irmão e o que é amar a um outro irmão como se agradaria de ser amado. Conhecerás um filho de Deus que daria a sua vivência pela minha se pedissem a ele.”

4/380 Nada entendendo da assertiva e patenteando sua apatia pelo tema, o carpinteiro desconversou.

4/381 Não por muito permaneceu o pequeno José sozinho, porque André regressou e, calado, acompanhou-o. Quando o emudecido verificava que o colega o fitava, afastava-se parcos metros; contudo, não mais fugiu. Como se deslocava com dificuldades, o nascido Jesus cedeu-lhe o espaço que ocupava no jumento, rapidamente acolhido.

4/382 Demoraram dois dias e meio e duas noites para adentrarem em Bete-cham. Quando da chegada, o arabi do vilarejo lhes recepcionou com entusiasmo:

4/383 - “Desde os tempos daqueles que foram nossos protetores, todos deste lugar saúdam aqueles que são peregrinos de Nazaré que têm como destino a terra prometida”, e os adventícios o cumprimentaram, em nome do Senhor.

4/384 Sem detença, o viúvo de Sara se encaminhou ao poço, onde um dos partícipes da odisséia, igual a um que não bebia água havia semana, fartava-se do precioso líquido. Pela túnica, era o legatário de Saul que, distraído, não atentou para quem se aproximava. Quando José se postou junto do garoto, teve uma surpresa, e grande: o sequioso não era André, mas sim Mateus.<sup>[112]</sup> Como que a não acreditar, enfurecido por ter sido desobedecido, bradou:

4/385 - “A todos enganaste ao te fazeres passar por um peregrino. Falo que irás de volta a Nazaré com a primeira caravana de mercadores que a minha pessoa encontrar.”

4/386 Saciado em sua sede, consciente de suas palavras e do que faria, o romeiro intrometido lhe respondeu:

4/387 - “Sei que não me darás o teu perdão pelo que fiz, mas sei que irias me separar daquele que convivi desde que vim a este mundo. Não conheci aquela que me deu a vida, e Mateus, só alguns dias antes de ele deixar a vida. Só conheci Maria, o pequeno José e depois a tua pessoa. Falo para não me mandares de volta, porque não irei.”

4/388 Determinado, complementou:

4/389 - “Sei que tenho que ficar junto do pequeno José.”

4/390 Não possuindo os sentimentos tão endurecidos como nos idos e, perante a firmeza com que o cunhado se posicionou, o altivo varão condescendeu em que o jovem se conservasse no grupo; porém, impôs-lhe como condição que relatasse a Saul o que fizera. Muito feliz, o derradeiro fruto do ventre de Ana aquiesceu. Diante do interessado, explicou-se:

4/391 - “Não quis ofender a tua pessoa, e peço que não fiques magoado com o teu protegido, que não queria vir. Como a minha pessoa queria, fizemos uma troca.”

4/392 Não se mostrando afrontado com a atitude, o pai de André questionou:

4/393 - “O que trocasse com meu protegido?”

4/394 - “Como não vou ficar em Nazaré, troquei o cordeiro que José havia falado que era meu para criar. É um bom cordeiro, poderás ver quando voltar.

---

[112] Apesar de o pequeno José ter-lhe ofertado pão e, por várias vezes, água, quando chegaram a Betechem, Mateus estava sedento.

Falo que o teu protegido não foi enganado. Sei que o pequeno José não iria gostar se a minha pessoa enganasse o teu protegido.”

4/395 O herdeiro de Jacó, não satisfeito, insistiu no que lhe parecia veraz:

4/396 - “A todos enganaste quando te foi perguntado se estavas a cobrir a face por causa do Sol, e concordaste.”

4/397 O acusado lembrou-lhes do acontecido:

4/398 - “Vós que falastes que a minha pessoa cobria a face por causa do Sol, o que confirmei com a cabeça.”

4/399 José e Saul anuíram com o menino. Para descontraír, o último brincou:

4/400 - “Aquele que é meu protegido não quis vir, mas fez uma troca boa. Já está a trocar”, e, dando por encerrada a conversa, retirou-se.

4/401 Ainda descontente, o carpinteiro interrogou Mateus:

4/402 - “Já que tudo preparaste, com Maria, o que fizeste?”

4/403 - “Pedi a André para falar a ela que vim junto do pequeno José.”

4/404 Por proposta de José a Saul, esse solicitou e obteve autorização dos rabinos de Betecham e de Nazaré para reunir os romeiros arrimos e debater a obrigatoriedade, como ele infligira ao filho, de viajarem contra vontade. O açula da chacinada por Zefir, prazerosíssimo por poder prosseguir junto do anelado servidor, foi o encarregado de avisar os partícipes do encontro. Seu sobrinho, que observara o desenrolar dos fatos, enquanto com ele colaborava, indagou:

4/405 - “Tiveste em tua mente que me enganaste?”

4/406 - “Desde que me olhaste, fiquei com a certeza de que sabias ser a minha pessoa, e não André.”

4/407 Curioso, inquiriu como o identificara. Como resposta, recebeu do aparentado querido prova de amor insofismável, inconfundível e inesquecível:

4/408 - “Digo que depois de Maria, nem um só irmão olharia para mim com tanta alegria como a tua pessoa.”

4/409 Estando os peregrinos de Nazaré congregados, Saul sugeriu aos que tinham legatários na empreitada que lhes consultassem acerca do desejo de continuarem na marcha. Para espanto geral, nenhum dos garotos manifestou o intento de seguir até Jerusalém, excluídos o nascido Jesus e Mateus. Ficou decidido, com o consentimento de Davi, o arabi de Betecham, que os de poucas ceifas ficariam no vilarejo e, no regresso de seus mantenedores, com eles volveriam para Nazaré. Muitos dos caminhantes, pela primeira vez em suas vivências, não usaram o irrestrito poder que possuíam sobre seus filhos.

4/410 O astro rei começaria a ir embora e os de escassas primaveras corriam

pelas imediações, não se importando com a hora. Verônica, esposa de Davi, gritou por Simão, um de seus rebentos, mas não a noticiaram de seu paradeiro. O pai bradou por ele, não alcançando qualquer manifestação verbal de retorno. A genitora, desesperada, desmaiou. Em secreto, o rabino aventou a hipótese de que o desaparecido fora raptado por mercadores de escravos.

4/411 Sem que percebessem, o primogênito de Maria se afastou. Andou por vinte minutos até chegar junto do procurado, que estava estatelado entre as rochas, muitíssimo machucado, com um enorme corte na têmpora direita. Aproximando uma de suas mãos do ferimento, sem nele encostar, chamou-o:

4/412 - “Simão, Simão, vem Simão.”

4/413 Convocado, o desfalecido encetou a se mexer. O sangue, que ainda escorria, cessou e a cicatrização foi instantânea. Desperto, articulou:

4/414 - “Chamaste a minha pessoa?”

4/415 - “Digo para ires para tua moradia, porque teu protetor está a te buscar.”

4/416 O juvenzinho descreveu o que lhe sucedera:

4/417 - “A minha pessoa queria voar como um pássaro para colher o fruto, mas fiquei com medo.”

4/418 Olvidado da queda, interrogou seu colocutor:

4/419 - “O que aconteceu quando fui recolher o fruto?”

4/420 O prometido revelou-lhe que não conseguira firmar-se no galho, e que urgia ir para junto dos seus. A par deles, Simão relatou o ocorrido; no entanto, não acreditaram. Asseguraram que cochilara e imaginara o que narrara. Se houvesse ido ao chão, como garantia, sucumbiria; além do mais, não tinha lesão alguma no corpo. Fora um fantasia, concluiu o marido de Verônica.

4/421 Apesar dos seus seis aniversários, o depoente pediu para que atestassem sua história com o pequeno José. A totalidade dos homens do povoado acompanhou Davi na obtenção da improvável confirmação. O ansioso pai de Betecham perguntou ao herdeiro de Jacó sobre o advindo, que a repassou ao filho:

4/422 - “Simão está a falar que foi a tua pessoa que encontrou ele no vale da morte. É verdade?”

4/423 Ante resposta positiva de quem comia pão embebido no leite, sempre por respeito, o arabi indagou a José:

4/424 - “Meu protegido falou que caiu do monte.”

4/425 Jamais fugindo das questões que lhe eram dirigidas, o nascido Jesus proferiu que não vira o acidente anunciado, o que bastou para que se retirassem,

exceto o rabino. Subitamente, outrem, que pelos da coletividade era considerado demente, aproximou-se e certificou:

4/426 - “Vi a cria voar como um pássaro. Ela caiu, estava sem vida e não pude fazer nada, mas um anjo do Senhor trouxe a vida de volta a ela. Falo que esse anjo do Senhor está entre vós.”

4/427 Apregoava com perseverança:

4/428 - “Testemunhei tudo, sei do que falo.”

4/429 - “Não sei o que aconteceu, nem o que o teu protegido fez. Nunca ouvi esse homem falar uma não verdade. Pode ser doente da cabeça, mas ele não fala o que os seus olhos não viram”, sentenciou Davi, assombrado, que, ante o silêncio do carpinteiro, apartou-se.

4/430 Defronte ao esperado salvador, que junto de Mateus terminava a refeição, desconfiadíssimo de que algum fato diferente realmente sobreviera, o viúvo de Sara lhe inquiriu:

4/431 - “O que fizeste no vale?”

4/432 - “Digo que ajudei Simão a se levantar.”

4/433 Receoso de prosseguir a palestra e se deparar com o que não entenderia, José sustou a verbal investigação; porém, verificando que o filho mudara a indumentária, pela de festa, aspirou inteirar-se do motivo.

4/434 - “Porque estava suja”, foi a explicação.

4/435 A cintilante noite mostrou-se envolvente. Os dois garotos adormeceram e o cônjuge de Maria, admirando as estelas que na abóbada celeste se exibiam, recordava-se dos de Nazaré. Sentia que para o vilarejo não mais volveria. Repentinamente, quem julgavam alienado reapareceu. Convicto, o varão patenteou:

4/436 - “Vi que tinha muitas luzes junto do teu protegido quando ele devolveu a vida de Simão, que estava sem vida. Falo que todo o Sol estava só no vale. Quando o teu protegido tocou em Simão, todo o sangue que estava no corpo de Simão foi para a túnica de teu protegido, que é um anjo do Senhor.”

4/437 José nada pronunciou, apenas fitou o hebreu que sequer nome tinha, quem os ícolas do agrupamento humano conscientes permaneciam ser dependente em razão de não ter família e condições de laborar. Quando ele se distanciou, também foi repousar, pois reiniciariam a jornada na manhã seguinte. Notando a matula do filho arrumada para a marcha, abriu-a e constatou que no traje substituído havia manchas avermelhadas, não na quantidade asseverada pelo necessitado de Betecham, o que o genitor não atentou, mas a evidência era indelével. Chocado, em profunda aflição, a ideia que lhe aflorou ao raciocínio foi orar:

4/438 - “O que está a acontecer, Senhor? Não sei lidar com tudo o que está a

se passar. Sei que não verei nada do que o pequeno José, que é o Seu prometido, irá fazer, mas rogo que coloque no meu caminho alguma pessoa com a qual a minha possa deixar o pequeno José. Peço para me ajudares, Senhor, e fico grato por me ouvir.”

4/439 Antes de um novo clarear de dia, os treze homens partiram de Betchem com destino a Jerusalém, acompanhados unicamente pelo incógnito libertador e por Mateus, que, mesmo proseando em demasia, para compensar as infundáveis horas de mudez voluntária, não permitia que José esquecesse o que decidira, mas não implementara, depois de conversar com Maria prestes do deslocamento para Cessareia de baixo.

4/440 Ela, por muito insistir que seu primogênito carecia de alguém com grande conhecimento para orientá-lo, fez com que o marido aventasse a hipótese de, efetuada a troca por madeira, ir até o Templo do Monte entregar o menino, somente, então, é que regressaria para Nazaré. Todavia, a solução proposta não foi do gosto da caçula de Joaquim, que no derradeiro momento, com vigor, discordou e, para não a contrariar, amargava o arrependimento por não ter feito o que aquilalara correto. Com a integralidade dos minutos disponíveis, seus pensamentos foram ao longe:

4/441 - “Estou a caminhar para Jerusalém e sei que não voltarei: tenho visto Jacó, e ele está feliz com aquela que me deu a vida. Sinto que logo estarei com eles.”

4/442 - “Não há dor em minhas feridas: tenho no meu interior que estou a me acostumar com elas.”

4/443 - “Encontramos um mercador que falou que há comandados de Herodes Antipas e romanos por todo o caminho, mas sei que iremos passar por eles sem que me vejam. Falo que aqueles que são romanos e aqueles que são comandados de Herodes Antipas não irão se preocupar com homens que vivem pelos caminhos e que falam que Jerusalém foi prometida a eles.”

4/444 - “Sei que muitos comandados de Herodes Antipas e muitos romanos estão a falar que todos aqueles que são hebreus creem na terra que foi prometida, mas não é verdade. Falo que entre aqueles que são de minha gente, só aqueles que caminham para Jerusalém pelo menos uma vez em cada doze luas é que creem que Jerusalém é a terra que foi prometida.”

4/445 - “Já estiveste em Jerusalém?”, perguntou o cunhado, instalado no lombo do jumento, interrompendo-o.

4/446 Perante afirmativa resposta, o nascido Jesus articulou:

4/447 - “Digo que, como a tua pessoa, estive em Jerusalém.”

4/448 Inocentemente, o garoto informou que até a moradia dos Herodes avis-tara. O carpinteiro, que puxava o asno, estranhou o noticiado. Pleiteou inteirarse de quando fora, pois tinha ciência de que ele jamais pisara no povoado.

4/449 - “Estive em Jerusalém ontem à noite para ver como é o lugar para onde estamos a caminhar.”

4/450 Mesmo participando de inúmeros eventos que não possuía condições de explicar, o varão garantiu ser impraticável o anunciado.

4/451 - “Sei que para a tua pessoa, por agora, não é possível que a minha tenha estado em Jerusalém, mas digo que, muito em breve, conhecerás que é possível e o farás, como acontecerá com todos os filhos de Deus.”

4/452 Por não compreender o herdeiro, o que se tornara hábito, o consorte de Maria demandou por amparo com o Senhor.

4/453 Mesmo estando os raios do astro rei muito quentes, os peregrinos de Nazaré rapidamente venciam as desérticas veredas. Saul, após o ocorrido com Simão, dedicou muita atenção ao pequeno José. Quando seu observado revezava o lombo do animal com o tio, emparelhou-se dele e questionou:

4/454 - “Estás a ir para Jerusalém porque crês na terra prometida?”

4/455 - “Digo que caminho para Jerusalém não porque aquele lugar é a terra prometida, mas porque em Jerusalém se cumprirá o que os profetas disseram sobre a chegada do prometido.”

4/456 O pelos reprimidos ansiosamente aguardado, objetivando deixar perfeitamente distinguível ao genitor de André, ao elucidar outra indagação, assegurou que o redentor não fora concebido pelo próprio Deus, como muitos afiançavam, mas por um homem. Saul, desconcertado com os termos, interrogou-lhe:

4/457 - “Não és sem colheitas para falares o que estás a falar? Foi o teu protetor que te ensinou?”, retirando-se sem escutar os esclarecimentos.

4/458 Os treze indivíduos, esgotados, estanciaram. O neto de Joaquim gloriou-se com o pai que, quando perto da fogueira, enxergara a mãe:

4/459 - “Digo que vi Maria em Nazaré em tempos que estão por vir.”

4/460 José, não abrangendo que o filho alcançara o futuro, certificou:

4/461 - “Tiveste no teu interior ter visto Maria.”

4/462 - “Digo que foi Maria que vi. Ela conversava sobre a minha pessoa e estava com muito medo.”

4/463 - “Medo do quê?”

4/464 Proferiu o menino que ela se mostrava temerosa do que, em Jerusalém, poderia lhe suceder. José, como se intérprete fosse, sentenciou que eram saudades. Seu interlocutor nada replicou, apenas enlaçou-o carinhosamente.

4/465 - “É a primeira vez que me abraças”, confidenciou o hebreu derreado pela rudeza da vivência levada.

**4-5.1**

4/466 Mesmo com a jugulação, promovida por Herodes, o grande, dos nascidos na Estrela de Belém, Zidec jamais acreditou que o legatário do carpinteiro morreria. Apesar dos esforços para o encontrar resultarem infrutíferos, continuava à sua procura. Junto de Ezequias, dirigia-se a Hiatta, acompanhado de um velho que, por paga, indicaria o esconderijo no qual valiosos pergaminhos com revelações atinentes ao almejado libertador do dominado povo permaneciam encobertos.

4/467 O denunciante, dias antes, alastrava na praça central de Belém:

4/468 - “Conheço tudo sobre a chegada do prometido pelo Senhor. Sei onde estão os escritos que anunciam o que ele irá fazer.”

4/469 O varão, conduzido ao ininterruptamente conselheiro real, apregoou que se inteirara do exato local em que estavam os manuscritos que vaticinavam acerca da vinda do desejado salvador. Bastava atravessar as ruínas do passadouro da purificação, contar trinta passos e cavar.<sup>[113]</sup> Por nada ter como prejuízo, pois, se fosse mentira, mataria-o, e se estivesse sendo ele sincero, locupletaria-se, o consiliário negociou uma substancial recompensa e de imediato partiram.

4/470 Distante uma centena de metros da sinagoga do outrora progressista vilarejo, o língua-frouxa, como os subjugados chamavam os que malsinavam, após apontar o sítio no qual divisariam os receptáculos, narrava ao comprador o porquê de os antepassados dos de seu povo terem ocultado marcados com suas usanças e esperançosos presságios:

4/471 - “Depois que o romano Pompeu conquistou as terras daqueles que são hebreus, aqueles que foram de minha gente esconderam os escritos para que aqueles que viessem depois deles soubessem o que está nos couros. Aqueles que foram de minha gente tinham nos seus interiores que todos aqueles que são hebreus se espalhariam, que nunca mais iriam ficar juntos, como aconteceu com aqueles que são assírios e com aqueles que são babilônios, que ficaram inimigos e se destruíram, e esconderam o que os profetas hebreus falaram e a palavra do Senhor, com medo de que tudo se perdesse para todo o sempre.”

4/472 - “Vim até este lugar para saber da profecia sobre o prometido, aquele

---

[113] **Passadouro da purificação:** por volta de 120 a.C., surgiu uma prática entre alguns dos subjugados que perdurou por décadas. Acreditavam eles que, para conversar com o Senhor, era preciso se depurar. Estaria-o quem atravessasse incólume sob um arco cujos chão e laterais estivessem repletos de espinhos e brasas. Sem dúvidas, o Senhor escutaria quem conseguisse, e o privilegiado, por doze luas, aconselharia e nortearia as ações da coletividade. Após esse período, o mandato teria que ser renovado.

Quando Herodes, o grande, foi alçado à condição de máximo governante, não mais permitiu aos dominados o ritual.

que estão a falar que será o rei de toda a Judeia. É o que quero e é porque estás neste lugar”, manifestou-se Zidec, não interessado na história.

4/473 - “Se não crês no Senhor, por que procuras aquele que é o Seu prometido?”, indagou o ganancioso delator.

4/474 Seu colocutor nada contrapôs, porque um dos soldados propagou em altos brados que se deparara com duas ânforas, gastas pelo tempo, soterradas nas adjacências de uma enorme rocha. Quebrada a primeira, que encerrava em si duas dermas com a ordem do aparecimento das estelas quando do advento do anelado servador, o ancião garantiu para si mesmo, como a justificar seu ato:

4/475 - “Se encontraram, é que chegou a hora daquele que foi prometido pelo Senhor ser revelado.”

4/476 O conselheiro real sentenciou ao idoso ávido por moedas que destroçasse o segundo vaso; esse, no entanto, asseverou que fora trazido para dar informações, não para cometer sacrilégio. Irado, Zidec despedaçou-o a pontapés. Continha ele mais duas tiras de pele de animal que relatavam acerca do aguardado redentor dos reprimidos:<sup>[114]</sup>

4/477 - “Aquele que foi prometido irá falar em Jerusalém: ‘O enviado do Senhor se fez homem e veio trazer a Sua verdade a todos’. Aquele que foi prometido pelo Senhor irá conhecer a dor e sofrerá pelos nossos pecados. És bendita, Belém de Judá, porque de ti virá aquele que foi prometido.”

4/478 Na outra estava gravado:

4/479 - “Aquele que foi prometido pelo Senhor será levado para o Egito e uma voz será ouvida nas regiões Hrranna. Prantos e lamentos todos chorarão sobre a terra, mas não poderão ser consolados porque os que existiam não existem mais.”<sup>[115]</sup>

4/480 Traduzidas para o aramaico, o consiliário, não letrado no idioma hebraico, intimamente afirmou:

---

[114] Eram profecias de Isaías, que vivera cerca de mil e novecentos anos antes de Jesus, nas quais nenhuma alteração fora perpetrada desde quando efetuadas.

[115] Os rochedos ao redor do Mar da Galileia eram cheios de cavernas arduamente atingidas, locais em que muitos se ocultavam da fúria dos Herodes. Os usurpados alcançavam os oásis de paz por um trançado de couro puxado pelo mais forte que, dificilmente, retirava-se do esconderijo.

Nos séculos anteriores, as furnas foram utilizadas por desditosos hebreus que lutavam contra invasores de suas terras. Um desses, de nome Isaías, que elas habitava, começou a indicar aos que o rodeavam quais as estradas a percorrer em que não se defrontariam com inimigos, até mesmo quem deveriam procurar quando fora do refúgio para obter auxílio, alimento e água. Nada do que anunciava era inverídico.

Apregoeava, incessantemente, que o Senhor enviaria um messias, salvador em hebraico, o qual mostraria um diferente caminho que libertaria não somente a seus compatriotas, mas todos os povos, do padecimento em que viviam.

Com o transcurso das primaveras, as notícias do gabaritado vaticinador se firmaram com intensidade nas mentes dos de sua gente, a ponto de se converterem em verdades absolutas.

4/481 - “Para um homem ter conhecimento, há tantas colheitas, sobre o prometido pelo deus hebreu, só se esse prometido for um rei.”

4/482 Ambicioso como poucos, declarou:

4/483 - “Necessito encontrar esse prometido. Quando encontrar esse prometido, terei todo o poder e saberei de tudo o que irá acontecer”, e, com maior afínco, reiniciou a busca pelo surgido no cintilante astro.

4/484 Quando o conselheiro retirou-se do outrora sítio de ritual, juntamente com seus nefastos guerreiros, não permitiu que o vendedor regressasse junto dele. Sem a presença dos dominadores, os de Hiatta para as ruínas se dirigiram. O velho, temendo fenecer por ter entregado tão preciosos segredos, apregooou que, no fundo de um dos recipientes inutilizados, havia indicações de onde estariam cópias do que Zidec obtivera. Localizaram mais dois registros de cada um dos couros, que estão em ambiente seguro, longe da cobiça dos ainda não praticantes dos ensinamentos de Deus, dos que apenas almejam o gozo das riquezas materiais.<sup>[116]</sup> Serão descobertos quando os estagiários desta morada criada pelo nosso Pai estiverem exercitando os Seus ensinamentos, o único caminho que conduz a Ele.

4/485 Também o último vaticínio não foi pelo consiliário depreendido em sua primitiva acepção. Explicamos-o, hoje, como no pretérito distante: ‘O prometido será levado para o Egito e uma voz será ouvida por toda a região de Belém. Prantos e profundos lamentos de Raquel serão ouvidos, que chorará os que vieram dela, mas não poderá ser consolada, porque eles não existirão mais’. Porém, quando for a hora designada por Deus para que nos deparemos com provas tangíveis da estada de Jesus entre nós, o proferido pelo gabaritado pressagiador de antanho será abarcado em seu sentido original: ‘O prometido será levado para o Egito, porque querem matá-lo. A ordem para matar o prometido será ouvida por toda a região e muitos inocentes serão mortos por causa de sua chegada’.

4/486 Hrranna, para Isaías, significava que a mensagem do prometido, a partir de Belém, estenderia-se pelos mais remotos lugares, igualmente a uma rama que cresce nas mais variadas direções.<sup>[117]</sup>

4/487 Zidec, guarnecido pelos de sua corja, volvendo a Belém, proveniente de Hiatta, observou que o encarregado que guardava a entrada do palácio real mostrava-se preocupado, pois incontáveis peregrinos rumavam para Jerusalém.

---

[116] Estão junto dos marcados do caçula de Ana.

[117] A despeito de, nos dias atuais, as profecias serem imputadas a Jeremias, originariamente foram elas proferidas por Isaías.

Reencarnação do espírito que quando estagiara na matéria bruta se chamara Isaías, o também profeta Jeremias apenas as repetiu.

Desejando inteirar-se do por que do inusitado, para ele, procedimento, perguntou o motivo. O conselheiro garantiu não ser nada anormal, complementando:

4/488 - “Esses doentes da cabeça passam por aqui, tem algumas mortes e é só. Não vamos dar demonstração de medo.”

4/489 O bajulador atestou o quão formidável era estar ao seu lado. Encerrou o imodesto capitão a conversa:

4/490 - “Como sempre.”

4/491 Quando junto da esposa, viu-a estudando os marcados que noticiavam a vinda do libertador dos subjugados. Com o que trouxera do passadouro da purificação em mãos, aproximou-se e lhe asseverou:

4/492 - “Aqui está a profecia sobre o nascido na Estrela da Manhã. Quando a minha pessoa encontrar o protegido do carpinteiro, terei o prometido pelo deus hebreu e me tornarei o homem que terá mais poder em toda a Roma.”

4/493 Percebendo o estranhar de Júlia em sua afirmação de que em breve teria quem havia muito buscava, confidenciou que fora informado por um de seus asseclas do paradeiro do menino.

4/494 - “Como sabes que é o protegido do carpinteiro, aquele que foi prometido aos profetas, a cria que veio ao mundo na Estrela da Manhã? Como tens conhecimento de que não é enganação dos teus comandados?”, indagou a consorte, cabisbaixa.

4/495 - “Existem muitas profecias, sinais, que formam uma só verdade para mim”, respondia o arrogante Zidec; todavia, cessou sua elucidação.

4/496 Após parcos instantes, prosseguiu:

4/497 - “Deverias me compreender: passas luas a interpretar esses escritos.”

4/498 Por julgar-se incontestável, concluiu:

4/499 - “Estou certo de que este é o tempo da chegada do prometido pelo deus hebreu.”

4/500 À submissa colocutora, familiarizada com a índole do orgulhoso varão, restou somente corroborar o que escutava:

4/501 - “Há muitas colheitas que aqueles que são hebreus esperam por sua chegada. Muitas vezes, proclamaram ser ele o eleito do Senhor.”

4/502 - “O importante é que esses hebreus miseráveis creiam que a cria que encontrarei é aquele que foi prometido e que alguma pessoa de poder tenha coragem de anunciar: eis aquele que foi prometido.”

4/503 - “E qual homem de poder irá anunciar a todos aquele que foi prometido?”

4/504 - “Sei que o homem que der ao prometido pelo deus hebreu glória e

lanças, poderá anunciar a todos: eis aquele que foi prometido”, finalizou o astucioso conselheiro real.

4/505 Ao Júlia comentar que o garoto procurado era de pouca idade, ele pormenorizou seu plano:

4/506 - “Farei o prometido pelo deus hebreu ganhar colheitas com sabedoria. Cuidarás dele como aquela que carregou ele no ventre, e serás a mulher mais importante de toda a Judeia.”

4/507 Com soberbia, complementou:

4/508 - “Farei dele um grande rei.”

4/509 Entusiasmada com a oportunidade de zelar de um pequeno, pois nunca tivera filhos, a infelicíssima companheira aceitou, com alegria, ser quem faria o papel de genitora do anelado servidor, não porque seria admirada, mas sim por amenizar seu profundo anseio de ser mãe.

4/510 Momentaneamente esquecida de qualquer outro problema, inquieta pela possibilidade de não poder ficar com a criança, questionou o que ele relataria ao déspota quando estivesse com o parido na luminosa Estela. Foi o cônjuge de sinceridade ímpar:

4/511 - “Herodes Antipas tem como verdade tudo o que falo. Será ainda mais fácil falar a ele sobre esse prometido.”

4/512 Zidec, depois do decesso do soberano alcunhado Mamom, além de se manter atuante, influência maior adquiriu. Do substituto tirano era o único conselheiro, visto que os demais áulicos a ele se reportavam.

4/513 Também pelo que se declarou herdeiro da tetrarquia fora designado para localizar o nascido na resplandecente noite. Diante do mesmo, transcurso não dilatado intervalo de seu regresso de Hiatta, expôs o resultado de suas buscas:

4/514 - “Fui a todos os lugares e não ouvi falar em prometido. Sei sobre aquele que era o prometido, aquele que chegou no dia da Estrela de Manhã, porque foi a minha pessoa que comandou as mortes em Belém que Herodes, o grande, decretou.”

4/515 Repetiu as dificuldades que na ocasião enfrentaram:

4/516 - “Só sabíamos que chegara no dia da Estrela da Manhã e que era aquele que fora prometido pelo deus hebreu.”

4/517 Astutamente, ofertou o que quem se nomeara monarca queria que fosse substancioso, mesmo que não abonasse a hipótese: que o rebento perecera. Mentiu visando liquidar definitivamente o assunto:

4/518 - “Ordenaste que a minha pessoa encontrasse onde aquele que falam

ter sido prometido está, aquele que anunciam ser o futuro rei da Judeia, uma ameaça ao teu reino.”

4/519 Emanando confiança, prosseguiu:

4/520 - “Encontrei a resposta nas areias do deserto. A tua dinastia está salva.”<sup>[118]</sup>

4/521 Reafirmou, então, ter desenterrado, no Vale das Almas, junto, inclusive, de Marzius, o qual, com fastio, acompanhava a conversa, os corpos dos meninos fenecidos. Despudorado, arrematou:

4/522 - “Estavam todos conforme deixei.”

4/523 Herodes Antipas acolheu as falsidades proferidas e pediu ao máximo representante dos dominadores que comunicasse os da metrópole do que acabara de escutar.

4/524 - “Que conhecimento diferente tens de Roma! Tens no teu interior que Roma iria se ocupar de tuas passagens fantasiosas, apesar de fascinantes? Estás a filosofar. Roma é um imenso ventre no qual ocupas uma parte minúscula no intestino, a última”, prolatou o advogado do imperador na região.

4/525 Nada contente com o arrego, gritou o assassino de Filipo:

4/526 - “É a minha dinastia que assegura a ordem aqui.”

4/527 - “Seria melhor falar que assegura o recolher dos impostos, com o que estou de acordo.”

4/528 Irado, o gêmeo homossexual apregoou que governava o torrão mais turbulento do domínio romano. Marzius, sarcástico, perguntou:

4/529 - “Falas da tua pessoa ou de teu protetor? Herodes, o grande, foi um bom rei, que não cria em uma só pessoa, só nele e no seu poder. A tua pessoa, ao contrário, é cheia de superstições e medos, se deixa contaminar pela crença desses hebreus. Devo aceitar que teu protetor teve uma decisão sábia ao tirar a vida das crias com sinais de serem o prometido pelo deus hebreu: tivemos menos prometidos e profetas agitadores para crucificar. Por falar no teu protetor, é verdade que ele, para defender o seu reino, matou a companheira e mandou passar mel para conservar ela com doçura?”

4/530 Possesso, Antipas emudeceu e se retirou, o que ensejou regozijo ao procurador, manifestado em seu semblante de irradiante satisfação. Zidec sen-

---

[118] Por haver tirado a vivência dos quarenta e nove meninos e por ter Marzius constatado os corpos enterrados foi que Zidec articulou estar o prometido **nas areias do deserto**.

tenciou ser o estrangeiro, antigo desafeto, prenúncio de desgraça para a concretização dos planos que traçou para obtenção do poder. Pôs-se a arquitetar uma maneira de o eliminar quando ele voltasse a Cessareia de baixo.

## 4-5.2

4/531 Conduzindo os camelos, envolvido em seus pensamentos, José não atentou para o filho, que não mais andava junto dele. Quando percebeu sua ausência, olhou em derredor, mas não o avistou. Apreensivo, retornou pela mesma senda. Não muito distante, encontrou-o a desamarrar os dois asnos.<sup>[119]</sup> Intrigado com o episódio, questionou-lhe o que sucedera, se estavam machucados ou doentes. Salientou o pequeno José que apenas soltava-os. Não abarcando o porquê do inusual proceder, o carpinteiro patenteou que escapariam.

4/532 - “Eles não se sentem bem junto dos de nossa gente?”, inquiriu o jovem.

4/533 Declarou o varão acreditar que apreciavam o tratamento recebido, mas não possuía condições de garantir; contudo, tinha convicção do resultado do ato em prática. Mesmo divergindo do herdeiro, transferiu a carga para as bestas que dirigia e avisou, inclusive Mateus, que, se os quadrúpedes fugissem, seriam os dois que transportariam o que caberia a eles.<sup>[120]</sup> Despreocupado em carregar as provisões, o primogênito de Maria indagou se, ocorrendo o predito, os animais regressariam para Nazaré, ratificando José a exequibilidade.

4/534 Os libertos simplesmente os seguiram, mansamente. Dialogando com o genitor, o almejado salvador afirmou ser necessário que os equinos ficassem desatados, porque iriam livrá-los dos perigos que os aguardavam.

4/535 - “Como sabes?”

4/536 - “Foi um dos enviados por Deus que me disse”, explicou-se o nascido Jesus.

4/537 Diante dos vários eventos presenciados, aos quais buscava o entendimento, o viúvo de Sara se calou. No angustiante silêncio, refletia sobre o que pretendia fazer em relação ao seu interlocutor. Em suas ponderações, pesava a certeza de que, quando o entregasse ao sacerdote Aga, não mais seria seu filho, e sim do Templo, como decretava a Lei, e não queria ser privado do direito de

---

[119] Quando em caravana, os hebreus prendiam, com um trançado de couro, os animais pelos pés para que não se perdessem. Os asnos eram ligados aos seus iguais, os camelos aos da mesma raça.

[120] As alimárias dividiam o transporte da carga. Quando os jumentos a carregavam, as demais bestas se deslocavam sem peso, e vice-versa.

pai, mesmo renegando ser o garoto seu legítimo rebento. Subitamente, conscientizou-se de que não participara o interessado de seu intento. Concluiu não ser digno o que fazia, pois ele é quem deixava a vida. Para mais uma vez nada deprender, pacificou-o o pequeno José:

4/538 - “Digo que um dos enviados por Deus dará resposta às tuas preces.”

4/539 Os peregrinos de Nazaré marchavam havia vinte e dois dias desde que abandonaram Betecham, quando cruzaram por dois comandados de Zidec, Secur e Zaqueu, que estranharam o fato de somente dois meninos estarem junto deles, pois foram noticiados de que eram muitas as crianças. Sem detença, o rabino Araão perguntou-lhes a identidade do informante.

4/540 - “Não saiais do caminho, podereis vos perder”, limitou-se no esclarecimento um dos soldados.

4/541 Não muito depois de os dois guerreiros partirem, os jumentos evadiram-se em disparada. O primogênito de Maria ainda os chamou, demandando que ficassem; entretanto, não o atenderam. José fez menção de correr atrás deles; todavia, por se aproximar rapidamente uma borrasca de areia, desistiu, para abrigar-se e aos dois. Quando o vendaval, que durou a noite inteira, alcançou os romeiros, andaram eles contrariamente ao normal. Os Clópatas isolaram-se dos que, igualmente, direcionavam-se para o afamado vilarejo. Não divisando asilo, o herdeiro de Jacó jogou seu manto nas costas, curvou-se sobre os dois e permaneceu a resguardá-los com o corpo.

4/542 Quando a tormenta se dissipou, quem anteriormente fora nomeado Jeremias, surgindo de dentro do fino solo, apregooou:

4/543 - “Estamos todos com vivência.”

4/544 - “Mas para onde devo ir? A tempestade fez sumir todos os rastros. Como irei para Jerusalém?”, questionou o experimentado carpinteiro.

4/545 - “Digo que sabemos onde fica Jerusalém.”

4/546 Novamente o patriarca nada compreendeu. Se ele, familiarizado com o deserto, era incapaz de ao menos prever o local em que estavam, como poderia um com parques aniversários conhecer as inóspitas veredas?

4/547 - “Sabemos?”, indagou ao anunciante.

4/548 - “Digo que tenho visão além da vida de carne e aqueles que estão junto de mim nos conduzirão até Jerusalém.”

4/549 Sonolento, com dores pelo corpo também por blindar os dois, não abrangendo a assertiva, José se dispôs a renunciar a seu escopo e regressar a Galileia; entrementes, interrogou-se:

4/550 - “Mas como? A tempestade levou os sinais que mostram o caminho.”

4/551 Incontinênti, o primogênito de Maria, cômscio do que se passava com o pai de carne, comentou:

4/552 - “A minha pessoa tinha na mente ser importante chegares em Jerusalém!”

4/553 - “Sei que ainda é necessário”, articulou o outrora insurgente, desanimado com as circunstâncias adversas.

4/554 - “Digo que necessito estar em Jerusalém”, divulgou o anelado servidor.

4/555 Apenas pela firmeza do proferido, não atentando para a imperiosidade do termo, o matrimoniado primeiramente com Sara concordou, e recomeçaram a viagem. Reencontraram onze dos doze partícipes da dilatada jornada, juntamente com os fugidos asnos. Notou José a ausência de Natan e inquiriu Araão por ele. Foi informado de que, desde antes do temporal, quando lhe fora solicitado para ir à frente, não retornara. Complementou o arabi:

4/556 - “Falo que Davi, que acabou de chegar, foi enviado para verificar o que aconteceu.”

### **SER PROPAGADOR DOS ENSINOS DE DEUS REQUER ...**

veja 4/581

## **4-5.3**

4/557 Quem fora investigar o desaparecimento do batedor, enquanto aguardava os dois mais velhos conversarem, assentou-se em uma pedra. O pequeno José, aproximando-se, perguntou-lhe, não que ignorasse, o que significava zelota.

4/558 Nascido em Cafarmaum e adotado por Izaque, considerado profeta pelos íncolas do vilarejo, Davi tivera o protetor assassinado pelos asselvajados subjugadores; da mãe, Joana, imediatamente escravizada pelos dominadores em virtude de sua imensa beleza, apartou-se logo após o óbito do genitor. Havia uma década que residia em Nazaré, quando de Cafarmaum viera, aos doze anos. Temente ao Senhor e desejoso da presença do salvador, era a segunda vez que peregrinava a Jerusalém.

4/559 - “Zelota é todo aquele que se devota pela chegada do prometido pelo Senhor”, explicou-se.

4/560 - “Se os zelotas se devotam pela chegada do prometido, e digo que és um zelota, por que usas lança?”

4/561 Assaz estudioso da história dos de seu povo, sem detença apregoou que o grande monarca Davi e os guardiões de Josué se utilizaram de materiais bélicos. O menino prosseguiu:

- 4/562 - “Até o prometido usará uma lança?”
- 4/563 O varão, com convicção, sentenciou o que a maioria dos hebreus cria:
- 4/564 - “Falo que o prometido pelo Senhor irá usar uma espada de fogo.”
- 4/565 - “Crês que o prometido usará lanças ou espadas?”
- 4/566 Diante de resposta positiva, o mirrado galileu garantiu:
- 4/567 - “Digo que o prometido não virá com uma espada de fogo ou com lanças, que ele não necessitará de armas nem que seus irmãos as usem.”
- 4/568 Ansiava Davi pelo redentor e o assunto lhe causou indisfarçável interesse. Objetivando inteirar-se do que o garoto poderia conhecer sobre o almejado servidor, interrogou-o:
- 4/569 - “Quando aquele que foi prometido pelo Senhor chegar, irá reinar em todos os lugares?”
- 4/570 Todavia, intimamente decretou:
- 4/571 - “Sei que o prometido pelo Senhor cobrirá com o sangue dos Herodes todos os caminhos onde foi derramado o sangue daqueles que são de minha gente.”
- 4/572 O outrora Jeremias esclareceu o órfão:
- 4/573 - “Digo que o prometido não virá para conquistar reinos nesta morada nem para que seja derramado sangue de seus irmãos, mas para que todos desta morada conheçam o caminho que conduz a Deus.”
- 4/574 O romeiro, pasmado e, então, desconfiadíssimo, proferiu:
- 4/575 - “Caminharei junto do prometido pelo Senhor a levar esses caminhos que falaste conduzir ao Senhor.”
- 4/576 Entrementes, propositadamente para si mesmo afiançou:
- 4/577 - “Caminharei junto do prometido pelo Senhor e saquearei todos os tesouros dos Herodes que foram saqueados daqueles que são de minha gente.”
- 4/578 Incontinênti, o vindo ao mundo na luminosa Estrela da Manhã norteou seu colocutor:
- 4/579 - “Digo que pelo tempo em que estivermos em busca de nos vingarmos de um só de nossos irmãos, não conseguiremos ouvir os ensinamentos de Deus que nos são mostrados e, até que nos libertemos dessa busca, não os praticaremos.”
- 4/580 - “O que terá no seu interior aquele que irá com o prometido pelo Senhor levar esses ensinamentos que estás a falar?”
- 4/581 - **“Digo que todo aquele que for anunciar os ensinamentos de Deus a um irmão, necessitará estar com a mente limpa de todo tipo de cobiça, de toda busca por vingança.”**

4/582 - “Em qual lugar aquele que foi prometido pelo Senhor irá chegar? Em qual lugar devo esperar aquele que foi prometido pelo Senhor?”

4/583 - “Digo para esperares em tua moradia pelo prometido, que muitos estão a dizer que já chegou.”

4/584 Por inferir em sua plenitude o diálogo, o homônimo do afamado soberano de antanho, categoricamente, proclamou:

4/585 - “Sei que és aquele que foi prometido pelo Senhor. Só aquele que foi prometido pelo Senhor saberia o que vai no meu interior. Falo que não saiu uma só palavra de minha boca sobre me vingar dos Herodes e de ter a posse dos seus tesouros que foram saqueados daqueles que são de minha gente.”

4/586 - “A tua pessoa é que está a dizer que sou o prometido.”

4/587 Maravilhado, o andarilho, esquecido de apresentar suas conclusões acerca do desaparecido, foi posicionar aos colegas o que recém descobrira. Os dez, para espanto de José, de pronto, aceitaram a ilação do noticiador, incluindo o rabino, sem que pairasse absolutamente dúvida alguma. Entusiasmados, pacturaram que dele cuidariam, até com suas vivências.

4/588 Quando finalizavam o colóquio, eis que sobreveio Natan. Asseverando que a tempestade o impedira de voltar, demonstrou excessiva curiosidade em conhecer quando seria a partida. Sua atitude gerou suspeitas, ainda mais por estar de induto novo e ostentar vários dos valiosos objetos de desejo de ouro que os usurpadores na tetrarquia introduziram. As evidências eram claríssimas: ele realizara uma permuta. Exigiram que confessasse o que ofertara, principalmente Davi, que, desde Nazaré, percebera estar ele demasiado preocupado no que os Clópatas faziam. Explanou que o acusado glosara com ele que, quem apontasse o paradeiro do carpinteiro de Belém para o tirano governante, converteria-se em um homem rico. A situação se esclareceu quando o adotado por Izaque indagou ao pretense delator:

4/589 - “Foram as nossas pessoas que deste em troca dessas moedas? Para sermos escravos de Herodes Antipas? Fala o que deste. Onde conseguiste essa túnica? O que fizeste não é o que um daqueles que são de nossa gente faz.”

4/590 Pressionado, admitiu o feito batedor que relatara para um dos subordinados a Zidec que o procurado José se mudara para Nazaré e peregrinava com eles. Complementando, declarou que fora enviado para dissimular, pois, ao nascer do Sol, os soldados aportariam na área. Profunda tristeza invadiu os que escutaram a confissão, mormente em Davi, que apregoou:

4/591 - “Estamos a esperar pelo prometido pelo Senhor, e o entregas? O que será daqueles que são de nossa gente? Por algumas moedas e uma túnica entregaste nosso salvador.”

4/592 José, mesmo distante, compartilhou calado do teor do diálogo. Incontinêti, o zelota e Araão lhe recomendaram que, com urgência, partisse em

qualquer direção. Eles fariam o possível para despistar os da funesta tropa. Duas horas depois, o herdeiro de Jacó e os meninos abandonaram o local.

4/593 A começar da chegada de Natan, o pequeno José e Mateus arrumavam a carga nos animais. O caçula de Ana, mesmo de longe, acompanhou o desenrolar dos acontecimentos, apavorado com o que poderia suceder.

## 4-5.4

4/594 Ficaram os doze varões aguardando os correligionários do quem se arvorara rei; porém, na manhã predita, ninguém surgiu. Aquiesceram em continuar a viagem, permanecendo Davi sempre atento ao proceder do pérfido informante. Perpassaram o dia sem serem molestados. Quando a noite apresentou sua escuridão característica, cansados e angustiados, um dos romeiros sugeriu ao arabi que dormissem na deparada caverna à beira da estrada.

4/595 Durante o transcurrir dos aflitivos minutos, constatara o adotado por Izaque que o língua-frouxa, a cada passo que davam, mais tranquilo ficava. Em seu íntimo, sabia que ele não revelara por inteiro o que fizera. Deixando quem os denunciara dentro da furna, reuniu os dez outros filhos de Deus, André de Arimateia, Araão, Asbsalão, Benjamin, Elias, Filipe, João de Betecham, Josué, Salomão e Tiago, afirmando-lhes:

4/596 - “Devemos nos preparar para a morte porque entre as nossas pessoas há um traidor. Natan desapareceu porque estava com os comandados de Herodes Antipas. Falo que Natan entregou José de Clópatas, aqueles que são de sua família e todos os outros que estão nesta caminhada como seguidores do prometido pelo Senhor.”

4/597 Deliberado o que fariam, regressaram à cava, quando Davi dirigiu-se ao malsim ganancioso:

4/598 - “És maldito porque entregaste o prometido pelo Senhor, e és bendito por nos dares a oportunidade de darmos nossas vidas por ele.”

4/599 Intrigado, o aleivoso articulou:

4/600 - “Como, dar nossas vidas pela dele?”

4/601 Concluiu o expositor:

4/602 - “Não serás encerrado porque destes prova de que estás ao lado deles, nem serás escravo, porque já tiveste paga. Falo que nossas pessoas, que temos pouca coragem, não suportaremos ser escravos daquele que tirou a vida de nossos protetores e de nossos protegidos, nem a dor do castigo que sofreremos para falar onde José de Clópatas e os seus protegidos estão, ou que caminho tomaram, ao contrário da tua.”

4/603 Convicto, divulgou:

4/604 - “Decidimos que deixaremos a vida para que Herodes Antipas e aqueles que são seus comandados não saibam para onde José de Clópatas e aqueles que são seus protegidos foram, e nem por que tiramos nossas vidas. Falo que irão ter nos seus interiores que somos doentes da cabeça, e o pequeno José irá conseguir escapar. Sabemos que o que vamos fazer é contrário às Leis do Senhor, mas temos certeza de que o Senhor nos dará Sua absolvição.”

4/605 Determinado, o porta-voz complementou o raciocínio:

4/606 - “Sabemos que não há outro caminho, que estamos condenados pelas nossas fraquezas diante do sofrimento. Quando face a face com os comandados de Herodes, concordamos que nem uma só das nossas pessoas irá conseguir esconder por qual caminho José de Clópatas foi com os seus protegidos. Todos concordaram que o melhor caminho é a morte. Que o Senhor tenha piedade das nossas pessoas.”

4/607 Sentenciado, o que não previra, o inconfidente se justificou:

4/608 - “Falo que tive muito medo. Aqueles que são romanos e aqueles que são comandados de Herodes Antipas estão em todos os caminhos e ocupam todos os poços de água. O que fiz foi para poder escapar. Falo para tirardes só a minha vida e seguides.”

4/609 - “O que irá resolver te tirar a vida, se teremos todos o mesmo fim? Não queremos terminar nas mãos dos romanos”, enfatizou Davi.

## 4-5.5

4/610 Em Belém, no palácio construído pelo alcunhado Mamom, uma grande festa ocorria em virtude das despedidas a Antipas, visto que ele asseverara que iria para Cérculis e nunca mais voltaria.

4/611 Zidec se mostrava radiante de alegria, pois acreditou que teria a luxuosa edificação somente para si. Após a folia, ele e os de sua irrestrita confiança anteparariam Marzius e comitiva até parte da estrada para Cessareia de baixo. O sempre ambicioso conselheiro, e quando lhe interessava, subalterno do déspota, definira e ordenara que um dos seus chacinasse os oriundos da distante metrópole depois que se retirasse, pois não ignorava que o procurador não depositava crédito algum nele, o que arruinava seus planos de ser ainda mais poderoso. Prestes a partir, foi avisar Júlia, que tecia um belo adorno para o menino da qual seria mãe, de que se ausentaria. Ao vê-lo, ela perguntou se serviriam ao petiz que chegaria.

4/612 - “Para aquele que foi prometido pelo deus hebreu?”

4/613 - “Para a cria que devo ver ganhar colheitas com sabedoria”, replicou a bela mulher.

4/614 Os sentimentos que a esposa demonstrava, de contagiante felicidade mesclada com impaciência extremada, eram incompreensíveis ao cruel consiliário, que não alcançava o porquê. Embrutecido, mesmo que lhe fosse revelado que o comportamento era motivado por ter ela um filho para velar, que seria recebido como seu legítimo, não aceitaria como verdade. Para Júlia, era o salvador dos dominados, mas poderia ser qualquer garoto, que idêntico tratamento usufruiria.

4/615 Zidec posicionou-a de sua estranheza por o venturo rei da Judeia se deslocar para junto dele. Era como se o deus dos subjugados o guiasse até ele.

4/616 - “A verdade é que falas das colheitas que virão porque estás com medo de encontrar a cria que está protegida pelo Senhor”, articulou a interlocutora, persuadida de que o marido se preocupava com o próprio futuro.

4/617 Superior aos demais, como julgava ser, o conselheiro real, sentindo-se excelso, mais que uma divindade, afirmou:

4/618 - “Falo que o deus hebreu se aproxima dos homens porque está a enviar um dos seus só para se aproximar de mim e me dar mais poder.”

4/619 Por ser do conhecimento da consorte de que ele possuía informações concernentes ao paradeiro de José, o carpinteiro, e seu herdeiro, instou-a a opinar sobre a conveniência de cavalgar para junto deles. Ante a quietude dela, arrematou:

4/620 - “Irei para junto do prometido pelo deus hebreu, mas antes terei que conduzir Marzius.”

4/621 Com respeitada escolta, acompanhou o romano até Hiatta, quando, com alguns outros de seus guerreiros, bem como com a quase totalidade dos da força militar estrangeira, partiu para onde lhe comunicaram que sua caça estaria. Ao adentrar na caverna, os doze marchadores estavam expirados. Não se contentando, vociferou:

4/622 - “Imbecis e fanáticos, tiraram a própria vida.”

4/623 Desagradado, concluiu:

4/624 - “É a solenidade da morte no silêncio.”<sup>[121]</sup>

4/625 Um dos soldados alertou que os corpos dos de parcas primaveras não foram localizados.<sup>[122]</sup> O centurião Homero exigiu vê-los fenecidos. Dissimulando, Zidec decretou:

---

[121] ... **solenidade da morte no silêncio** ...: quando várias pessoas se matavam para que, sob tortura, nenhuma delas confessasse.

[122] Estava Zidec informado de que apenas um outro menino se deslocava junto do prometido pelo deus dos dominados, ignorando, por ser absolutamente desimportante, quantos adultos os acompanhavam.

4/626 - “Não serão duas crias de poucas colheitas que colocarão Roma em perigo.”

**SOMOS FILHOS DO MESMO PAI, QUE  
NOS AMA IGUALITARIAMENTE.**

veja 4/640

**O EGOÍSMO IMPERA ENTRE NÓS PORQUE ...**

veja 4/642

## 4-5.6

4/627 Deixando os peregrinos, José, o primogênito de Maria e Mateus andaram em direção a Jerusalém. Nada os obistou, até que, no entardecer do terceiro dia, aportaram em Betânia. Sequioso, o caçula de Ana ansiava por saciá-la; porém, não tinham mais uma gota nas ânforas. O nascido Jesus separou-se do genitor e, secundado do tio, aproximou-se de um do vilarejo que fabricava balaios para transportes de mercadorias das mais diversas nos jumentos, saudando-o:<sup>[123]</sup>

4/628 - “Que tenhas a paz de Deus.”

4/629 - “Como a tua pessoa”, correspondeu o jovem.

4/630 O pequeno José, apresentando-se, perguntou se poderia lhes dar um pouco do imprescindível líquido. O trabalhador, que noticiou chamar-se Lázaro, fez vir uma de suas irmãs, Marta, mais velha que ele, pedindo que os abastecesse. Para tornar a conversa acolhedora, o que sempre fazia para com qualquer um que se acercasse, o varão comentou que em Betânia o solicitado era uma riqueza, como as pedras do Egito.

4/631 Manifestou-se, sem embaraço, o anelado redentor:

4/632 - “Digo que há outros tesouros ainda maiores que a água, tesouros que põe fim à sede, não a do corpo de carne, mas a do espírito, e faz com que cheguemos junto de Deus, o Pai de todos nós. Digo que esses tesouros serão anunciados a todos os povos desta morada, e estás convidado a fazer com que outros irmãos encontrem esses tesouros.”

---

[123] Os **balaios** eram feitos com a cana do trigo, após terem sido retirados os nós, aberta como se fosse bambu. Para evitar a quebra quando do trançamento, era passada em banha de carneiro para que ficasse maleável.

4/633 O artesão, assustado, olhou para seu colocutor, que aparentava ser mais novo que ele. Por não entendê-lo, inquiriu:

4/634 - “Do que falas? De que tesouros? Nunca saí deste lugar e não busco tesouro algum. Falo que não posso sair deste lugar porque tenho mulheres para cuidar. Só quero trançar os cestos e ficar com as mulheres de minha família, para que elas não sejam levadas como escravas dos Herodes e daqueles que são seus comandados.”

4/635 - “Os tesouros que digo não são os dos homens, são os de Deus, os Seus ensinamentos. **Digo que a prática dos ensinamentos de nosso Pai é o único caminho para chegarmos junto Dele.**”

4/636 Inferindo, então, o proferido, Lázaro não aceitou o que escutara:

4/637 - “Estás a falar que vou ajudar a levar a verdade do Senhor? Falo que nem conheço as letras.”

4/638 Continuou, trêmulo e quase sem voz:

4/639 - “É a tua pessoa que irá trazer a verdade do Senhor? És aquele que foi prometido aos profetas?, aquele que veio libertar todos aqueles que são hebreus da escravidão do Templo de Jerusalém, da maldade dos Herodes, da maldade daqueles que são seus comandados, da maldade daqueles que são coletores de impostos?, que ficam com tudo o que aqueles que são de nossa gente colhem da terra. Agora, até os nossos cordeiros e asnos aqueles que são coletores de impostos estão a levar quando não encontram trigo.”

4/640 - “Digo que os ensinamentos de Deus não libertarão só os hebreus da ignorância da existência de nosso Pai, mas libertarão todos os povos desta morada. **Digo que todos nós somos filhos de Deus e que Ele nos ama com igualdade.**”

4/641 Por ter o espantado artífice questionado se até mesmo os romanos, Antipas e seus cruéis combatentes haviam sido criados pelo Senhor, o forasteiro prosseguiu:

4/642 - “**Outra vez, digo que somos todos filhos de Deus. Digo que alguns de nossos irmãos, por na vida de carne não saberem que temos outras vidas além desta que estamos a viver, ainda não querem fazer o bem a um outro filho de Deus, ainda querem tudo só para eles.**”

4/643 - “Como saberei que é chegada minha hora de ajudar a levar os ensinamentos que falas trazer a todos os povos?”

4/644 - “Digo que em breve voltarei a estar com a tua pessoa.”

4/645 Lázaro nada mais interrogou o menino sobre a futura atividade que

desempenharia, unicamente arguiu-o se estavam sozinhos. O pequeno José glossou que viajavam com o protetor, que procurava comida.

4/646 - “Se quiseres, temos pães e algumas frutas secas”, ofertou o jovem.

4/647 Marta, no mesmo instante, irrompeu com uma diminuta bilha com água. No entanto, Verônica, a mais velha das irmãs, tomou-a de suas mãos.

4/648 - “Deixa que dou a eles”, decretou.

4/649 - “A minha pessoa é que foi buscar”, bradou a primeira, enfurecida.

4/650 - “Não é importante aquela que foi buscar”, manifestou-se a com mais aniversários, também gritando.

4/651 - “Sempre queres ficar com o proveito de tudo o que faço”, esbravejou a tolhida, de personalidade forte.

4/652 O varão da família fez com que as duas no casebre ingressassem e posicionou ao não mais estranho que ambas constantemente discutiam.

4/653 Desde o advento do visitante, a caçula da residência, de apenas nove meses de idade, não emitira som, o que era inabitual. Quando o artesão constata o porquê, o nascido Jesus articulou:

4/654 - “Essa é Maria, aquela que veio depois da tua pessoa?”

4/655 - “Como sabes que essa é Maria?”

4/656 - “Quando a minha pessoa estava a chegar, ouvi dizeres: ‘leva a muito pequena Maria’.”

4/657 Lembrou-se Lázaro de que conversara havia minutos com Marta sobre a menina, dando razão a quem ele abrangeria ser o esperado servidor. Foi quando José se avizinhou, noticiando terem que continuar a jornada. Após as despedidas, seguiram, vagarosamente, para a não distante Jerusalém.

4/658 Observando-os a se afastar, o artífice para consigo mesmo asseverou:

4/659 - “Essa cria de poucas colheitas é mesmo o prometido aos profetas. Fala com a sabedoria de um homem com muitas colheitas, sabedoria que sei ter vindo do Senhor.”

**QUEM DE NÓS NÃO PRATICAR OS ENSINOS DE NOSSO PAI, NA VIDA VERDADEIRA APORTARÁ AO DEIXAR O CORPO DE CARNE.**

veja 4/690

**O QUE ACONTECE COM OS QUE NA VIDA VERDADEIRA ADENTRAM?**

veja 4/692

**QUANDO DECIDIRMOS NOS EMANCIPAR POR COMPLETO  
DAS DORES, ANGÚSTIAS E SOFRIMENTOS QUE NOS AFLIGEM,  
EXERCITAREMOS OS ENSINOS DE DEUS.**

veja 4/694

**SEM QUE ANELEMOS NOS MODIFICAR, OS ENSINOS DE NOSSO PAI  
NÃO ALTERARÃO AS VEREDAS PELAS QUAIS NOS DELEITAMOS.**

veja 4/696

## 4-5.7

4/660 Os últimos dias foram estafantes para o viúvo de Sara. Andara muito, inclusive boa parte das madrugadas. Não mais suportando o cansaço, as úlceras não cicatrizadas que vertiam sangue, comunicou aos acompanhantes que necessitava repousar. Encontrando um tugúrio no qual julgou que estariam abrigados, fizeram parada. Os dois garotos se responsabilizaram para que o fogo permanecesse em brasas, e adormeceram. Repentinamente, o carpinteiro despertou assustado, pois alguém que não visualizava lhe orientava:

4/661 - “Digo para ires para Belém, não para Jerusalém. Digo que em Belém terás respostas às tuas perguntas.”

4/662 - “Mas tenho no meu interior muitas perguntas. Para qual delas me será dada resposta?”

4/663 - “A de não teres uma só pessoa de tua confiança para cuidar do pequeno José.”

4/664 Nada satisfeito, ainda incrédulo de que receberia instrução acerca do que fazer com o primogênito da consorte, negligenciando o inusitado fato, com acutíssimo deboche comentou:

4/665 - “Se em Nazaré, onde conheço a todos, não há uma só pessoa de minha confiança, como haverá em Belém, onde há muitas colheitas fiquei pouco tempo porque estava a me esconder? Falo que não estás certo, que não terei resposta às minhas perguntas em Belém, onde só tenho Simeão José.”

4/666 Ao pronunciar o nome de quem o considerava legítimo mantenedor, a situação se faz clara:

4/667 - “Agora sei que aquele que é de minha confiança irá cuidar do pequeno José e de Mateus. A voz de sabedoria trouxe ao meu interior que só Simeão José terá como proteger o pequeno José. Com ele, estarão seguros e poderei ir desta vida em paz.”

4/668 Absorto, nem abarcou que o irmão invisível aos seus olhos não mais se exprimiu. Não atentou para o timbre vocal como sendo do mesmo que lhe socorrera em outras ocasiões: quando em Veneram anunciou que o filho era o aguardado redentor e ao ser nordeado para não ingressar em Jope e procurar pela moradia de Adam. Também não o associou a quem o confortara quando trabalhava como escravo.

4/669 No novo alvorecer, retomaram a jornada. O caçula de Ana glosou com quem chamava de pai sobre o vilarejo para o qual se dirigiam.

4/670 - “Como sabes que estamos a caminhar para Belém?”

4/671 - “Vi e ouvi aquele homem que estava a te falar.”

4/672 Confirmou José que haviam lhe revelado para ir a Belém; porém, ignorava a identidade do divulgador.

4/673 - “Foi o mesmo homem que veio do Egito”, atestou Mateus.

4/674 Somente então, o herdeiro de Jacó se recordou de quem o acudira quando construía estradas para os opressores, além de ter auxiliado Maria.

4/675 Pelo apoio obtido, por haver cinco dias que se deslocavam desde que deixara os colegas de infortúnio sem ter encontrado os temíveis romanos ou comandados dos Herodes, José, com sinceridade, agradeceu ao Senhor. Cessando a prece, com a mente nos que empreendiam a religiosa marcha, interrogou-se:

4/676 - “O que terá acontecido a todos eles? Na noite passada, vi Davi e todos os outros, menos Natan. O pequeno José já me falou que estão todos em paz, que o Senhor está a ajudar todos eles, como está a nos ajudar.”

4/677 Menos indisposto, decretou:

4/678 - “Falo que o pequeno José sempre tem uma palavra para dar paz.”

4/679 18 de Dezembro de 1 d.C.. Ferido e exausto, secundado dos dois que ainda classificava como infantis, o alquebrado varão andava lentamente. Se urgisse fugir, não alcançaria sequer dois metros. Incentivando a si próprio, em secreto articulou:

4/680 - “Tem fé, que irás conseguir.”

4/681 Aproximando-se de Belém, pela convicção que o dominava de que Simeão José faria pelo filho da cónjuge o que ele mesmo obraria, sentiu-se aliviado. Inebriado com o que lhe trazia harmonia, concedeu-se a oportunidade de divagar com o pensamento:

4/682 - “Estará o pequeno José protegido nas mãos mais seguras de toda a Judeia. Simeão José é um bom homem. Mesmo longe, procurou sempre me ajudar quando sabia onde a minha pessoa estava. A cria de Maria não poderia estar mais protegido. Falo que esse homem que veio do Egito sabe o que está a fazer.”

4/683 Os muitos episódios que lhe marcaram a existência afloraram-se com cristalinidade ímpar: a usurpação de suas terras pelos asselvajados soldados de Herodes, o grande; a primeira esposa; a luta ao lado de Judá; os gritos no aflitivo dia do julgamento de Maria; a matança dos inocentes e dos Josés. A cada minuto decorrido, mais a persuasão de que sua vivência findava o invadia. Experimentava a deleitosa sensação de ter cumprido a parte que lhe coubera. Feliz com a emoção, orou:

4/684 - “Fico grato por esse sentimento de agora, Senhor. Sei que esse sentimento vem da Sua pessoa, que não sou merecedor dele nem que esteja a me ouvir. Falo que nunca tive certeza de que o Seu prometido fosse um daqueles que são de minha família.”

4/685 Determinado, complementou:

4/686 - “Sei que não é necessário pedir, mas peço, porque não ouço a Sua pessoa para saber se está a me responder, e sei que entenderá o que estou a pedir: não permita que Herodes Antipas ou os romanos encerrem o pequeno José. Não permita, Pai de todos nós, como o pequeno José está a falar.”

4/687 Ansiava reencontrar o primogênito de Sara; entretanto, não ignorava que a nora não gostava de estranhos em sua residência. Para si mesmo, afirmou:

4/688 - “Falo que Rebeca não pode saber que estou a chegar. Sei que se Rebeca souber, irá falar a todos que José, o carpinteiro, está em Belém, e logo Zidec e seus comandados saberão do pequeno José.”

4/689 Abstraído, não abrangeu que o filho se abeirara e, com mansuetude, orientou-lhe:

4/690 - “Digo que iremos à moradia de Simeão só quando a noite chegar, porque na entrada de Belém há romanos a perguntarem como é chamado todo peregrino que passa. Para que não tenhamos que anunciar que somos aqueles que não somos, entraremos à noite, quando o vigia estiver a dormir. Digo para dormires em paz que a minha pessoa e Mateus cuidaremos do teu sono, que a companheira de Simeão não está mais na vida de carne, ela pertence agora à **vida verdadeira, para onde irá todo aquele que na vida de carne não praticar os ensinamentos de Deus.**”

4/691 - “E o que acontece com aqueles que chegam na vida verdadeira?”, questionou, com interesse, o com mais aniversários do trio.

4/692 - **“Quando aqueles que na vida de carne não praticaram os ensinamentos de nosso Pai, que prejudicaram um só de nossos irmãos chegarem na vida verdadeira, digo que uns a reconhecerão e quererão nela permanecer, porque buscam vingança e com a nova vida se alegram; outros, por muito tempo, nem saberão que não mais pertencem à vida de carne, porque continuam com a mente nas mesmas buscas**

de quando um corpo de carne possuíam; outros, ainda, não crerão que deixaram o corpo que tinham. Digo que todos esses filhos de Deus, nossos irmãos, voltarão em outros corpos à vida de carne com o mesmo agir que tinham em vivências passadas.”

4/693 Objetivando fortificar seu interlocutor, que entristecido ficara em virtude de conclusões íntimas, arrematou:

4/694 - **“Digo que todos os filhos de Deus já conheceram os Seus ensinamentos, mas só os praticarão quando quiserem se libertar de suas dores e sofrimentos. Quando, outra vez, os ouvirem, saberão que, após a morte do corpo, é possível não mais continuar a busca do que sempre quiseram quando no corpo de carne estavam e, se elegerem o caminho lhes mostrado, iniciarão suas caminhadas para junto de nosso Pai.”**

4/695 - “Deus, esse que estás a falar ser é o Pai de todos nós, vai mudar o meu caminho com os ensinamentos que estás a trazer?”

4/696 - **“Digo que Deus não nos obriga a mudarmos nem um só de nossos passos, mas nos mostra em Seus ensinamentos como caminharmos para junto Dele. Digo que só iniciaremos nossa caminhada para junto de nosso Pai quando quisermos.”**

4/697 Incontinênti, José confessou:

4/698 - “Quero aceitar Deus na minha vida, como aceitas Ele.”

4/699 - “O que dizes sei desde antes de ser teu filho na vida de carne.”

4/700 Mais tranquilo, prestes a cochilar, deu o legatário de Jacó vazão a pensamentos que o acalmaram. Sentiu-se secundado de quem tinha ciência do que proferia. O fruto inaugural do ventre de Maria era um grande varão em um corpo diminuto.

## 4-5.8

4/701 Ao despertar, alta a manhã, surpreendeu-se por estar na habitação do gerado pela primeira esposa.

4/702 - “Como foi que cheguei a este lugar?”, inquiriu.

4/703 - “Foi Simeão José aquele que te carregou, e nem acordaste. O pequeno José falou que era porque estavas cansado”, respondeu-lhe o caçula de Ana.

4/704 Não tardou para que o anfitrião ingressasse no ambiente. Para José, ele irradiava segurança, respeitabilidade, evidenciava conhecer o que desejava. Explicou, então, ao atento enteado o escopo de sua marcha: não tinha ninguém de fé, a não ser ele, para zelar dos dois garotos.

4/705 - “A minha pessoa estava a te esperar. Tive vontade de ir a Nazaré, mas aquele homem que veio de Alexandria esteve aqui e falou que estavas para chegar, que a minha pessoa só tinha que esperar a tua, senão poderia não te encontrar, e fiquei a esperar a tua chegada”, noticiou, com a maior naturalidade, o primogênito de Sara.<sup>[124]</sup>

4/706 Finalmente, depois das inúmeras ocasiões em que recebera auxílio dos irmãos invisíveis aos do plano físico, José em nada ficou pasmo com o anunciado. Não pretendendo dar a entender que sabia do fenecimento de Rebeca, indagou sobre ela, se tinham herdeiros.

4/707 - “Falo que aquela que era minha companheira deixou a vida há muitas luas.”

4/708 Verificando consternação no carpinteiro de Belém, nada mais articulou; porém, o colocutor conservou-se no relato do sucedido:

4/709 - “Quando encontramos uma mulher e fazemos dela nossa companheira, não temos nos nossos interiores as colheitas que irão chegar, temos só o momento que estamos a viver. Falo que não vemos que essa mulher tem vontades, vontades que, muitas vezes, não são as vontades que temos, que não vemos que o Senhor está a proteger ela como está a proteger a nós. Aquela que elegi para ser minha companheira me falava que a vida que tinha não era de seu gosto, e sempre reclamava a uma das mulheres deste lugar. Ela só fazia se queixar de tudo, o que aquelas que são de nossa gente não fazem. Passava no meu interior que, quando falasse sobre o prometido pelo Senhor e o que teria a minha pessoa que fazer, ela me seguiria por todos os caminhos, mas aquela que elegi para ser minha companheira me falou que nunca foi da sua vontade estar unida a mim, que tinha outro caminho para a sua vida. Falo que, quando a minha pessoa orava, ela parecia estar com as forças do mal. Queria ela que a minha pessoa ficasse afastado da tua e do pequeno José. Tentei mostrar àquela que elegi para ser minha companheira o caminho da verdade, mas que autoridade tenho para obrigar que uma só pessoa conheça a verdade, se essa pessoa não quer? A minha pessoa não queria pecar por não deixar aquela que elegi para ser minha companheira seguir seu caminho. Como o caminho que quero não era o caminho que ela queria, deixei que ela seguisse seu próprio caminho, e aquela que elegi para ser minha companheira me deixou seguir o caminho que quero. Aquela que não era mais minha companheira me pediu que desse uma parte do que seu protetor me entregara para que me unisse a ela, para poder voltar à moradia de seu protetor. Mesmo não sendo o que aqueles que são de nossa gente fazem, entreguei tudo o que aquela que não

---

[124] Decorrido minguido tempo, Simeão José descobriu que quem noticiavam ser proveniente de Alexandria integrava o contingente dos mortos. Quando de sua presença, acreditou que fora quem considerava genitor que o enviara.

era mais minha companheira pediu. Falo que só queria que ela fosse feliz, o que, junto de mim, não havia sido. A minha pessoa tinha a certeza de que aquela que não era mais minha companheira seria feliz só, e se tivesse a oportunidade de ajudar ela, teria feito, e o Senhor sabe o que falo, mas, há algumas luas, aquela que não era mais minha companheira deixou a vida.”

4/710 Com sapiência, apregoou:

4/711 - “Falo que devemos sempre saber o que queremos, que não há como seguir dois caminhos quando se é um só.”

4/712 Pesaroso, prosseguiu:

4/713 - “Da tua pessoa, aquela que elegi para ser minha companheira não gostava, nem queria ouvir falar no pequeno José ou no Senhor, e a minha pessoa não poderia ficar sem conhecer os caminhos que o pequeno José irá mostrar, caminhos que homem algum conhece. Falo que deixei os caminhos dos homens para entrar no caminho do Senhor, e sei que aquele que conhecer a verdade do Senhor não irá se perder por outros caminhos. Falo que a oportunidade de estar junto daquele que veio a trazer a verdade do Senhor a este mundo é uma só, oportunidade que não quero perder.”

4/714 Complementou Simeão José:

4/715 - “Falo que a carpintaria me dá o pão, que tenho um homem que trabalha por moedas, chamado Jacó, que gosta do que faz e nele posso confiar, como podes confiar em mim. Já falei a Jacó o que terei que fazer e ele vai me ajudar. Podes ficar em paz que defenderei o pequeno José e Mateus com minha própria vida, se for necessário.”

***INTEIRADOS FICAMOS SE NOS DIRECIONAMOS OU  
NÃO PARA JUNTO DE DEUS PELOS REGOZIJOS  
TRANSITÓRIOS DESTE ORBE QUE ESCOLHEMOS.***

veja 4/724

4/716 José, que aplicadamente escutou o enteado, por estar muito fraco, adormeceu novamente ao término do colóquio. Simeão José se retirava, quando o nascido Jesus ingressou no recinto. Retornando, sem rodeios, indagou ao jovem:

4/717 - “É da tua pessoa que todos aqueles que são de nossa gente estão a falar?”

4/718 Não aguardando a manifestação do aparentado, proclamou:

4/719 - “Sei que és aquele que o Senhor prometeu aos profetas, aquele que o Senhor falou que iria vir a este mundo para libertar todos aqueles que são hebreus da ignorância de Suas Leis e de Sua verdade, porque, desde que chegaste, senti que deveria ficar junto da tua pessoa.”

4/720 Determinado como então procederia, garantiu:

4/721 - “Falo que nada me afastará de junto da tua pessoa.”

4/722 - “Digo que sou aquele que foi prometido pelos profetas para trazer os ensinamentos de Deus, ensinamentos que libertarão não só o povo hebreu da ignorância da existência de nosso Pai, mas libertará todo aquele que O quiser conhecer. Digo que o que trago a todos os povos é o caminho que conduz a Deus, que é a prática dos Seus ensinamentos.”

4/723 - “Por seres de poucas colheitas, crês que aqueles que são de nossa gente te ouvirão?”, inquiriu o artesão da madeira de Belém; contudo, não anunciou que a plateia a que se referia eram os varões que se compraziam com os deleites materiais.

4/724 - **“Todo aquele que eleger para si as alegrias passageiras desta morada que do caminho que conduz a Deus nos afastam, não ouvirá um só dos Seus ensinamentos, mas todo aquele que os aceitar, fechará os olhos e ouvidos às alegrias passageiras desta morada que nos distanciam de nosso Pai, e praticará os Seus ensinamentos.”**

4/725 Após diminuta pausa, concluiu:

4/726 - “Digo que és o segundo que me reconhece.”

4/727 - “Do que estás a falar? Sou o segundo em que?”, questionou o primo-irmão do anelado redentor, por não ter ciência do adotado por Izaque.

4/728 - “Digo que és o segundo que me reconhece como o prometido pelos profetas. Davi soube que conversava com o prometido pelos profetas só pelo que a minha pessoa disse a ele”, explicou-se o inicial fruto do ventre de Maria, narrando o acontecido.

4/729 No muito dialogar, o anfitrião relatou ao garoto o objetivo da marcha do genitor até Jerusalém.

4/730 - “Sei o que José queria, mas digo que não necessito ir para Jerusalém para saber das Leis dos homens. Para o que vim fazer nesta morada, digo que não necessito das Leis dos homens.”

4/731 Simeão José outra pergunta efetuaria, mas o pequeno José antecipou a resposta:

4/732 - “Digo que conheço o aramaico.”

4/733 Inferindo que o aparentado aprendera a marcar as letras e de nada mais carecia inteirar-se, persuadido ficou de que seu colocutor, prestes a ser considerado adulto, iria para Jerusalém discursar no Templo.

4/734 - **“É onde começarei a dizer aos homens sobre Deus, Aquele que criou todos nós iguais, Aquele que não faz diferença entre os Seus**

**filhos**”, mais uma vez o ansiado salvador elucidou a íntima indagação de Simeão José, deixando-o pasmado.

4/735 Refeito, o carpinteiro prosseguiu no confabular. Esquecido do sucedido, mentalmente interrogou-se no tocante a quando seria como o jovem à sua frente e se faria o mesmo que ele.

4/736 - “Digo que tudo o que faço, farás, mas não por agora.”

*QUANDO ACREDITAMOS E TEMOS FÉ EM  
DEUS, INEXISTE QUEM FARÁ COM QUE NOS  
DESVIEMOS DA SENDA QUE CONDUZ A ELE.*

veja 4/743

*NOS DOMINAM SE TOLERARMOS E NOS  
COMPROVERMOS DA SITUAÇÃO OU SE EM  
VIVÊNCIAS PRETÉRITAS SUBJUGAMOS UM IRMÃO.*

veja 4/745

4/737 Mateus e o sobrinho não se cansavam de perambular pelos espaços que lhes era consentido, visto que os reprimidos não gozavam do direito de circular livremente pelo vilarejo, observando as construções e os habitantes de Belém.<sup>[125]</sup> Constataram os dois que muito se comentava acerca do déspota usurpador. O caçula de Ana articulou sua convicção:

4/738 - “Como Herodes Antipas tem poder! Ele manda em tudo, não parece ter outro que manda a não ser ele. Como será que Herodes Antipas faz para mandar em todos aqueles que são hebreus?”

4/739 - “Digo que os hebreus fazem o que querem, não o que Herodes Antipas manda. Se os comandados de Herodes Antipas não estão a vigiar o tempo todo, ele não possui poder. Digo que aquele que governa pelo medo não tem o respeito daqueles que o temem, que só o temem quando estão junto dele.”

4/740 - “Não é por que aqueles que são hebreus são muito fracos que Herodes Antipas manda em todos eles?”

4/741 - “Digo que os hebreus são mais fortes que Herodes Antipas: dão a ele o que possuem na vida de carne, mas o que de mais valor possuem, protegem dentro deles, que é a fé em Deus.”

4/742 - “Mas Herodes Antipas proíbe todos aqueles que são hebreus de falarem sobre Deus!”

---

[125] ... os reprimidos não gozavam do direito de circular livremente ...: ainda, caso um dos dominados se dirigisse a algum romano, ou até mesmo a um dos comandados dos Herodes sem que fosse autorizado, na certa seria trucidado.

4/743 - “Mesmo com Herodes Antipas a proibir os hebreus de conversarem sobre nosso Pai, eles o fazem com os olhos, o que Herodes Antipas não consegue proibir. Se os hebreus não tivessem a fé que possuem em Deus, não resistiriam à perda dos pais de seus pais, depois de seus pais e, agora, de seus filhos e companheiras. Os hebreus continuam a crer em nosso Pai e naquele que virá para mostrar o caminho que conduzirá todos a Ele. **Quando cremos e temos fé em Deus, digo que nem uma só pessoa fará com que nos afastemos do caminho que a Ele conduz.**”

4/744 - “Estás a falar que os hebreus são mais fortes que Herodes Antipas, mas falo que é Herodes Antipas que tem poder, que é Herodes Antipas que manda em todos aqueles que são hebreus, e o tempo todo.”

4/745 - “**Digo para termos na mente que não há poder maior que o de nosso Pai, que nem um só de nossos irmãos tem poder sobre nós e nos domina. Os agora dominados são aqueles que em vivências passadas tiveram domínio sobre um outro filho de Deus ou aqueles que se alegram com seus dominadores e com eles se sentem completos. Digo que nosso Pai não nos criou para que um outro de Seus filhos nos domine, a não ser que algum de nós se deixe ser dominado.**”

4/746 - “Mas aqueles que são hebreus serão sempre escravos?”

4/747 - “Digo que os ensinamentos de nosso Pai libertarão da ignorância da Sua existência todos os povos que são escravos do que possuem na vida de carne, não só os hebreus. Digo que todo aquele que crer nos ensinamentos que trago, estará libertado da ignorância da existência de vidas após a morte do corpo que agora temos.”

4/748 Mateus, que marcava em peles de animais muitos dos acontecimentos a que assistia, compreendendo em sua plenitude o que escutara, afirmou, entusiasmado:

4/749 - “Vou colocar no couro tudo o que estás a falar, para que as tuas palavras não se percam.”

4/750 Por ter conhecimento que o inseparável tio se preparara para desempenhar a tarefa a que se propunha, o nascido Jesus o orientou, esclarecendo-nos:

4/751 - “Dize o que testemunhastes de mim. *Quando estiverem a deturpar tudo o que agora anuncio, os ensinamentos de Deus outra vez virão a todos os povos desta morada, para que não mais percam a fé Nele.*”

4/752 Com redobrada disposição e afincado, o herdeiro do cultivador de melões anotou os ensinamentos proferidos para que os que estiverem a estagiar neste orbe, na época, praticantes do único caminho para junto de Deus, os Seus ensinamentos, quando descobrirem provas materiais de sua estadia entre nós, modifiquem, ainda mais, seus atos.

**4-5.9**

4/753 José, descansado da jornada e com os ferimentos tratados por Joana, esposa de Jacó, labutava com Simeão José. Já Mateus perseverava no vaguear por Belém, ciceroneado pelo sobrinho. Esse, em um dos passeios, cômico de haver quatro dias que eram encaçados por um dos comandados de Zidec, repentinamente, sentenciou ao tio para que corresse. A despeito de não atinar o porquê, foi o que o irmão uterino de Maria fez. Quando Secur se aproximou, somente um deteve. O prisioneiro, guiado ao palácio real, na ausência do consiliário, foi entregue a Júlia.

4/754 - “Como o teu protetor chama a tua pessoa?”, perguntou a bela varoa.

4/755 - “Pequeno José.”

4/756 - “Falo que irás ser a cria que veio de mim. Não serás mais aquele que trabalha a terra. Falo que serás educado com as Leis do Templo e irás ter tudo o que quiseres, é só pedires. Sou a companheira do conselheiro de Herodes Antipas”, apresentando-se.

4/757 Indicando-lhe uma privada do livre arbítrio, prosseguiu, antes de ambas se apartarem:

4/758 - “Essa mulher ficará dedicada à tua pessoa. Irás receber dela os teus deveres.”

4/759 O carpinteiro de Nazaré, a quem o esbaforido cunhado informou sobre o enclausuramento, abandonou o que fazia para socorrer o filho. Ao encontrar Simeão José, narrou-lhe o advindo e, desesperado, asseverou ser o encerramento sua inteira culpa, pois se equivocara em ter marchado até Belém. Persistiu no se lamentar:

4/760 - “Passou no meu interior dar a outro o protegido que me foi confiado pelo Senhor. Sei que não respeitei o Senhor ao fugir da minha obrigação de cuidar do pequeno José.”

4/761 - “Fizeste tudo o que podias. Sei que renunciar a ver o pequeno José ganhar colheitas te causou muita dor.”

4/762 Responsabilizando-se pela situação, José confessou:

4/763 - “Sei o que vai dentro de mim e o que se passou com a minha pessoa. Tenho tentado entender o que é justo: se deixar o pequeno José com a tua pessoa é um bem para ele ou para mim. Falo que deixar o pequeno José com a tua pessoa seria para a minha lançar para muito longe um grande fardo.”

4/764 - “Falo que não me será difícil ver o teu protegido ganhar colheitas.”

4/765 - “Não o pequeno José, que não é igual aos outros protegidos. Ele conhece palavras que homens de sabedoria nunca pronunciaram. Falo que Zidec

não será o primeiro a querer ter o pequeno José em seu poder para buscar glórias. Sei que o pequeno José irá contra os interesses de todos aqueles que dominam aqueles que são de nossa gente, que não querem ouvir falar no Senhor e nem permitem que falemos. Aqueles que são poderosos tentarão levar o pequeno José para junto deles, e o pequeno José muito irá sofrer. Falo que os homens que têm poder não irão entender o que o pequeno José veio fazer neste mundo.”

4/766 Abarcando os sentimentos de quem tinha como genitor, o primogênito de Sara o confortou:

4/767 - “Não sabemos o que o Senhor tem para o pequeno José. Devemos confiar no Senhor, que nos enviou o pequeno José, e se nos enviou o pequeno José, é porque a hora é chegada. Aquele que quiser, irá entender o que o pequeno José veio fazer. É no que creio. Vamos confiar no Senhor e nada irá acontecer ao pequeno José.”

4/768 Persuadido, arrematou:

4/769 - “Falo que não irá demorar para que o pequeno José esteja junto das nossas pessoas.”

4/770 Apesar da convicção emanada pelo enteado no retorno do garoto, o aflito hebreu se retirou, acompanhado apenas de Mateus. Ambos seguiram até o paço real objetivando conversarem com o consiliário.

4/771 Findava o segundo dia do rapto do prometido pelos profetas e o mais que desalentado pai continuava no lado externo do palácio, quando atentou para anormal movimentação. Descompassadamente, inúmeros indivíduos gritavam sobre a morte de dois dos vindos da distante metrópole. Marcos, que, junto de muitos dos seus, organizava-se para sair à caça dos matadores, foi questionado por Zidec, que voltava da região de Jericó, concernente ao que ocorria.

4/772 - “Necessitas falar a Herodes Antipas que tiraram a vida de Marzius e a de seu conselheiro quando dormiam. Foi após Hiatta, e três homens a fugir foram vistos”, apregoou o estrangeiro.

4/773 - “Por que perturbar Herodes Antipas com as nossas dificuldades? É melhor deixarmos Herodes Antipas onde está. Se não resolvermos as nossas dificuldades, Herodes Antipas irá falar que somos incapazes.”

4/774 Ao perceber que o anunciador concordava, o assassino de Alfeu garantiu que capturaria quem extinguiu a vivência não somente do procurador:

4/775 - “Nem uma só pessoa tira vidas romanas e fica sem punição.”

4/776 Por sua expressa determinação, Ezequias, o mais fiel dos seus comandados, coadjuvado por dois outros cúmplices, foram os homicidas. Ao dar a ordem, intimamente maquinara o destino dos três.

4/777 Como a de nada saber, o pérfido conselheiro real, à surdina, senten-

ciou a Betsaú que os trouxesse vivos, mas sem as línguas e as orelhas. Seis dias depois, os chacinadores dos usurpadores foram apresentados. Antes de matá-los, Zidec segredou ao mais velho dos varões do cultivador de melões:

4/778 - “Era a tua pessoa ou a minha. Prefiro que seja a tua.”

4/779 Quando se desvencilhou de Marcos, foi informado por Secur de que o herdeiro do carpinteiro estava no calabouço. Radiante de alegria, para junto dele se direcionou; porém, como a noite chegara, unicamente comprovou o noticiado. Quando volviam, Júlia, que lhe secundava, ousou opinar que o encerrado era de parcas colheitas e que depreendia não ser admissível segregá-lo da mãe. Se ela o tivesse gerado, não ficaria feliz. O marido, prepotente como poucos, até estancou seu deslocamento. Estranhando o articulado, exprimido em termos nunca pronunciados, inquiriu-lhe:

4/780 - “Não querias uma cria? Agora que tens, ficas a lamentar?”

4/781 - “A minha pessoa queria uma cria que não tivesse uma mulher a cuidar dela, ou um protetor, uma das crias que a tua pessoa e Herodes Antipas deixaram sem família e sem moradia, não essa cria, que tem família e a proteção do Senhor. Não que as outras crias não tenham a proteção do Senhor, mas é que, por agora, todas as crias que são hebreias não podem esperar só pela proteção do Senhor. Pelo tempo em que aqueles que são hebreus forem escravizados por homens de poder como Herodes Antipas e a tua pessoa ...”, mas foi interrompida pelo estupefato consorte.

4/782 Ameaçando-a, aos brados asseverou:

4/783 - “É melhor não falares mais nada, senão te farei escrava e não mais minha companheira.”

4/784 Conhecedora da índole do esposo, Júlia emudeceu, não porque se considerava superior as cativas, mas porque sabia como eram tratadas.<sup>[126]</sup>

4/785 Logo no alvorecer do novo dia, o consiliário, exultante, decretou que lhe trouxessem o prisioneiro. Ao vê-lo ingressar no ambiente, proclamou:

4/786 - “Aquele que foi prometido pelo deus hebreu!”

4/787 - “Temes a minha pessoa?”, concluiu.

4/788 Ante a manifestação negativa, prosseguiu:

4/789 - “Tinha no meu interior que não te encontraria mais.”

4/790 - “Digo que aqui estou.”

---

[126] As menos que vassalas pertenciam não somente aos romanos e não usufruíam do direito de engravidar. Tinham obrigação de saber como evitá-la; caso contrário, eram assassinadas, como as adúlteras.

4/791 - “Não consigo crer que estejas na minha frente”, continuou Zidec, que, por se julgar poderosíssimo, tinha como incontestável que o garoto sempre lhe pertencera e que essa sua verdade fosse também a de seu interlocutor.

4/792 Como não compreendia por que o menino dele se esquivava havia muito, apregoou:

4/793 - “Se os nossos caminhos se separassem e nos encontrássemos outra vez”, mas, por instantes, cessou seu verbos.

4/794 - “Prefiro crer que desististe de fugir e que aceitaste estar sob minha proteção”, finalizou.

4/795 Propositadamente, o pequeno José, então, comentou que não estava sozinho. Ignorando o porquê da repentina assertiva, questionou o ambicioso opressor:

4/796 - “Falas de teu protetor? Estás preocupado com ele? Posso dar para o teu protetor várias moedas.”

4/797 Desconfiado, complementou:

4/798 - “Se não é de teu protetor que estás a falar, não entendo o que me falaste!”

4/799 Nada respondeu o primogênito de Maria, que iniciou o retorno para a escura e úmida masmorra. Não acreditando que se retirava, perguntou o conselheiro para onde se dirigia.

4/800 - “Digo que vou ao cárcere.”

4/801 Quando um dominado não satisfazia a vontade de Zidec ou, audaciosamente, dava-lhe as costas, não sobrevivia. O mirrado jovenzinho se calara e, ainda, terminara a conferência. Enraivecido, contendo-se para não tomar atitude drástica, articulou, em estrepitoso tom vocal, qual o objetivo da revelação de não estar desacompanhado.

4/802 - “Digo que não estou com homens armados e que os hebreus não entrarão em teu palácio, como estás a temer. Não vim a esta morada criada por Deus para que irmãos nossos derramem sangue por mim, mas o que trago a todos os povos, os ensinamentos de nosso Pai, fará com que todos os meus irmãos, como a tua pessoa, encontrem o caminho que conduz a Ele. Digo que neste palácio está uma mulher que encontrará esse caminho só com a minha presença.”

4/803 Ultimando seus vocábulos, enfatizou:

4/804 - “Quando anunciei que não estou só, é porque Deus está com a minha pessoa por intermédio dos Seus enviados, que me ajudarão a anunciar os Seus ensinamentos a todos os povos.”

4/805 Subitamente, penetrou no recinto, interrompendo a conversa, um dos asseclas do consiliário e, segredando-lhe, fez com que se afastasse, deixando o

primogênito de Maria a sós, não sem antes sentenciar que reforçassem a guarda. Saiu para receber José, que se conservava nas escadarias e demonstrava que nelas permaneceria até que fosse atendido.

4/806 O ousado e taxativo carpinteiro, sem delonga, interrogou-o sobre o paradeiro do filho. Desprezando o proferido, o prestigioso conselheiro real arremessou aos pés do vil varão um embrulhado, fazendo-se claro:

4/807 - “Podes levar a túnica dele e as moedas. É a tua paga. Sei que nunca possuíste tantas moedas em tua vida.”

4/808 Desejando unicamente ter o pequeno José de volta, com insensatez, o herdeiro de Jacó replicou:

4/809 - “Falo que o que quero é o meu protegido, não moedas”, avançando, incontinênti, no pescoço de Zidec para estrangulá-lo.

4/810 Horas depois, José, muito machucado, foi lançado distante da edificação, sem a vestidura do filho e o dinheiro.

4/811 Pela autoridade que detinha e crueldade que lhe era peculiar, o consiliário poderia ter decretado o suplício do consorte de Maria no mesmo minuto; porém, não o fez. Raciocinou que, se o eliminasse, o prometido aos subjugados nada lhe daria do que esperava alcançar.

4/812 O nascido Jesus solitário ficou durante a ausência do brutamonte, que, ao regressar, indagou-lhe se interpretava as letras. Diante de positiva resposta, disponibilizou-lhe um mercado de couro, exigindo que o lesse.

4/813 - “Por ordem do rei Herodes, o grande, o magnífico, são condenados à morte todos aqueles que são hebreus que vieram a este mundo no dia da luminosa Estrela da Manhã”, obedeceu-o o pequeno José.

4/814 Quis, ainda, o também conselheiro de Antipas se inteirar se os pais de seu troféu lhe notificaram da nefanda determinação. Por ter seu colocutor gesticulado negativamente com a cabeça, finalizou:

4/815 - “Existia uma profecia, da qual nem uma só pessoa mais se lembrava, que afirmava ser aqui em Belém, onde viveu Davi, aquele que foi rei hebreu, que chegaria o rei da Judeia, aquele que libertaria o povo hebreu de todos os seus inimigos. No dia em que vieste ao mundo, apareceu no céu a Estrela da Manhã, que indicou o tempo ser chegado. O rei Herodes se sentiu ameaçado, teve medo e, para se defender, ordenou que tirassem a vida de muitas das crias que viviam em Belém. Sei que terás necessidade de saber tudo o que foi feito e falado a teu respeito: foram tiradas as vidas de quarenta e nove crias, e foste salvo. Esse dia ficou conhecido entre aqueles que são hebreus como o dia em que foram tiradas vidas inocentes.”

4/816 Intencionalmente com gravidade no se exprimir, prosseguiu:

4/817 - “O que o rei Herodes ordenou continua em vigor. Sabes o que significa continuar em vigor o que o rei Herodes ordenou?”

4/818 Por não obter nenhuma manifestação do garoto, complementou:

4/819 - “Significa que a tua condenação foi só protelada, que pode ser executada agora ou em outro momento.”

4/820 Fixado nos pacatos olhos do primogênito de Maria, ficou na expectativa de resolução concordante com os seus interesses. Provocara a situação para apavorá-lo, pois se persuadira de que ele, ao ser informado sobre o decidido, faria o que fosse imperioso para evitar a consumação da vontade de quem fora apelidado Mamom. No entanto, não acreditou no que o prisioneiro articulou:

4/821 - “Digo que se cumpra a Lei dos homens.”

4/822 Por ter planos traçados, estatuiu o ambicioso opressor:

4/823 - “A tua morte foi por mim impedida, mas terás que viver sob meu poder. Irás ser instruído para os teus futuros deveres até o dia em que fores aclamado o rei de toda a Judeia, aquele que foi prometido ao povo hebreu”, e retirou-se, sequer permitindo ao menino pronunciar um único vocábulo.

4/824 Entrementes, não percebera que a palestra fora acompanhada, na sua totalidade, pela esposa.

***SOMOS ABSOLUTAMENTE LIVRES PARA  
OPTARMOS PELA SENDA QUE TRILHAREMOS.***

veja 4/844

***NOSSO PAI, POR INTERMÉDIO DOS SEUS ENSINOS,  
MOSTRA QUE QUALQUER MAL PRATICADO CONTRA UM  
DE SEUS FILHOS, SAIBA ESSE IRMÃO OU NÃO DO ATO, O  
PREJUDICADO É O PRÓPRIO AUTOR.***

veja 4/844

***O QUE PERPETRAMOS DE RUIM EM NOSSA VIVÊNCIA  
SÃO OBRIGAÇÕES A QUITAR EXCLUSIVAS NOSSAS.***

veja 4/849

***SE NÃO QUISERMOS CONQUISTAR COMPROMISSOS PARA SEREM  
RESGATADOS NO PORVIR, AO NORTEARMOS UM SEMELHANTE  
ACERCA DOS ENSINOS DE DEUS E NÃO FORMOS ESCUTADOS, ...***

veja 4/851

***SE ESTIVERMOS A PAR DE IRMÃOS QUE ENFRENTAM***

***DIFICULDADES, E NÃO IMPORTA QUAIS SEJAM, E SUAS AFLIÇÕES NÃO SÃO AS MESMAS QUE AS NOSSAS, INTEIRADOS FIQUEMOS QUE ...***

veja 4/853

***POR SERMOS DONOS DE NOSSOS DESTINOS, ATENTEMOS PARA O CONVITE DE NOSSO PAI.***

veja 4/855

***COMO NÃO IGNORAR QUE NOS DISTANCIAMOS DE DEUS?***

veja 4/857

***CAMINHAMOS PARA LONGE DE NOSSO PAI COM CLARA NOÇÃO, MAS, POR NOS DELEITARMOS COM A VEREDA, NELA PROSSEGUIMOS.***

veja 4/859

***QUANDO EXERCITAREMOS OS ENSINOS DE DEUS?***

veja 4/859

4/825 Estando o cônjuge já afastado, objetivando constatar que ele não retornaria, Júlia aguardou alguns instantes para deixar o esconderijo. Convencida do fato, dirigiu-se ao encarcerado, que conversava com Deus, anunciando-lhe:

4/826 - “Falo que estás livre, e não me perguntes por que te liberto, nem sei por quê.”

4/827 Intimamente, decretou:

4/828 - “O que sei é que não mais poderei ficar neste lugar após libertar aquele que foi prometido.”

4/829 Conhecia ela que seu agir, cedo ou tarde, seria descoberto e que sucumbiria, porque também era responsável pelo valioso prêmio.

4/830 Segurando as mãos do pequeno José, por um secreto túnel sem luminosidade alguma construído para o caso de uma hipotética revolta popular, o guiava para fora.<sup>[127]</sup> Por onde andavam é que Zidec faria penetrar no palácio os dominados quando ele proclamasse o anelado servidor o monarca da Judeia. O conselheiro os estimularia a se insurrecionarem contra Herodes Antipas e eles

---

[127] Improvável no entender de Herodes, o grande, que determinara sua construção. Para ele, seus súditos não tinham inteligência tamanha; porém, seria prudente ter uma rota de fuga.

matariam o déspota. Ao surgir a luz solar, Júlia, emocionada, demandou ao garoto que não se esquecesse dela, finalizando:

4/831 - “Falo que estarás sempre no meu interior.”

4/832 Sentindo-se transportada da conjuntura vivida para outra, de indizível beleza e paz, por completa felicidade, a mulher abaixou-se para no rosto osculá-lo. A voz, então, do pequeno José, de leveza similar ao voo de um pássaro, ressoou em seus ouvidos, o que lhe ensejou a indescritível sensação de os pés não tocarem o chão:

4/833 - “Digo que podes dar um beijo em minha face, mas espero que não seja de separação, porque, se quiseres, poderás vir junto de mim.”

4/834 Com nitidez, continuou:

4/835 - “Digo que não és Júlia. Júlia é como Zidec te chama. És Abigail, da proteção de Kalebe. És uma hebreia.”

4/836 E, com irradiante convicção, concluiu:

4/837 - “Não perderás a vivência que tens se vieres com a minha pessoa. Digo que há muito para fazeres antes de deixar o corpo de carne.”

4/838 Extasiada, a esposa do consiliário não absorveu o articulado em relação a seu pretérito. Preocupava-se com o menino, que possuía olhos límpidos e meigos como jamais vira. Por acreditar que, ao volver, não atentariam, de imediato, para a ausência do encerrado, o que proporcionaria a ele maior chance de sucesso na fuga, afirmou:

4/839 - “Se a minha pessoa ficar, Zidec não sairá para te perseguir, e estarás longe. Zidec e seus comandados não estão a ver o que estou a fazer.”

4/840 Cômico do que proferia, o nascido Jesus alargou a compreensão de sua aluna para que decidisse ela qual rumo tomar:

4/841 - “Digo que não veem o que estás a fazer, mas saberão e não terás como negar o que fizeste. Se vieres com a minha pessoa, Simeão José te protegerá, e ajudarás não só uma cria, mas muitos dos filhos de Deus. Quando Zidec não mais me encontrar, digo que irá me procurar e não se importará com a tua pessoa: serás mais uma companheira que passou pela vivência dele.”

4/842 A nominada Júlia, que nunca escutara palavras enunciadas com tamanho grau de persuasão, contagiada pelo inolvidável momento, anunciou:

4/843 - “Falo que irei para onde quiseres, que farei tudo o que ordenares.”

4/844 - “Nada ordenarei a tua pessoa ou a um outro irmão. **Digo que somos livres para fazer o que quisermos, que somos livres para seguirmos o caminho que elegermos. Deus, o Pai de todos nós, nada nos ordena. Digo que Ele nos criou para sermos livres e nos mostra os Seus ensinamentos.**”

para que saibamos que todo mal que fizemos ao próximo, os prejudicados seremos nós mesmos.”

4/845 Com clareza, arrematou:

4/846 - **“Digo que Deus nos mostra os Seus ensinamentos para que caminhemos para junto Dele.”**

4/847 Entrementes, em virtude dos costumes seculares que a mantinham agrilhoada ao que sempre foi cômodo aos filhos de Deus que neste orbe estagiam em corpos masculinos, questionou:

4/848 - “Mas se a minha pessoa seguir com a tua, deixará Zidec só e com as vozes que muito perturbam seu sono!”

4/849 - “As vozes que perturbam o sono de Zidec não o deixarão só porque estarás junto dele. **Digo que tudo o que fazemos em nossas vivências são compromissos só nossos: se erramos, é porque queremos; se agimos certo, é porque praticamos os ensinamentos de Deus.** Se me seguir for o que queres, ficarei alegre com tua presença.”

4/850 - “Mas um sacerdote do Templo de Jerusalém falou que o Senhor me ordenou ficar junto de Zidec!”

4/851 - “Se muito orientaste Zidec sobre a existência de nosso Pai, e ele em um só momento quis te ouvir, por que não permitir que Zidec siga o caminho que eleger e a tua pessoa segue o caminho que queres? **Digo que Deus nos mostra em Seus ensinamentos que se orientarmos um irmão ou uma irmã sobre o caminho que conduz a Ele, e se essa irmã ou irmão insistir em não nos ouvir, permanecer junto deles é conquistar compromissos que terão que ser resgatados em vivências futuras.**”

4/852 Resoluto, noticiou:

4/853 - **“Digo que Deus nada nos ordena; que nós, Seus filhos, somos livres para seguirmos o caminho que elegermos; que cada um de nós está a resgatar os próprios compromissos de vivências passadas; que se estivermos junto de um de nossos irmãos que está a passar dificuldades e as suas dificuldades não são as mesmas que as nossas, tenhamos na mente que os compromissos desse nosso irmão não fazem parte dos nossos compromissos, que estamos junto dele para lhe ajudar a vencer suas dificuldades, para lhe ajudar a caminhar em direção a nosso Pai, porque ele já pertenceu a nossa família na vida de carne em uma de nossas vivências passadas.”**

4/854 - “Sei que muito errei por ter no meu interior que era o Senhor que estava a me ordenar o que fazer.”

4/855 - **“Digo que todos os dias somos convidados pelo nosso Pai,**

**por intermédio dos Seus ensinamentos, para seguirmos o caminho que conduz a Ele.”**

4/856 - “Como sei que não estou no caminho que conduz ao Senhor?”

4/857 - **“Digo que não estamos no caminho que conduz a Deus quando praticamos maldades contra nosso próximo e não os ensinamentos de nosso Pai.”**

4/858 - “E como saberei que estou no caminho que conduz ao Senhor, que estás a falar ser a prática dos ensinamentos que trazes?”

4/859 - **“Quando não estamos no caminho que conduz a Deus, digo que na nossa mente sabemos que o caminho que estamos não é o caminho certo, mas, como nos alegramos com ele, insistimos em seguir pelo caminho que não conduz a Deus. Nosso Pai nos mostra os Seus ensinamentos, mas só os praticaremos quando estivermos a sofrer, cansados dos caminhos que elegemos. Outra vez, digo que somos nós mesmos que elegemos nossos caminhos: aquele que conduz a Deus, a prática dos Seus ensinamentos, ou aqueles em que ficamos a perder várias vivências na busca das alegrias passageiras desta morada que Dele nos afastam.”**

4/860 Ao final da conversa, Abigail sequer se lembrava de que era consorte do nefasto conselheiro real. Acompanhou seu instrutor, que lhe trouxera paz nunca antes experimentada.

***OS BONDOSOS E JUSTOS EXERCITAM OS ENSINOS DE DEUS  
E NA SENDA QUE CONDUZ A ELE SE CONSERVARÃO.***

veja 4/878

## **4-5.10**

4/861 José, mesmo após ter sido brutalmente espancado, fincou-se nas escadarias do paço de Zidec, objetivando novamente exigir o filho de Maria. Para si mesmo afirmava:

4/862 - “Só sairei deste local sem vida ou se me entregarem o pequeno José.”

4/863 Estava inundado por infável sentimento de culpa: se não o houvesse trazido para ser educado pelos do Templo de Jerusalém, nada teria acontecido. Sua dor moral era imensurável, o que o impedia de segurar as lágrimas. Junto dele, Mateus, calado se mantinha. Subitamente, um sorriso iluminou o semblante do menino:

4/864 - “O pequeno José está livre. Falo para darmos a volta que ele está no outro lado deste palácio.”

4/865 - “Como sabes que o pequeno José está livre?”

4/866 - “Uma voz falou no meu interior. Falo que era a voz daquele homem que veio do Egito.”

4/867 Ao ser pronunciado o antropônimo de quem o salvara, que perseverava em lhe auxiliar, o herdeiro de Jacó concordou:

4/868 - “Se é aquele homem que está a te falar, devemos ir porque ele não falou nada que não fosse verdade.”

4/869 Os dois, sem chamar a atenção, rumaram para os fundos da edificação. A ausência do prostrado ancião foi recebida com alívio pelos soldados, pois ele não mais persistiria em retomar o prisioneiro do consiliário. Quando a dupla alcançou o sítio de onde somente se avistava o pedregoso deserto, encontraram-no, secundado de Abigail, aguardando-os.

4/870 Liberto, o nascido Jesus não retornou para a residência de Simeão José, mas se abrigou em uma das diversas furnas existentes nas imediações, hodiernamente denominadas cavernas dos hebreus.

4/871 Com entusiasmo, José notificou ao filho que regressariam a Nazaré; entretanto, o informado, decidido do que faria, manifestou-se:

4/872 - “Digo que a minha hora é chegada e seguirei para Jerusalém. Estou pronto para semear os ensinamentos de Deus, para que todos os povos os conheçam e os pratiquem, para que todos saibam das muitas vivências que terão para o seu aprendizado e como fazer para chegar junto de nosso Pai.”

4/873 - “Por seres de poucas colheitas, poucos daqueles que são de minha gente irão crer nas tuas palavras, e nem um só irá te seguir.”

4/874 - “Digo que aqueles que crerem nos ensinamentos de Deus que trago a todos, não mais serão escravos das Leis do Templo, Leis que obrigam a todos a viver enganações, e os que vierem com a minha pessoa é porque creram nos ensinamentos de nosso Pai.”

4/875 - “Sei que aqueles que são de minha gente não irão crer na tua pessoa: eles creem que as Leis do Templo foram feitas pelo Senhor.”

4/876 - “Digo que as Leis do Templo são verdades dos homens que exploram a fé em Deus de nossos irmãos, verdades que necessitam ser mudadas de tempos em tempos para que esses homens de poder continuem a explorar seus irmãos.”

4/877 - “O que estás a trazer a todos os povos não será igual as Leis do Templo, que muitos daqueles que são de minha gente começam a praticar e depois delas se afastam, Leis que os sacerdotes falam que é o único caminho para o Senhor?”

4/878 - “Ao contrário das Leis do Templo, que são feitas para que um ir-

mão explore outro irmão, **digo que Deus, em Seus ensinoss, nos mostra para sermos bondosos e justos com nosso próximo, o porquê de todo aquele que os praticar estará no caminho que conduz ao nosso Pai, e deste caminho não mais se afastará.**”

4/879 O garoto, pela primeira vez, dirigia-se ao genitor emanando autonomia, que foi perfeitamente percebida. Depreendeu o varão que o filho não mais carecia, independente da situação, de sua guarida.

4/880 Prosseguiu o almejado redentor no esclarecimento, convicto de que seus verbos seriam abrangidos pelo mantenedor e o alforreariam do que conservava em seu intelecto:

4/881 - “Digo que sei que a tua pessoa queria que a minha fosse carpinteiro, como és, mas não foi para ser carpinteiro que vim a esta morada nem para me unir a uma mulher, o que outros filhos de Deus farão. Digo que vim para trazer os ensinoss de nosso Pai e para resgatar compromissos de vivências passadas, como todos desta morada.”

4/882 O que o marido de Maria escutou lhe ensejou tranquilidade. De fato, sentiu-se emancipado do encargo de lhe proporcionar o que quer que fosse. Compreendeu e aceitou que seu colocutor conseguiria progredir em sua jornada sem que estivesse presente, pois conhecia o que viera fazer e possuía intensa fiúza no Senhor.

4/883 Encerrada a conversa, pediu o libertado a seu protetor que noticiasse o primogênito de Sara do acontecido.

4/884 Estranhamente, ao José adentrar na habitação do enteado, encontrou-o a se preparar para o deslocamento a ser realizado. Assustado, perguntou como é que podia, quem fora que o avisara, sendo elucidado:

4/885 - “Foi Mateus que me falou para ficar à tua espera, porque o pequeno José tem que partir.”

4/886 Nada comentou o abismado padrasto, porque nada inferiu do sucedido. Não testemunhara o nascido Jesus parolear com o terminal fruto de Ana, muito menos quando esse se retirara.

4/887 - “Quando o pequeno José te falou, se não vos vi juntos?”, inquiriu ao cunhado, super intrigado.

4/888 - “Ouço o pequeno José sem que ele me fale”, posicionou-o Mateus, o que o deixou mais confuso.

4/889 O prometido pelos profetas permaneceu na cava, acompanhado de Abigail, enquanto aguardava Simeão José, que, juntamente com a prestativa Joana, a esposa de seu funcionário, ultimava os ajustes para a marcha a ser empreendida até Jerusalém, como acreditava.

## 4-5.11

4/890 Estava o lutador ao lado de Judá contra a dominação dos de seu povo com a saúde ainda mais frágil em virtude dos ferimentos infligidos quando do suplício no palácio real. Deitado em um trançado, observava a movimentação do outrora nominado Azam. Quando esse, por instantes, diminuiu o ritmo da febril atividade, requestou-lhe que se aproxinasse. Externando seus sentimentos, clamou que se empenhasse pelo menino. Continuou o então zeloso pai:

4/891 - “Sei que junto do pequeno José muitos homens irão querer ficar: uns porque dele irão gostar; outros, pelo que ele poderá fazer. Falo que muitos homens irão querer tirar a vida do pequeno José porque ele mostrará a verdade do Senhor a todos, mas, quando aqueles que quiserem tirar a vida do pequeno José conhecerem o que ele veio fazer, não serão mais escravos daqueles que possuem poder e não mais dependerão de uma outra pessoa para o que quer que seja. Sei que o pequeno José saberá como levar todos para o Senhor.”

4/892 Simeão José, apesar de estar ciente de ser ele quem se responsabilizaria pelo rebento de Maria, com o intuito de fortalecer a escolha do gravemente enfermo, garantiu-lhe:

4/893 - “Vou proteger o pequeno José como se ele fosse da minha proteção.”

4/894 Pormenorizando seus planos, prosseguiu:

4/895 - “Quando a noite chegar, partirei, mas Joana ficará a cuidar da tua pessoa até que melhores; depois, se fará de mercador e irá levar alimentos e moedas aonde estivermos. Falo que Jessé e Joana estarão junto de mim.”<sup>[128]</sup>

4/896 Mais tarde, novamente o moribundo solicitou que o enteado se aproximasse, quando lhe confidenciou:

4/897 - “Falo que és protegido do coração, que minha única tristeza é que não sejas do meu sangue. Sei que estou doente por causa dessas chagas que não querem me deixar, o que está a me impedir de te seguir na caminhada que irás fazer junto do pequeno José. Falo que se a minha pessoa fosse com a tua, só dificultaria o caminhar de todos.”

4/898 Decidido, anunciou:

4/899 - “É chegada a hora do pequeno José ser chamado como o Senhor me falou. Vou te falar o que o Senhor me confiou, agora que o pequeno José vai para Jerusalém falar no Templo, como ele me falou, e sei que não mais irá parar da falar sobre as Leis do Senhor. Para ser protegido, logo após o pequeno José

---

[128] Joana cuidou do herdeiro de Jacó até que ele desencarnasse. Do que garantiria que faria no porvir, nada executou.

ter chegado do ventre de Maria, troquei como era chamado por Jeremias, depois por pequeno José. Agora, falo para chamares ele de Jesus, como o Senhor me confiou. Sei que Jesus irá levar as Leis do Senhor para todos aqueles que são de nossa gente, que todos os anjos do Senhor estão a proteger ele e aquele que estiver com ele.”

4/900 Complementando, recomendou ao respeitado varão:

4/901 - “Não pratiques nada em tua vida que, quando sentires deixar este mundo, te faças pedir perdão ao Senhor pelos erros cometidos, como estou a fazer. Fico aqui a esperar a hora de ir para onde terei que ir.”

4/902 O atentíssimo colutor abarcou que quem amava como legítimo genitor expressava-se com sinceridade, que se arrependera do que não fizera de bom.

4/903 Ao findar com quem tinha como legítimo filho, José se aquietou. Joanna, notando-o a repousar, glosou com o patrão:

4/904 - “Sempre que esse homem tem o corpo a queimar, adormece. Parece que o Senhor está a aliviar o seu sofrimento.”

4/905 Quando encerrado o apresto, articulou Simeão José, como despedidas, para Jacó:

4/906 - “É só começarmos a caminhada em direção à verdade do Senhor. Que as luas que vamos ficar junto de Jesus seja de proveito para todos e que pratiquemos tudo o que ele irá nos mostrar sem que nossos interiores falem que é impossível. Se o Senhor irá nos mostrar a Sua verdade, é porque temos condições de entender. Que cada um faça a sua parte nesta caminhada junto daquele que foi prometido.”

4/907 Abrigado pelo negrume que imperava, o primogênito de Sara, escoltado por Jessé, adentrou na caverna em que o nascido na luminosa Estrela, Abigail e o caçula de Ana os aguardavam. Quando narrou ao primo o lhe segredado, dele escutou:

4/908 - “A minha pessoa tinha conhecimento que José te diria tudo o que conhecia sobre mim.”

4/909 Sabedor do desassossego do aparentado em relação a saúde do padraсто, prosseguiu:

4/910 - “Digo que José não sente dores, está é muito feliz pelo momento de sua vivência. Como todos nós, ele está amparado pelos enviados por Deus. Quando José deixar o corpo de carne que tem, digo que nos fará companhia.”

4/911 Por muito acreditar no não mais pequeno José, Simeão José nada mais questionou.

4/912 Mateus, a partir de então, agrupou os seus escritos em ordem cronológica, neles gravando M A M. Intitulou seu primeiro empilhado de couro de

A Vida de Jesus e a Nossa Alegria de Estar com Ele. As marcações de alguns acontecimentos e ensinamentos anteriores, fê-las em rolos separados.

4/913 Ao descobrir a ausência de seu prisioneiro, Zidec sentenciou que ele não poderia ter-se evadido sem assistência. Informado de que Júlia também desaparecera, uniu as evidências e por Belém os procurou, não obtendo notícia. Os reprimidos fizeram valer a resolução de Herodes Antipas de não proferirem palavras a ele, a seus comandados ou aos romanos. Não foram punidos, porque obedeciam ao decreto de quem se anunciava rei. O sucedido fez com que Secur, atrevido por estar familiarizado com as fraquezas de seu chefe imediato, comentasse:

4/914 - “Foste pego pelas tuas próprias Leis. O que era castigo àqueles que são hebreus foi o que libertou eles da tua pessoa”, vocábulos que enfureceram o consiliário; contudo, nada respondeu, unicamente lhe determinou que fosse substituir a sentinela atocaiada na adjacência do estabelecimento de Simeão José.

4/915 A vigilância atocaiada na adjacência do local onde o ex-recluso poderia ressurgir foi contínua. Nada de anormal perceberam, ninguém estranho entrara ou saíra, apenas Mateus circulava com desenvoltura. Devido sua frenética movimentação, assumiram que ele igualmente buscava pelo fugitivo. Somente quando Secur cochilou foi que o gerado por Sara e seu secretário se retiraram.

## 4-6

4/916 Jessé, que totalizava dezesseis aniversários, era um dos auxiliares de Jacó. Ao planejar suas atividades junto do anelado servidor, Simeão José o estimulou para se integrar ao trabalho que faria. Sua tarefa, primordialmente, seria abastecê-los de mantimentos e de recursos financeiros proporcionados pela carpintaria nos vilarejos em que estivessem. Deslocar-se-ia como um desprovido de pecúnia que não ameaçaria quem se preocupasse com ele, o que tinha, jazia nos asnos.

4/917 O jovem permanecia insatisfeito com os Herodes em virtude de o que os tiranos diuturnamente perpetravam. Desde criança, afirmava que não se importaria em ser condenado à morte na cruz por agir em defesa dos de seu povo, o que não poderia era nada fazer enquanto muitos deles eram chacinados. O desejo da chegada de quem os profetas vaticinaram sempre estivera em seu íntimo. Proclamava sua vontade de colaborar com o bem-estar do próximo; porém, jamais com revolta para com os dominadores ou obstinado por vingança, pois, exclusivamente, ansiava a justiça do Senhor, o que o salvador traria.

4/918 Presumindo-se convocado, mostrou-se radiante. Apregoou que Deus realmente existia, pois insistentemente Lhe rogava para que o colocasse perto do redentor. Por permitir, agradecia-Lhe com comoção. No mesmo instante do chamamento e defronte do convidador, ao Arquiteto do universo se dirigiu:

4/919 - “Como o Senhor é bom para com todos aqueles que são de minha gente. Sei que o Senhor não me pediria para dar a vida ao Seu prometido, mas darei, se for necessário.”

4/920 Eufórico por ter sido um dos selecionados, complementou:

4/921 - “Falo que sou um dos eleitos pelo Senhor para cuidar do Seu prometido.”

4/922 Com a demonstração de imensa fé, pois desconhecia a grande confiança no Senhor que seu zeloso funcionário possuía, o primogênito de Sara ficou em paz.

## 4-6.1

4/923 A pequena caravana composta por Jesus, Mateus, Jessé, Abigail e Simeão José, que admitia para si mesmo ter como destino Jerusalém, deixou o lugarejo onde a Estrela da Manhã se fez mais nítida protegida pelo negro véu da noite.

4/924 Durante o percurso, o guia físico pouco discorreu, apenas algumas orientações pronunciou.

4/925 Com três jumentos empregados no transporte das cargas é que viajavam, o que era insuficiente, por não poderem abandonar Belém com outros, muito menos com camelos, o que levantaria suspeita. Os quadrúpedes eram os mesmos que o último fruto do ventre de Ana utilizara nas inúmeras entregas que realizara depois de ter posicionado o inusitado livramento ao sobrinho materno. Esse, cômico de que era atalaiado, engendrou a estratégia; entretentes, não se afastou da oficina, mantendo-se constantemente a vista do comandado. Ao findar o dia, quando Secur sequer se interessava pelo improvisado e lépido caixeiro, carregou os animais com as provisões para a marcha e lhe instruiu que fosse para a caverna na qual a dupla que se evadira do palácio real se ocultava, e não retornasse. Quando mais uma vez o assecla de Zidec observou o garoto saindo, julgou que regressaria.

### ***DEUS PRECISA DE OFERTAS MATERIAIS?***

veja 4/929

### ***QUANDO JUNTOS DE NOSSO PAI, SEREMOS QUESTIONADOS SOBRE QUEM FOMOS OU O QUE A ELE DEDICAMOS?***

veja 4/935

### ***PRATIQUEMOS OS ENSINOS DE DEUS COM OS IRMÃOS QUE NOS DEPARARMOS, MESMO QUE ELES NÃO OS ACEITEM.***

veja 4/939

**GARANTIR QUE EXERCITAMOS OS ENSINOS DE  
NOSSO PAI NOS CONDUZ A ELE?**

veja 4/942

**QUANDO CULTIVARMOS O QUE PROFERIMOS,  
NOSSAS PALAVRAS CONSERVAR-SE-ÃO NO  
INTELECTO DO IRMÃO QUE TENHA NOS ESCUTADO.**

veja 4/946

4/926 Antes que os raios do Sol florescessem, avizinhando o entroncamento, desvio do caminho, como denominavam, para Betânia, o aguardado libertador reuniu seus acompanhantes, quando assegurou:

4/927 - “Digo que por agora não iremos para o Templo de Jerusalém.”

4/928 Sentindo o espanto do carpinteiro de Belém, como a se interrogar o porquê, na madrugada de tênue luar, continuou:

4/929 - “Digo que aos olhos dos desta morada, somos duas crianças, uma mulher e dois homens, e em Jerusalém encontraremos irmãos que usam o Templo para escravizar os hebreus. Os homens de poder que estão no Templo de Jerusalém fazem com que todos creiam que Deus está naquele local, e os hebreus creem que nosso Pai está além daquele manto, a receber o sangue que a Ele é levado. **Digo que é chegada a hora de todos os povos saberem que Deus não necessita de sangue para nos proteger; que nosso Pai é puro espírito, e puro espírito não necessita de lhe ofertemos nada de material.**”

4/930 Esclarecendo sua plateia e a nós, arrematou:

4/931 - “Digo que o espírito que busca ajuda material dos que na vida de carne estão são aqueles que insistem em permanecer na vida verdadeira.”

4/932 - “Mas, se o Senhor não fica com as ofertas que são levadas aos Templos, aqueles que estão a ficar com elas são os romanos”, inquiriu Jessé.

4/933 - “Digo que aqueles que ficam com a matéria que é ofertada nos Templos são os sacerdotes.”

4/934 - “Se o Senhor não fica com as ofertas, como é que saberá aquele que sou, como é que saberá quanto ofertei a Ele?”

4/935 - **“Digo que Deus receberá cada um de nós, Seus filhos, depois que chegarmos na vida de puro espírito, sem perguntar aquele que fomos ou o que ofertamos a Ele quando em um corpo de carne estávamos.”**

4/936 - “O que devo fazer para chegar nesta vida de puro espírito que falaste?”

4/937 - **“Digo que para chegarmos na vida de puro espírito, pratiquemos os ensinoss de nosso Pai, primeiro com nós mesmos, depois, com todos os nossos irmãos.”**

4/938 - “E se aqueles que são de minha família não aceitarem que a minha pessoa pratique os ensinamentos que estás a trazer do Senhor?”

4/939 - **“Mesmo que nossos irmãos não aceitem os ensinamentos de Deus, digo para os praticarmos com todo aquele que encontrarmos.”**

4/940 - “Sei que já estou a chegar junto do Senhor porque pratico todas as Leis do Templo de Jerusalém”, afirmou o questionador para si mesmo.

4/941 Norteando não apenas ao estufo aprendiz, o mirrado professor se manifestou:

4/942 - “Para chegarmos junto de Deus, digo para praticarmos os Seus ensinamentos, não as Leis do Templo. **Só dizer que praticamos os ensinamentos de nosso Pai não nos conduz a Ele. Digo que não há outro caminho para chegarmos junto de Deus que não seja a prática dos Seus ensinamentos.**”

4/943 Retomando o assunto inicial, complementou:

4/944 - “Por agora, não iremos para Jerusalém. Somos poucos e serei calado antes de começar a anunciar os ensinamentos de Deus a todos os povos. Digo que não vim a esta morada criada pelo nosso Pai para ser calado antes de começar o que vim fazer. Vamos para Betânia, na moradia de Lázaro, que nos acolherá e, ao amanhecer, seguiremos para Coram, junto dos essênios, que são homens de conhecimento, respeitados por todos e sabem tudo o que se passa no Templo de Jerusalém. Digo que em caravana com os essênios, entraremos no Templo de Jerusalém sem discórdia ou confronto com os romanos. Seremos, então, em maior número de homens e estaremos prontos para começar a anunciar os ensinamentos de nosso Pai a todos os povos.”

4/945 - “Aqueles que são essênios, que são homens de sabedoria, crerão nos ensinamentos que estás a trazer”, indagou o surpreso Mateus.

4/946 - “Se virem que praticamos o que trago a todos os povos, crerão nos ensinamentos de Deus. **Quando praticamos o que anunciamos, digo que o anunciado ficará para sempre na mente de todo aquele que nos ouvir.**”

4/947 - “Aqueles que são essênios seguirão junto das nossas pessoas por todos os caminhos?”

4/948 - “Se os essênios quiserem, digo que poderão seguir junto de nós e anunciar os ensinamentos de Deus a muitos outros de nossos irmãos.”

4/949 Próximo ao almoço, aportaram em Betânia. O artesão de cestos, avisando quem o convidara para ser um divulgador, segundo ele, das verdades do Senhor, felicíssimo, interrogou-lhe:

4/950 - “Vieste me buscar, como falaste?”

4/951 - “Digo que tua hora de ajudar no anunciar os ensinamentos de Deus ainda não é chegada.”

4/952 Simeão José pediu ao anfitrião o que careciam, confidenciando-lhe para onde se dirigiam. O filho de Pústula não fez uma única arguição, e a totalidade do solicitado atendeu. Desde a ocasião, de bom grado, deu guarida aos que vieram em nome do prometido.

4/953 O quinteto permaneceu o restante do dia no vilarejo e, no alvorecer ulterior, rumou para Coram.

## 4-6.2

4/954 Alguns hebreus, em 45 a.C., quando do principiar da construção do Templo do Monte, chefiados por Essênio, rabino de Betânia, originaram a seita dos essênios, como foi o grupo classificado.

4/955 O valoroso líder nasceu perfeito e, com vinte e três aniversários, no exercício da nobre atividade, sofreu um acidente em que teve uma das coxas esmagadas por uma pedra. Corajosamente, sozinho a amputou. Embora tenha sobrevivido, não mais foi autorizado seu ingresso na moradia do Senhor; sequer nas escadarias podia ficar, porque era defeituoso. Transmutou-se em um pária; no entanto, seus anhos e moedas de troca eram recebidos como oferendas.<sup>[129]</sup> Desse fato adveio sua desconfiança da ausência do Senhor na edificação, pois Ele teria ciência do real motivo de não possuir um de seus membros inferiores.

4/956 O arabi depositava imensa fidúcia em Deus. Isolava-se para efetuar suas preces, não se nutria de carne por compaixão dos irracionais e tinha o Senhor como o ser supremo do universo, não os homens, cheios de falhas. Por vários de seus compatriícios demonstrarem o mesmo sentimento, fizeram surgir um pequeno aglomerado humano, Coram, erguido a trinta quilômetros das margens do Mar Morto, inicialmente para os impedidos de irem aos Templos e os seus. Não se cansava de apregoar:

4/957 - “Podem ser excluídos, mas o Senhor gosta de todos eles.”

4/958 Com o transcorrer dos anos, os objetivos com os quais erigira o harmônico sítio foram sendo incorporados por mais dos de sua gente, também descontentes, pois no Templo de Jerusalém, o centro da autoridade dos sacerdotes, não existia fé no Senhor, era apenas um local de comércio, o que resultaria a destruição do seu povo.

---

[129] Quando as mercadorias para pronta entrega se esgotavam, os negociantes recebiam pelas que na vindoura estadia trariam, ofertando aos adquirentes um certificado de que as teriam. A esse documento foi dado o nome de **moeda de troca**, que eram cunhadas em ferro, irregulares no tamanho e constituíam as oferendas mais cobiçadas pelos presbíteros. Cada comerciante possuía seu próprio comprovante e unicamente por ele se responsabilizava.

4/959 Os essênios primitivos não entendiam como correto que deveriam criar cordeiros brancos para serem dedicados ao Senhor. Tinham como veraz que Ele era bondoso, que os conhecia, e, por ser equitativo, saberia que nada ameaçariam; portanto, em hipótese nenhuma os puniria por não lhe presentearem.

4/960 Como a quantidade de presbíteros somente aumentava, pouco sobrava aos subjugados. Os enganadores, com enorme cupidez por recursos materiais, exigiam mais e mais dádivas para aplacar a cólera do Senhor, como alastravam. Não satisfeitos em propagar disparate assertiva, inauguraram era de pungente padecimento aos já exaustivamente reprimidos, sempre alegando que obedeciam ordens do Próprio: caso não efetuassem as impreteríveis oblatas, seus filhos e filhas eram feitos escravos para compensá-Lo.

4/961 Divulgavam os clericais que o incenso utilizado no Templo do Monte provinha do Egito e custava inúmeras moedas; contudo, muitos descobriram que os das famílias dos sacerdotes é que o faziam, que o obtido para eles se destinavam, como também os dóceis bovídeos acabavam em suas fartas refeições, enquanto que os espoliados nada tinham para comer.

4/962 Os essênios não sacrificavam animais, tampouco se alimentavam de carne. O coito era exclusivamente para a procriação. Abstinham-se dele, entretanto, os homens do Senhor, como eram designados os responsáveis pela coletividade. Afirmavam que, ao se vincularem conjugalmente, não se sintonizariam com o Senhor. Para O alcançarem, conservavam-se distantes de sangue. Para tanto, com mulher menstruada não mantinham diálogo.

4/963 Nos insignificantes, para os da época, aglomerados fundado por eles, estavam lotados, no mínimo, dez homens do Senhor, encarregados por até cinquenta casais, que permitiriam aos cabeças que educassem dois do sexo masculino de sua prole, se os tivessem, quando atingissem eles as doze safras, idade que chamavam tempo da impureza.

4/964 O íncola que manifestasse vontade de ir embora poderia, mesmo que fosse um dos entregues para serem instruídos; porém, jamais seria aceito novamente. O hebreu que desejasse com eles viver, consoante os preceitos que os norteavam, ou levar-lhes o filho, teria seu pedido acatado.

4/965 Os castos varões ficavam em constante oração, quer pelos de sua gente, quer pelo advento do almejado salvador, quer para que os meninos que viviam nos agrupamentos não se contaminassem pela abastança dos clérigos.

4/966 Com a consolidação do poder de Herodes Antipas na tetrarquia e com a chegada de expressivo contingente de romanos, passaram os essênios a se fazer credores de maior confiança dos seus conterrâneos que, dia após dia, menos de-

tinham, despojados que eram de suas ceifas, alimárias e filhos. O déspota e seus conselheiros, além dos oriundos da grande metrópole, locupletavam-se com o quase nada que os do povo amealhavam, restando aos dominados a fiúza na vinda do noticiado pelos gabaritados vaticinadores de antanho. Igualmente aos essênios, muitos sentenciavam:

4/967 - “O Senhor não me castigaria por não fazer ofertas. O Senhor sabe que nada tenho.”

4/968 Por não possuir aparentado ou alguém de seu conhecimento em Jerusalém, foi o primogênito de Maria orientado para ir a Coram. Também porque, para adentrar nos Templos, teria que seguir a Lei: apenas os que completaram as doze meses estavam habilitados.

4/969 Sedimentou o não mais Jeremias nas mentes dos de Coram que Deus é justiça, paz e compaixão, o que buscavam; que não O encontrariam na violência, pois ela o que traria era sofrimento; que deveriam voltar aos ideais dos pais de seus pais, de uma Jerusalém sem ódio e ganância.

4/970 Por continuarem não pactuando com o que acontecia no principal covil dos sacerdotes, os homens do Senhor de Coram se preparavam para, mais uma vez, ir ao vilarejo e demonstrar a eles a indignação que imperava na comunidade. Ratificariam o desacordo concernente ao tratamento dispensado aos que propagandeavam guiar, a riqueza que ostentavam enquanto que seus conduzidos eram imensamente miseráveis. Rejeitavam como procedimento apropriado ser a inculta população obrigada a doar ao Senhor, nos Templos, um cordeiro, e branco por inteiro, no mínimo, em uma ocasião em cada colheita. Se não o fizessem, segundo os presbíteros, seriam por Ele penalizados no que consideravam seu substancial investimento na posteridade: seus filhos, que se transformariam em escravos. Por terem os hebreus nos herdeiros masculinos a garantia de um porvir sem fome, os essênios não admitiam o que os clérigos asseveravam. Foram os únicos a protestar contra a situação vigente.

4/971 A caravana com o aspirado redentor aportou em Coram quando os homens do Senhor principiariam a marcha até Jerusalém. O meigo neto de Jacó, solitariamente, foi recebido pelos doze, quando revelou:

4/972 - “Digo que sou aquele que foi prometido pelos profetas para mostrar a todos os povos os ensinamentos de Deus, o Pai de todos nós.”

4/973 Incontinênti, foi-lhe inquirido:

4/974 - “Se és um só homem, como poderás estar entre todos os povos?”

4/975 - “Não estarei só, digo que muitos outros de nossos irmãos virão com a minha pessoa a semear os ensinamentos de Deus.”

4/976 Relatou então o motivo de sua presença:

4/977 - “Peço que me espereis estar pronto para que entreis com a minha pessoa no Templo de Jerusalém. Digo que necessitarei de todos vós em Jerusalém, como necessitareis da minha pessoa para chegardes em Jerusalém.”

4/978 - “Por que necessitarás de nossas pessoas em Jerusalém?”

4/979 - “Digo que é por a minha pessoa não ter a vivência na vida de carne que vossos corpos têm. Para os homens, não tenho colheitas para que creiam em mim e, por serdes homens de respeito em toda Jerusalém, sereis testemunhas de que sou o prometido pelos profetas, de que os ensinamentos que trago são de Deus.”

4/980 Convicto, concluiu:

4/981 - “Digo que necessitareis da minha pessoa na caminhada até Jerusalém. Com a ajuda dos enviados por Deus, seremos desviados dos perigos.”

4/982 Um dos varões, que escutava e enxergava não somente a vida de carne, durante a explanação prestou atenção aos que acompanhavam o ainda menino, bem como à serenidade com ele respondia as indagações efetuadas. Findada a exposição, manifestou-se, com peremptoriedade, pelos demais:

4/983 - “Falo que és o prometido pelo Senhor e que estaremos com a tua pessoa.”

4/984 No pouco tempo que restava a Jesus para perfazer os doze anos, permaneceu ele em Coram a nortear os do agrupamento, secundado por Mateus, Simeão José, Abigail e Jessé, que se ausentou em uma exclusiva oportunidade.

4/985 20 de Abril de 2 d.C. marcou a entrada, na afamada cidade, dos homens do Senhor de Coram, que escoltavam o anelado servidor, para que ele discursasse no Templo.

## 4-6.3

4/986 Quando do desaparecimento do prisioneiro não eliminado por ocasião do cumprimento do malfadado decreto de Herodes, o grande, o poderoso e sempre consiliário, após as buscas por Belém, não se empenhou com afinco em

localizá-lo. Julgou que entre os da paupérrima população surgiria um movimento emancipacionista, no qual o garoto seria aclamado monarca. Como os dominados acreditavam no Senhor, obviamente o Seu mensageiro se valeria da fé que Nele depositavam. Persuadido de que o pequeno José resistiria aos romanos para que os de sua gente volvessem às origens, ao sonho de seus antepassados de viverem na terra que lhes fora assegurada, ficou no aguardo de que o venturo soberano da Judeia fizesse o primeiro ataque. Com o passar dos dias, frustrou-se por nada atentar sobre o que acantara como verdade. Perguntava-se sem trégua:

4/987 - “Mas onde estará aquela cria?”

4/988 Já o enfermo José, convenientemente, para ele e para os que o cercavam, esquecido pelos asselvajados soldados desde que deixara as escadarias do palácio, e por Zidec, que não se importava pelo destino do desprezível carpinteiro, uma vez que seu objetivo era apenas o almejado, pelos subjugados, salvador, foi contatado por um mercador que em Nazaré estivera e lhe trouxera notícias da família. Apesar da vontade de retornar, via-se impossibilitado, pois, após a partida de Jesus, não mais andara. Segundo ele, suas pernas lhe abandonaram. Do paradeiro do primogênito de Maria posicionado ficou por Jessé, quando esse, por dois dias, demorou-se em Belém.

4/989 Quem viajava como um desprovido de pecúnia, regressando para Coram, transmitiu seu convencimento de que não careciam ficar inquietos com o conselheiro real, pois ele possuía preocupações mais significativas que sair à caça da esposa e do filho do deus dos hebreus. Também participou a Simeão José, conforme abonara Jacó, que as encomendas estavam abundantes.

4/990 - “O Senhor sabe do que necessitamos”, fez-se incisivo o colocutor.

4/991 Côncio de que aportara em Cessareia de baixo o novo procurador, em 19 de Janeiro de 2 d.C., evidenciou-se para Jessé que Zidec não era motivo de apreensão.<sup>[130]</sup>

4/992 Pôncio Pilatos, cientificado do acontecido ao seu predecessor e da identidade dos assassinos, não aceitou que Ezequias ousara tirar a vivência de um romano sem expressa determinação de seu superior imediato. Por avaliar conhecer a maneira de agir do influente consiliário para com seus subalternos, acolheu que esses lhe eram fiéis pelo medo que fazia questão de espalhar.

---

[130] Marzius não se inteirara de que seria substituído.

4/993 Por ter informantes nos mais diversos lugares, até junto de Herodes Antipas, aos ouvidos do ex-companheiro de Júlia chegou que o soberbo estrangeiro, muitíssimo interessado no sucedido, por não admitir como verossímil a versão apresentada, fazia inquirições e comentários incriminadores sobre a emboscada. A par ainda ficou do que o recém-vestido no cargo apregoava a seus bajuladores:

4/994 - “Zidec tem culpa na morte de Marzius.”

4/995 O que o conselheiro jamais supusera é que Pôncio Pilatos fosse, simplesmente, irmão do desafeto que ordenara ser chacinado.

## Capítulo 4

4-1 O cotidiano de José e dados característicos de Nazaré;

4-2 O decesso de Alfeu:

- O jogador em Cérculis;

4-3 Palestina;

4-4 *Anunciando* ao genitor o que viera fazer:

4-4.1 Quem tudo testemunhou;

- *Conduzindo* saqueadores ao caminho do bem;

4-4.2 O futuro de Tiago, o caçula de Maria;

4-4.3 A certeza do que *queria* se fazendo presente;

4-4.4 *Sua* posteridade supostamente decidida por José;

- O próprio Mateus define seu porvir;

4-5 De Nazaré rumo a Jerusalém:

- *Curando* Simão;

4-5.1 O passadouro da purificação;

- As profecias de Isaías, o mais respeitado dos pressagiadores hebreus;

4-5.2 A insistente dúvida de José;

- No deserto, sob tempestade de areia;

4-5.3 *Reconhecido* por Davi;

4-5.4 O sacrifício dos onze peregrinos;

4-5.5 A alegria de Júlia;

- 4-5.6 *Pela primeira vez* com Lázaro;
- 4-5.7 José persuadido de que obteria auxílio;
- 4-5.8 Em Belém, *seguro* junto de Simeão José;
- 4-5.9 *Fazendo-se* prisioneiro por Abigail;
- 4-5.10 *Sua* última conversa com José;
- 4-5.11 *Como Jesus*;
- As marcações de Mateus;

4-6 Jessé:

- 4-6.1 Ainda não Jerusalém como destino;
- 4-6.2 *Com os essênios* em Coram;
- 4-6.3 Os acontecimentos depois que *deixou* Belém.



**Mar Mediterrâneo**

• Cessareia de cima

• Corazim  
• Cafarmaum

"Mar" da Galileia

• Nazaré

• Betecham

• Cessareia de baixo

• Jericó

• Jerusalém

• Betânia

• Betém

• Coram

• Ascalom

• Hiatta

"Mar" Morto

• Gaza

